

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL**

TAINÁ DOS SANTOS OLIVEIRA

MINHA CASA MINHA VIDA?
Da Política de Habitação às políticas de habitar

Niterói (RJ)
Julho/2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
LINHA DE PESQUISA: SUBJETIVIDADE, POLÍTICA E EXCLUSÃO SOCIAL**

TAINÁ DOS SANTOS OLIVEIRA

MINHA CASA MINHA VIDA?
Da Política de Habitação às políticas de habitar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

Niterói (RJ)
Julho/2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

O48m Oliveira, Tainá dos Santos
Minha casa minha vida? Da Política de Habitação às
políticas de habitar. / Tainá dos Santos Oliveira ; Danichi
Hausen Mizoguchi, orientador. Niterói, 2018.
101 f.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGP.2018.m.11644767775>

1. Políticas Sociais. 2. Moradia. 3. Sistema Único de
Assistência Social . 4. Narrativas Ficcionalis. 5. Produção
intelectual. I. Título II. Mizoguchi, Danichi Hausen,
orientador. III. Universidade Federal Fluminense. Instituto de
Psicologia.

CDD -

TAINÁ DOS SANTOS OLIVEIRA

MINHA CASA MINHA VIDA?

Da Política de Habitação às políticas de habitar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi

Niterói, 13 de julho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Danichi Hausen Mizoguchi
(Orientador)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Claudia Elizabeth Abbês Baeta Neves
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luis Antonio dos Santos Baptista
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Luís Artur Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**À Rozinete,
Chiquita Bacana de quem sou filha.**

Agradecimentos

Deixo aqui o terno agradecimento àqueles que teceram comigo, entre vida e verbo, entre pele e casa, esta escrita.

À Mamis, que cultivou em mim a afeição pelas palavras e que sempre valorizou bem mais as cores e garatujas da infância do que a brancura das paredes lá de casa.

À [Tainá]Maíra a outra metade do meu nome, que no partilhar da vida e no crescer junto, segue a me ensinar como habitar em irmandade.

Ao Pedro Medeiros, melhor sobrinho, que não me deixa esquecer que há muita vida a se criar. Obrigada por me contar as suas aventuras com seus amigos imaginários, suas histórias e vidas variadas.

À Lucila, com quem aprendi o significado de parceria. Se um par é sempre mais que dois, você segue sendo a melhor multiplicidade com quem tive o prazer de parear.

Ao Danichi, amigo e orientador, por comigo ligar breus e dar sentido aos mundos. Que nossa harmonia permaneça ressoando em outras viagens e alegres portos.

À Lais Amado, mãe, pai e doula das minhas palavras, por gestar desejo e anseio de escrita em tardes cafeinadas e amenizar a dor do parto em longas noites embriagadas. Sem você esta criança não nasceria.

À Lorena, que na lonjura do sertão no qual se esconde sempre burla a distância com e-mails de amor e incentivo.

À Karyna Couto, Bárbara Santiago e Glaucia Helena, que entre rodar copos e pratinhos, acalentaram com sorrisos a vida em desequilíbrio.

À Paloma Meirelles, por me mostrar que não há medida, tamanho ou titulação acadêmica que nos defina ou limite.

Ao Luan, por garantir a continuidade da vida do corpo biológico com alimentação saudável, e ainda mais, por no dia a dia, me mostrar que habitar é bem mais que isso. Obrigada por se fazer casa no momento mais preciso.

Ao Rogério, por não me deixar esquecer que a vida na qual apostamos pede por caminhar lento, de mão dada e com música no ouvido.

À CAPES pela bolsa de fomento concedida.

Às vozes sem nome que habitam estas páginas. São muitas, são todos, somos nós, vocês e ainda sim, ninguém.

Resumo

As atuais legislações da Política Habitacional Brasileira entendem casa como abrigo de indivíduos e privacidade doméstica como condições básicas necessárias ao sujeito para se manter e exercer, nela, todo o seu potencial. Entretanto, o exercício de operar as Políticas de Habitação, o Programa Minha Casa Minha Vida e sua articulação com a Política de Assistência Social brasileira contemporânea construiu encontros que tensionam os modos de subjetivação centrados em práticas individualizantes supostas nos desenhos das políticas sociais. Frente a um conceito de casa e habitação suposta e sustentada em documentos oficiais, empreende-se aqui uma aposta metodológica de complexificar a realidade, através da tecitura de narrativas ficcionais que seguem os passos, tropeços e vacilantes de uma Personagem Conceitual. Esta, nos encontros com a Política de Habitação, insiste em exercer sua atividade laboral fazendo proliferar modos outros de olhar e experimentar as Políticas Públicas; outras histórias, outras Políticas de Habitar.

Palavras-chave: Políticas de Habitação. Sistema Único de Assistência Social. Moradia. Escrita.

Abstract

The current legislation of the Brazilian Housing Policy understands home as a shelter of individuals and domestic privacy as the basic conditions necessary for the subject to maintain and to exude in it the full potential. However, the exercise of the Housing Policies, the Minha Casa Minha Vida Program and its articulation with the contemporary Brazilian Social Assistance Policy built meetings that stress the modes of subjectivation centered on individualizing practices assumed in the designs of social policies. Faced with a concept of house and supposed and sustained housing in official documents, we undertake here a methodological bet to complexify reality, through the weaving of fictional narratives that follow the steps, stumbling and faltering of a Conceptual Character. This, in the encounters with the Housing Policy, insists on exercising its labor activity by proliferating other ways of looking at and experimenting with Public Policies; other stories, other Politicians of dwell/occupy.

Keywords: Housing Policies. Unified System of Social Security. Home. Writing.

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	
Resumo.....	
Abstract.....	
Pelos espaços das casas.....	1
Pelo espaço, há casa.....	2
Política, políticas: habitações de um problema.....	7
Morro acima.....	8
Bichos de luz.....	10
Solevantar fumaça.....	13
No topo do mundo.....	14
Morro abaixo.....	16
Políticas públicas, políticas de assistência: habitações de um programa.....	19
Do branco que nos circunscribe.....	20
A música não me deixa trabalhar.....	21
Por conta da casa.....	27
Perfil de quem?.....	32
Fissura e decadência: onde ruínas e obras se confundem.....	38
Pode ser a gota d'água.....	45
Cumulonimbus: corpos sólidos nas nuvens.....	48
Políticas de pesquisa e de escrita: habitar um método.....	57
Da pele ao verbo.....	58
O que as palavras me dizem quando tento dizer Eu:.....	60
O que restou do rosto?.....	63
Vidas, casas: outras habitações.....	71
Fim de expediente.....	72
101.....	74
102.....	76
103.....	77
201.....	77
202.....	78
203.....	79
301.....	80
302.....	81
303.....	81
304.....	82
Fim da picada.....	84
Ainda pelo meio de estrada: onde trabalho vizinha com casa.....	85
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	87
Lista de Audio visual.....	92
Lista de reportagem.....	92

Pelos espaços das casas

Introdução

Há um poema engasgado no peito.

Pelo espaço, há casa

Enfileirados em caixas de metal, engarrafados e irritados a buzinar, bufando para a cidade, querem chegar em casa. Sentados no meio fio, alucinados numa onda sintética com a boca grudada sem nem conseguir articular CA-SA. Ouvem berrar em seus ouvidos: “vão pra casa! ”. Aos que casam, casa. Uma nova aos que se separam. Casa de repouso aos de idade avançada. Residência terapêutica a vidas longamente institucionalizadas. Não importa onde ou como: nasceu? É necessária uma casa. Veja bem, não falo apenas de desejo, direito ou vontade, falo de necessidade. “Sem casa não há vida! ”, parecem alardear quando dizem que

(...) casa é o lugar do habitar do indivíduo, onde se pratica a privacidade doméstica, e através do qual se busca atingir objetivos pessoais do indivíduo e os objetivos comuns a ele e ao grupo de pessoas com quem partilha o espaço doméstico. É o local da existência, da subjetividade do morador. Dessa forma, pode-se considerar a casa como sendo uma ‘máquina’ que deve funcionar bem para abrigar satisfatoriamente as atividades fisiológicas e privadas de seus habitantes, com conforto e segurança. Ao mesmo tempo, é o ponto concreto que provê aos seus habitantes o apoio e a referência em relação ao mundo exterior. (BRASIL, 2014, p. 25)

Ali a casa é encarada como um espaço privado, teto e paredes para nos proteger das intempéries do tempo, um espaço construído onde suas paredes marcam os limites entre um exterior público avesso ao controle e, portanto, virtualmente perigoso ao sujeito que pensado em sua interioridade necessita de paz e calma para exercer suas escolhas e desejos. A casa seria então um espaço propício ao habitar na medida mesma que favorecesse essa proteção do exterior e possibilitasse esse investimento em si.

Érica Camargo (2007), apoiada nas ideias e conceituações de Norberg-Schulz, afirma que:

*o habitar também compreende a escolha de um “pequeno mundo” para nós mesmos, para onde nos retiramos e onde experimentamos o recolhimento de que necessitamos para o desenvolvimento de nossa própria identidade. Assim, o autor passa a falar do *habitar privado*, referindo-se àquelas ações que ocorrem nesse nosso “pequeno mundo”, afastadas do convívio social e da intrusão de estranhos. E o cenário onde esse habitar privado tem lugar é a casa – ou o lar –, onde experimentamos a chamada “paz doméstica”, e onde reunimos e expressamos as memórias que constituem nosso “mundo pessoal”. (p.26, grifos da autora).*

Portanto casa: metros quadrados de concreto, gesso, argamassa; braços de sua amada ou seja lá onde seu coração repouse; onde há segurança anunciada, portas e janelas fechadas, sua bagunça espalhada; onde deixa suas marcas; onde descansa da estrada.

O documento oficial diz que em 2015 no país o déficit habitacional estimado

corresponde a 6,355 milhões de domicílios (FJP, 2018, p.31)¹. Faltava estoque de moradia àquelas famílias cujos problemas sociais específicos de habitação acozavam: casas que são consideradas precárias e precisariam ser trocadas, ônus excessivo com aluguel, coabitação familiar, ou adensamento excessivo de moradores em imóveis alugados. Faltava renda, sobravam dívidas, faltava espaço na casa e espaçosa era a avenida que invadia. A cidade que crescia por cima de famílias, casas que escorriam morro abaixo com a chuva que vinha, casas que subiam ladeira acima porque a família crescia, outras que eram desocupadas à revelia porque a milícia “pedia”.

Para enfrentar o déficit habitacional, medidas seriadas e casinhas programadas: através da construção de novas unidades habitacionais, o Programa do Governo Federal Minha Casa Minha Vida (PMCMV) surge em 2009 como uma das soluções possíveis para faltas variadas.

A parede (que antes era só parede) agora é chamada ‘parede nua’ – falta emboço e tinta. Era água de poço, passa a ser ‘água não tratada’. Era rua, chão, caminho, passa a ser ‘rua não pavimentada’. Antes o dinheiro era pouco, neste hoje, ‘renda de extrema pobreza’. De família a ‘público-alvo’. O que os índices diziam, o que escondiam? Quantas histórias sumiam? Atravessadas pela atual política de habitação, vidas transformadas.

Nota-se que a noção de moradia, do morar e da habitação, no entendimento legal, permanece centrada no lugar, casa, que habitamos. A preocupação seria então a garantia a este lugar nas condições de habitabilidade e salubridade, atentas às necessidades biológicas.

Vai se insinuando um modelo muito específico de casa e um modo de habitá-la. Uma casa que nas suas linhas simétricas, seus espaços bem divididos e idênticos uns aos outros, pretende-se que funcione plenamente tal qual uma máquina bem azeitada. Guiada pela ideia de salvaguardar o corpo biológico e dar condição de intimidade e repouso subjetivo ao sujeito moderno e sua interioridade, estabelece sentidos a priori, supondo e encerrando saberes, práticas e subjetividades. Essa noção de casa parece não compreender bem a multiplicidade da vida.

1

Uma criança entediada no meio da sala de aula abafada: quando requisitada a fazer um desenho com poucas linhas faz uma casa com telhado pontudo, com uma chaminé empoleirada, uma janela com duas bandas que no calor do Rio de Janeiro nunca seria usada. Se perguntar quem mora lá, ouvimos descrever uma família nuclear: pai, mãe, irmão, animal de estimação. Do lado de fora da janela da escola nada se assemelha ao desenho da criança, este não é cópia ou tentativa de representar a sua casa real. Seria a casa que deseja e precisa?

O programa de televisão tematiza novos arranjos familiares e de moradia – que afirmam estar na moda: comunidades, casas coletivas, repúblicas. Idades e situações financeiras diferem, mas enunciam as mesmas dificuldades e vantagens desse arranjo específico: podem morar em espaços maiores com menos investimento financeiro. Ainda que seja difícil a convivência entre pessoas tão diferentes, com vontades, hábitos, dietas distintas, afirmam na frente das câmeras que vale a pena.

A criança que divide o quarto com o pai nesta república, quando perguntada se preferiria morar lá com todas aquelas pessoas com quem divide o banheiro, mas não o material genético – “você preferiria morar num apartamento apertado com o papai só, ou aqui nesta casa maior com fulano, beltrano e sicrano?” A criança aqui não vacila: prefere o quintal maior, mesmo que isso signifique menos espaço no quarto de dormir. Para ela – a quem sobra espaço, ainda que dívida a casa com mais de uma família – algo falta?²

Entrevistado, o pastor conta da sua chegada à comunidade e da batalha que foi para seu pai adquirir o lote e construir a casa, trabalho de uma vida inteira, obra que não tem fim. Salaria que o pai gastou uma fortuna para fortalecer a estrutura, para que a casa aguentasse em cima dela ao menos mais cinco casas. Diz que lá por aquelas bandas todas as pessoas que moram em comunidade fazem assim porque querem sempre todos perto, pensam sempre na família.

Diz que ele chegou a se mudar dali mas acabou voltando para construir no terreno do pai quando nem o casamento nem o emprego vingaram. Ele mesmo está se encarregando da construção da sua casa, ele mesmo desenhou o projeto, mas no meio da escavação o terreno que julgou ser plano entorta e ele e se vê às voltas com um imenso pedregulho onde havia planejado pôr o quarto. Conta, porém, que folheando uma revista de arquitetura viu que projetistas famosos no mundo todo estavam agregando as árvores, pedras, rios – e tudo mais que atravessasse o terreno a ser construído – no projeto.

² Programa “Família é família”, 3ª temporada, tema: Amizade. Canal GNT.

Agora contagiado pela revista de especialistas, deixa a pedra no meio da casa e faz, do vão que ela forma com a parede que ele já havia levantado, o ‘closet’ que sua mãe sempre quis. Esse já desenhou sua casa e não, não tinha chaminé, mas tinha pedra e closet. Seria esta habitação, pensada e desenhada³, precária aos olhos da lei?

Entre os automóveis apressados, canteiros de obra, poeira e granito, na via projetada para veículos, aqueles dois corpos em sono cortavam a paisagem. Fazem da rua morada? Dormem em um colchão já gasto, aconchegados um no braço do outro, com certa placidez estampada no rosto, brilhavam de suor. Não havia paredes ou teto, três blocos de concreto triangulavam seu descansar, frágeis barreiras que os separavam do trânsito incessante da pista central da Avenida Brasil – estranhas presenças convocam a estranhar o entorno.

Na via expressa de carros livres e velozes, seres de gestos lentos adiam o despertar, o sol a pino não os impede de sonhar. Na via ainda em construção, o casal que dela faz cama não permite que ela se feche, não mais via de mão única, mas passagem inacabada para outros usos, velocidades e sonhos. Estes também compõem o déficit habitacional do país?

Acreditamos que, ao enfrentar a questão da habitação, é necessário outro olhar sobre a casa que não a limite a um ponto de referência físico fixo no qual nos abrigamos, povoada apenas por características pessoais. De maneira que não a transformemos em um

(...) local da negação, da tentativa da remoção da invasão/diferença. É um refúgio, politicamente conservador, uma essencializadora (e, no final, inviável) base para a resposta, que falha ao dirigir-se às reais forças em ação (MASSEY, 2008, p. 25)

Desta maneira, interessa apostar em uma política de habitação menos comprometida com a noção de déficit habitacional e mais atenta aos diversos modos de morar, que não apague as experiências singulares dos modos de vida sob o signo de falta, menos comprometida com a lógica de mercado e mais voltada para o sujeito que habita e seus modos múltiplos de habitar no espaço construído da casa.

Precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto de relações-entre, relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre em processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado. Talvez pudéssemos imaginar o espaço como uma simultaneidade de estórias-até-agora (MASSEY, 2008, p.29).

Entre as casas programadas e a heterogeneidade da vida, algo insiste em não se acomodar. Modos outros de existir, políticas outras de habitar que não se encerram na noção

³ Documentário “O sentido da moradia” disponível em: <https://youtu.be/qJNPct6IJY8> Acessado em 07/06/2018.

de déficits habitacionais e nem se reduzem a casas ideais. Algo escapa. Que histórias restam a contar? Que políticas de habitar são possíveis naquela Política de Habitação?

Encarar os locais de moradia como espaço aberto a novas conexões e novos trânsitos. Assim, fecundo para criação de modos de ser variados. “Um agenciamento é precisamente esse crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

Aqui, empreender na escrita é um exercício de estabelecer conexões outras, de complexificar aquilo que comumente entendemos por habitação. Dessa forma, cada seção deste texto uma multiplicidade, cada vida narrada uma intensidade que transmuta a casa, o texto e as personagens com as quais compomos histórias.

Entre as letras da lei que orientam as construções das casas financiadas pelo Governo Federal, em meio ao exercício profissional em Políticas Públicas da Assistência Social que tenciona assegurar o acesso aos direitos garantidos pela Constituição, nos caminhos percorridos no município do interior do Estado do Rio de Janeiro, pelas histórias narradas em salas de atendimento dos equipamentos públicos, vidas outras que extrapolam esses espaços construídos e proliferam nas páginas palavras que povoam as narrativas ficcionais aqui tecidas. Na aposta de que no encadear das palavras outras casas, outras vidas ainda a se inventar, emergjam e possam nos ajudar a olhar diferentemente para os espaços que habitamos, pois “existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.” (FOUCAULT, 1984, p. 13).

Habitar o espaço numa aventura errante, instável, percorrer e interferir em outros caminhos, traçados e pisoteados por outros pés, outros aventureiros nômades, outras palavras, outras histórias.

Política, políticas: habitações de um problema

Capítulo 1

*Linhas alongadas
desenham rimas perdidas sobre a mudança de clima.
O poema falaria dos segundos necessários para
ir do verde ao cinza.
E das nuvens sem pressa.
Mas a vida corre tanto
que o poema fica lá engasgado mesmo,
largo demais para passar pela garganta
ou para escorrer pelos dedos.*

Morro acima

Pela janela do ônibus, acompanhava a luz mudar gradativamente enquanto subia aquela serra e o dia se fazia. O sol incidia de tal maneira na vegetação que doava um tom de verde ao que comumente é azul, céu de capim.

A cidade tinha nome; o lugar, endereço; a travessia, direção e finalidade: Valença, Rio de Janeiro, Secretaria de Assistência Social.

Um início, um lugar, uma função “(...) como trabalhadora da Assistência Social, tendo como finalidade básica o fortalecimento dos usuários como sujeitos de direitos e o fortalecimento das políticas públicas” (CREPOP, 2007, p. 17). Sujeitos de direito, políticas públicas, usuários, todos juntos numa só frase denunciam que a jornada será longa.

Mesmo na brevidade do percurso, que não durará mais de um quarto de hora, tanta coisa a interpelava convocando o seu olhar: a estrada a serpentear os morros acompanhando a geografia consumida por construções incompletas, a cidade em construção, as pessoas à sua margem, os prédios delimitando os espaços, esses ditando a velocidade dos passos. Nem mesmo havia chegado ao local de trabalho, nem havia batido o ponto e já se punha a trabalhar, pois lhe parecia que aquela cidade dizia também dos sujeitos de direito, das políticas e dos usuários.

Ao descer do ônibus, vê no horizonte prédios seriados, todos iguais morro acima, de uma brancura reluzente, destoando das construções inacabadas que vira há pouco na estrada. Um conjunto habitacional padrão financiado pelo Governo Federal por valores com mais dígitos do que caberiam na palma da mão. Ali, residiam os usuários que ela atendia. Também ali se dava o cotidiano que insufla ar nas palavras gastas das legislações, ali naquele morro depois da curva ganhava corpo, naquela cidade, a atual Política de Habitação.

Lembra da vinheta publicitária⁴ do Programa Minha Casa Minha Vida, em que um mecânico debruçado na janela de sua casa anuncia que todo brasileiro tem o sonho de ter sua casa própria, “a minha casa mesmo”, diz a empregada doméstica fazendo coro. Rostos sorridentes pendurando plaquinhas na porta de casa, ali um sonho realizado, ali famílias felizes; num canteiro de obras um trabalhador adiciona no mural novas vagas de emprego disponíveis. O locutor esmiúça as intenções do Programa e seguem imagens de sorrisos abertos demais, a musiquinha pegajosa de fundo quase impede a trabalhadora de ouvir uma das últimas frases do locutor: “e, com a participação de todos, a roda da economia continua a

⁴ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TurwMvY0auo> Acessado em: 07/06/2018.

girar”, enquanto crianças também sorridentes brincam de ciranda.

A propaganda lhe possibilita entrever a lógica do Programa Minha Casa Minha Vida, que tenciona em um só movimento – através da cessão de subsídios para compra de unidades habitacionais – fazer girar a roda da economia, gerar novos empregos e oportunidades de negócios, e lidar com o déficit habitacional do país.

Fora do ecrã, onde a vida não corre acompanhada de pegajosos *jingles*, a trabalhadora, na função de habitar o seu território de atuação profissional, suspeita que havia algo (ali mesmo, nas casinhas brancas) que diverge do divulgado na vinheta publicitária do Programa. Algo mais rodopiava ali além da roda da economia. Sente um tilintar de curiosidade, “a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo” (FOUCAULT, 1984, p.13).

No exercício de trabalhadora da Assistência, as contradições entre o programado das casas e as vidas irascíveis que pareciam extrapolar aquelas paredes seguiam aparecendo nos relatos dos usuários. Lá das pequenas salas de atendimento, espera-se que surjam soluções mesmo que frágeis e pontuais para tais problemas, soluções essas que devem ser pautadas nos direitos garantidos na legislação. Nada a mais, nada a menos. Nem favores e nem ações heroicas, cheias de boa vontade de profissionais. Nada a mais, nada a menos, mas o que é passível de surgir entre este mais e aquele menos?

Entre a cessão de subsídios financeiros e espaços bem divididos das casinhas, há gente que, ocupada em viver – criar modos variados de ocupar-se de si – inquietava-se com a vida. Naquelas casinhas, iam aos poucos construindo maneiras novas de exercer seu morar; novas políticas de habitar anunciavam-se nessas vidas, nessas histórias.

Se era nas linhas das legislações que a trabalhadora deveria embasar suas ações, talvez nas entrelinhas germinassem interrogações que a colocavam a pensar.

O próprio gesto de forjar um corpo disponível à curiosidade – que pode nos matar, conforme já avisou o gato – move a maneira que encaramos o campo de trabalho e a vida. De saída não interessa apenas uma resposta, mas também o exercício de criar novas perguntas, e fazer dessas, caminhos.

Trabalhar se mostrava ser um confronto contínuo entre leis e normas e a vida em ebulição. “A ideia de trabalho não é a de uma atividade determinada ou a de um processo de transformação material. É a ideia de uma partilha sensível: uma possibilidade de fazer ‘outra

coisa” (RANCIÈRE, 2009, p. 64).

As perguntas seguem. O que mais faz girar a roda? Nesta ciranda, somente a economia rodopia? O que mais compõe esta dança que constrói o cirandar da habitação? O que se vê e o que se deixa de ver? Quais jogos de luzes e sombras pairam sobre as casas? As perguntas seguem e, junto a elas, a trabalhadora. Ainda sem destino, mas com as questões a apontar direção.

Bichos de luz

Ainda ontem voltava para a casa nova por um caminho também inédito. Antigas eram as articulações que rangiam a cada passo dado: a cada curva brusca que o ônibus dava, um pedaço novo do corpo antigo doía. Era só cansaço, dizia para si, um dos preços a se pagar pela mudança recente. Tudo ficava longe agora – entre a casa e o trabalho alguns quilômetros a mais, entre os quilômetros algumas dores a mais.

Valia a pena, a casa agora era sua. Olhava todo dia o contrato e custava a acreditar que o nome no cabeçalho era o seu. Foi sorte ter sido sorteada, tinha se inscrito no Programa sem maiores pretensões; às vezes, sentia-se culpada, tanta gente que precisava bem mais desta casa. Ficara feliz, mas, ainda assim, ela olhava em volta e via aquela gente, gente que precisava daquele teto, daquele chão, e ela? Ela só queria.

Vivia lá naquela casinha velha na roça, cedida por um parente de seu ex-marido. O medo de que um dia pedissem que ela de lá saísse era constante, a ameaça era sempre presente. Foi o medo que fez ela se inscrever, nem sabia muito bem sobre o Programa. Uma moça da Assistência Social que tinha ido à sua casa lhe explicar do que se tratava lhe disse que ela tinha perfil. Não entendeu muito bem perfil de quem, mas se inscreveu.

E que sorte, foi o nome dela que saiu no sorteio, dela e não da vizinha, mãe solteira de cinco filhos que mal tinha o que vestir, foi sorte, sorte dela, azar da outra. Às vezes sentia-se culpada.

Na volta do trabalho sentia-se cansada, queria logo chegar em casa para poder se esquecer da vida. Desce no ponto de ônibus e vê ao longe o condomínio, procura pela sua casa no horizonte e logo acha: em meios a apartamentos escuros, o prédio dela se destaca por ser um dos poucos iluminados.

Ela não sabia bem quem era responsável pela iluminação do condomínio, mas acreditava que, seja lá quem fosse, não estava fazendo o seu trabalho direito. Quando as

chaves foram entregues, era um breu total. Logo a concessionária de luz instalou os relógios nos apartamentos; da porta para dentro, todos tinham luz, mas da porta para fora, escuridão.

Depois que instalaram os relógios nas residências, se passaram alguns dias até que percebessem que a concessionária de luz não ia voltar para ligar os postes. Não era um simples atraso. A notícia se espalhou rápido pelos moradores; vários deles foram até a Prefeitura reclamar o que, até então, acreditavam ser direito seu. Sem cerimônia, os funcionários da Prefeitura disseram que, de fato, a luz das ruas do condomínio não seria ligada, a menos que um contrato fosse firmado entre a concessionária de energia elétrica e os condôminos. As ruas do condomínio não eram consideradas vias públicas, não eram de responsabilidade da Prefeitura; e de quem era? Sua casa, sua vida, problema seu.

Teve revolta, teve grito, tumulto indignado na frente da Prefeitura. Uma ou outra voz se sobressaía na multidão, parecia saber de algo a mais que a maioria, pedia calma e apontava algumas soluções. Para quem está perdida, qualquer direção é norte.

Depois de algumas reuniões no condomínio – ela não foi a nenhuma reunião, chegava do trabalho cansada demais para ficar escutando aquela gente gritar entre si – aceitou quando a maioria decidiu que seria mais rápido pedir que ligassem os postes a relógios individuais, vinculados a uma residência, a uma pessoa física. A ideia parecia razoável, em cada prédio seria escolhido um apartamento e morador que assinaria o contrato com a concessionária, e o valor total da conta seria dividido entre todos os moradores do prédio.

Ela foi eleita como representante do seu prédio. Ela que estava ausente nas reuniões e que não conhecia seus vizinhos para além de bom dia eventual e das vozes que vazavam pelas paredes finas à noite.

Pensou em negar, findou por aceitar. Não confiava em ninguém além de si mesma para se responsabilizar pelas luzes de sua casa. Antes ela do que um desconhecido, e a partir do seu nome fez-se a luz.

Foi forçada a conversar com gente que ela não conhecia. Teria que confiar naquelas pessoas. Não confiava. Todo fim do mês ia de porta em porta recolher as parcelas, teve que forçar sorrisos mesmo quando exausta, ouvir desculpas pelos atrasos, ser mais dura com os inadimplentes, teve de escutar, se fazer ouvir e estar disponível mesmo quando não queria. Por vezes, sentia falta da escuridão, do silêncio e quietude que o breu garantia. Às vezes, sentia saudades da solidão da casinha antiga e amaldiçoava toda esta gente querendo ser iluminada.

Subiu a última ladeira no escuro mesmo, ansiando cama. Da esquina, viu um aglomerado de gente à sua porta, e xingou baixinho. Conforme ela foi se aproximando, as vozes antes altas foram diminuindo, escutou alguém dizer seu nome seguido de algumas risadas, reconheceu um rosto ou outro, gente jovem que ela sabia nem morar ali. Apertou o passo e disse boa noite por entre os dentes. Ninguém respondeu.

Finalmente em casa, seu chão, seu teto, sua TV, seu colchonete, suas lacunas; só queria descansar. Deita, mas a rua invade: a briga do vizinho do lado, o barulho da TV do vizinho de cima, a luz do poste que se alastra pelo quarto. Um dos poucos pontos luminosos do condomínio convida gente feito mariposas! Alguém ri alto na rua, de certo um dos meninos que foram atraídos pela luz do poste. Parecem rir dela.

Agora já não sente mais culpa por ter sido ela a sorteada, não se sente mais com sorte. Sortuda era a outra, a mãe de cinco que pode ficar no mato e criar seus filhos no silêncio e na escuridão. Azar o dela, que agora tem que lidar com toda esta luz e toda esta gente, na sua casa, na sua vida.

“Minha casa, minha vida”, ela repete para si, enquanto caminha em direção ao relógio de luz. Um estalo e faz-se o breu. Ela volta no escuro mesmo e, da cama, ouve as mariposas se dispersarem.

Sua vida, há pouco silenciosa na calma penumbra da sua roça, fora atravessada pela Política de Habitação vigente – hoje, se vê às voltas com seu cotidiano iluminado e as contradições que nele emergem.

E já no nome se insinua o poder, Programa Minha Casa Minha Vida, casa-vida, binômio programado por pronomes possessivos. No entanto, algo escapa ao roteiro. Se há casa atropelando vidas, há vida construindo casas; ali mesmo onde incide o poder, insiste a potência criativa da vida.

As mariposas que fazem a luz tremeluzir e vacilar, os ritmos sacolejantes dos coletivos, o caminhar cansado pelas subidas íngremes difíceis de encarar, os acordos entre os vizinhos, os ruídos que vazam pelas paredes, histórias pequenas e inconclusas que põem em questão a maneira pela qual tem se efetivado a Política de Habitação. Histórias nanicas que afirmam a vida como espaços abertos a porvir singulares; mesmo nas casinhas programadas, há algo além das extensas lacunas e práticas de completar.

Talvez interesse mais um agir plural; talvez fosse o caso de transformar substantivo em verbo. Assim, aqui voltamos nosso olhar não apenas à Política de Habitação, mas também às

políticas de habitar, verbo no infinitivo mesmo, pronto para ser conjugado, mas difícil de ser conduzido por pronomes possessivos. Vale se perguntar: **Que políticas de habitar são possíveis naquela Política de Habitação?**

Solevantar fumaça

As rodoviárias todas se pareciam. Pequenos vãos para enormes veículos. Sentara do lado de fora. O interior estava em obra, no fora se esquivava das placas de proibido fumar, acha um canto, um diferente, o de sempre estava ocupado. Entulho, poeira e agora a fumaça do seu cigarro. A última era contra a lei, a primeira deveria ser.

Duas tragadas, um homem se aproxima e se apresenta antes de sentar, a fala rápida, embolada, embriagada talvez, a impede de entender o nome, ele pede licença, pede desculpas, pede um trago, recebe um cigarro. Reclama da obra. Ela concorda, olha o relógio, se preocupa com o avançado da hora e com a rua deserta. Ela a espera, de que? Do próximo. O próximo só sai daqui a duas horas. O dele só daqui a cinco, mas não poderia ir mesmo antes disso. Não tinha conseguido o suficiente para os dois. Os dois? A distância era grande e eram necessários dois ônibus? Não, não havia conseguido dinheiro suficiente para a passagem e para o passado, não havia conseguido dinheiro para os dois.

A sua mulher fora clara, só volte aqui com a pensão paga. Não havia conseguido dinheiro para os dois. Não havia conseguido dinheiro para os quatro. Duas meninas, a esposa, e um ônibus. Ex-esposa, se corrige, ela fazia questão de lembrá-lo sempre, ele ainda tenta gravar na mente a informação. Preferia esquecer.

Ela deixa que fique na casa uma noite e outra, mas não sempre. Tem que seguir em frente. Mas não conseguiu os dois, não conseguiu os quatro, não segue, fica. Mais um trago? Mais um cigarro.

As rodoviárias são iguais. Todas muito parecidas mesmo. Estão fazendo uma nova. Para quem? Falta uma hora ainda. mim ainda faltam quatro, não consegui, sabe, não consegui. Sim, mais um cigarro.

Apruma-se, põe a bolsa no chão, o fone no ouvido, senta na janela, não cansa de ver a vista da serra, devia ter perguntado quanto faltava para os quatro, devia ter ajudado. Devia ter indicado o endereço do seu trabalho. Mas era cedo demais, não distinguiu caridade de assistência. Ao menos, pode sustentar presença, e deixar mais um cigarro para a espera. A espera do quê? Ele fica lá sozinho com as bagagens da vida. Ela parte em busca de um meio

qualquer como quem tenta esquecer, mas lembra.

Acabou de passar. E agora, só daqui uma hora. Sim, o Santa Rosa II. Se correr, acho que dá tempo. Com criança no colo é osso mesmo. Andar anda, mas correr já é demais, depois cai e vai chorar até de noite. A depender do teu passo, se for rápido tu chega no centro em uns quarenta minutos. Com criança, uns cinquenta. E o ônibus ainda demora sessenta. Moro pertinho daqui, mas longe de lá, né. Se eu volto para casa, durmo. Aí, não é atraso, é falta. Dá, não. Vamos para a outra rodoviária, com sorte passa alguém e dá carona. Disse que voltava hoje. Falou a mesma coisa semana passada. Demora, mas volta. Pagou foi nada, três meses já de pensão atrasada, aquele lá, nem Jesus.

No topo do mundo

Ela ia e vinha daquela cidade e, por aquela serra, tracejava caminhos tontos na canseira. Ir e chegar, chegar e ir, do trabalho para casa, de casa para o trabalho, o caminhar cobrava seu pedágio, seu tributo, toda semana tinha que correr atrás do tempo e se localizar naquele espaço pois, quando voltava, tudo já mudara: o trabalho, a casa, até a cidade parecia ser outra.

Tonteava; às vezes, achava que podia ser qualquer cidade. Mas, veja bem: era esta e não outra.

Esta cidade na qual chega nasceu em disputa. Era de bichos e indígenas, era sertão⁵. De cocar coroando a cabeça, seus habitantes tinham lá seu modo de viver; mal veem chegar o branco obedecendo outro branco que, dono de sua própria coroa, manda do outro lado do azul para ajudá-lo a enriquecer. Ainda hoje, permanece nos versos do hino deste lugar o rastro da alva ideia original: domesticar e aldear: “Venturoso o que a imagem do País na alma conduz. Porque, longe de selvagem, seu roteiro enche de luz!”⁶.

O índio cada vez mais sem lugar, jogado de lá para cá, tendo que se reinventar. Na medida em que os portugueses começaram a se espalhar, há a

(...) diminuição da mobilidade indígena, [que] ao longo do tempo, vai resultar que algumas sociedades se fixem, num processo de destribalização e acablocamento,

⁵ Aqui nos interessa a polissemia da palavra sertão. “Sertão ou Certão seria a corruptela de desertão, para alguns autores; segundo outros sua etimologia estaria ligada as palavras *desertum* (desertor) e *desertanum* (lugar desconhecido para onde foi o desertor). A partir do século XV, em Portugal, passou a indicar espaços vastos, desconhecidos, distantes e de baixa densidade demográfica. No Brasil foi usado com este e com outros significados.” (LEMOS, 2004, p.27)

⁶ Hino da cidade de Valença –RJ, disponível em: http://www.valenca.rj.gov.br/?page_id=44 Acessado em 07/06/2018.

sendo obrigados a renunciarem ou adaptarem a espacialidade que lhes é própria por outra que lhes é imposta (LEMOS, 2004, p. 47).

O pasto escasso, vacas magras que mugem noite adentro, ruído levado pelo vento cruzando distâncias imensas para fazer eco no quarto de quem já nem sabe como é se viver da terra e nem a ela pertencer. Já não são indígenas, pois “(...) pertencer à terra, em lugar de ser proprietários dela, é o que define o indígena.” (CASTRO, 2016, p. 14). Nesta véspera de amanhã, não se sabe bem quem enriquece ou quem aldeia. Na ancestral nova cidade onde a trabalhadora chega, os índios são fantasmas que assombram as donas de casas pela manhã quando elas também olham para os lados, estranhando seus espaços.

O cheiro dos condimentos, os mesmos que atraíam os portugueses que empregavam os munícipes, já quase não se sente⁷. No lugar da antiga fábrica, hoje operam outras máquinas, empregando outras almas, que tecem com as mãos roupas que nunca cobriram (e nem cobrirão) seus corpos. A eles, resta o uniforme cinza que anuncia em letras garrafais um *slogan* novo, de entidade não terrena, “Zeus”⁸. Este trabalho que põe pão na mesa e rouba seus dias também ecoa na casa e na memória de um passado onde o tempo cinge e marca.

A trabalhadora também estranha este misturar de repetição e novidade. Nas ruas estreitas de mão única da cidade, vê as mesmas lojas de departamento que vemos em todo lugar. Mas outro sol e outro vento: ainda que similares engarrafamentos atravancassem o caminho, via-se muito mais verde do que cinza ao se embrenhar avenida acima.

Na fábrica, a peça que segue na esteira de montagem; no escritório, o texto que é redigido por um, formatado e editado por outro, selado e enviado por terceiros; na serra muda, teve oca, já teve café e agora pasto; na sala de atendimento da trabalhadora da Assistência, as vidas que seguiam mudavam longe do seu auspício.

Que luz é esta que ilumina quem se atreve a aqui caminhar? Do cinza ao verde, do verde ao branco, prédio, pasto, casa, mata.

O tempo não parava para que olhasse mulher alguma preparando pessoa nenhuma, nem para escutar o sol sussurrar, à estrada, segredos de luz. Ao retornar ao trabalho, as vidas que acompanhava ainda semana passada já seguiram, e era ela a ter de inventar outras passadas para alcançar, uma nova entrada. Já pelo meio, ainda pelo meio.

⁷ <http://www.local.jor.br/colunas/ler/2520/chinezinho-uma-chantagem-que-nao-tem-fim> Acessado em 07/06/2018.

⁸ <https://www.andrecorrea.com.br/projetos/desenvolvimento-economico/industria-zeus-investe-pesado-em-valenca-e-vai-crescer-mais>;
<http://www.local.jor.br/noticias/ler/6237/fabrica-anuncia-fim-de-atividade-em-valenca> Acessados em 07/06/2018.

Na cabeça, tinha ainda os roteiros de normas e indicações, manejo ditados nos manuais, dicas para se proteger contra as vidas em desespero que sentavam a sua frente, que impulsionavam o uso das mesmas lentes, onde habitação se encerra na casa, onde habitar é se acomodar nos quadrados e um eterno tamponar as faltas. Às vezes, parecia que só o que lhe restava era olhar com olhos de vidraça, janela a emoldurar o fora, que não alcançava.

Às vezes, uma ou duas palavras só bastavam para desmanchar o todo engessado de regras: como? Como seguir?

Tinha uma questão, mais que uma pergunta, tinha uma questão. Como fazer disso aqui que tinha nas mãos, e que segue a escorrer delas, caminhos para seguir? Como dar passagem a outras histórias?

Deixa a pergunta ecoar. E, no eco, ganha tempo.

Os olhos que já conheciam a paisagem, agora em corrida para alcançar o tempo e as vidas que já partiram, tendiam a ignorar as pequenas mudanças de luz, estações, e o descolorir das paredes – até o branco desbotara, há quanto tempo já estava ali? Quanto tempo passava por aí. Passava. Ia e voltava em estadas divididas entre duas moradas. Trabalho, casa, trabalho. Sentia que em nenhuma delas habitava e estava cansada do trânsito que estancava a jornada por não lhe inquietar mais com perguntas, não mover mais as palavras.

Morro abaixo

Folheando o jornal dominical, entre as palavras-cruzadas e o horóscopo diário, encontrou uma listagem dos lançamentos editoriais. Nela, o livro de Raquel Rolnik (2015) chama a atenção da trabalhadora. A arquiteta e urbanista se propõe a analisar os processos de transformações das direções e sentidos das políticas habitacionais, e dá ares de ser cúmplice de caminhada.

Já com o livro em mãos, encontra pistas para a aclaração das questões que têm lhe acossado. Rolnik (2015) afirma que está em vigência na contemporaneidade um modelo de política pública de habitação que é atravessado pela lógica financeira e de mercado, apoiado na ideia de fazer de cada cidadão, proprietário de sua casa. Com efeito, política pública comprometida com “(...) a ideia de combate ao ‘déficit habitacional’, ou seja, na ideia de que as necessidades habitacionais correspondem a uma demanda reprimida de ‘casas próprias’ a serem construídas” (ROLNIK, 2015, p. 282).

As noções de que garantir direito à moradia seria afiançar acesso à propriedade e de que

agir a habitação e suas políticas estaria necessariamente atrelada ao lugar que habitamos, incomodavam a trabalhadora já de saída. Ela compreendia, aos poucos, que o papel que a ela caberia na Assistência Social passaria a ser, unicamente, a garantia a este lugar em suas condições de habitabilidade e salubridade, atenta às necessidades biológicas sem levar em conta as singularidades, tanto dos modos-sujeitos como dos modos-habitar possíveis a ele. E, de maneira análoga, só haveria espaço aos moradores para se afirmarem como proprietários de um bem durável.

Dentro desta lógica, a ação da profissional ocupada em agir as políticas de habitação poderia muito bem se limitar a completar as lacunas, atentar para as ausências e déficit das condições de moradia, e criar estratégias para tamponá-los. O caminho seria do déficit à eficácia plena de acesso ao direito a casa; do inacabado ao pronto.

Acredita que se engendrariam práticas potencialmente normativas e homogeneizantes que, frente a sujeitos singulares, nada fariam – a não ser tentar posicioná-los em assentamento a uma norma pré-definida, procurando transformar o diferente em algo que lhe fosse familiar, tomando como referência um postulado binário do espaço construído (GUIZZO, 2008). A trabalhadora sabe que é possível pensar em outros termos. Ora, se nem sempre assim, nem assim para sempre.

Se política não se resume a diretrizes e normativas bem formatadas anunciadas pelo Estado nas letras da Lei, mas implica na “fabricação de realidades subjetivas e/ou objetivas” (ABREU; COIMBRA, 2005, p.45), a trabalhadora pensa ser indispensável que se interrogue acerca das realidades que criam os sorrisos estampados na vinheta publicitária. Que histórias contam ou deixaram de contar a alva simetria daquelas construções onde crianças cirandando fazem a roda da economia girar?

Se as casas e as vidas tal qual têm sido enunciadas pela Política de Habitação têm se afirmado dentro de uma lógica de mercado, não estariam as práticas da profissional que toma como base apenas a noção de déficit habitacional e enfadonhas dicotomias que a amparam fortalecendo a mesmíssima lógica?

Se, no exercício do seu trabalho, a trabalhadora deveria fortalecer políticas públicas, ela acreditava que as políticas de habitar que urgia investir seriam aquelas que interferem mais do que as que acomodam.

As interferências que nos interessam se dão numa multiplicidade de ações de teoria e prática que transbordam os insuficientes limites do eixo sujeito-objeto. Não se trata de um interferir de um objeto dado sobre outro objeto dado, de uma unidade

predeterminada sobre um sujeito preexistente, porém produzir interferências que façam vazar as multiplicidades que constituem a nós e as coisas (NEVES, 2004, p.157).

Atravessar a rua não bastaria, não seria suficiente ir de um polo a outro, do déficit à plenitude; se o intento é dar passagem a novas histórias, políticas outras de habitar, o caminho a ser percorrido haverá de ser outro.

Políticas públicas, políticas de assistência: habitações de um programa

Capítulo 2

*A vida corre tanto
que tropeça.
Força as palavras na direção contrária ao poema
Forjam linhas retesadas, sobre as cifras necessárias para se construir
uma casa,
para se erguer uma ponte,
para cercar uma praça.
Sobre as cifras necessárias para se destruir um poema.*

Do branco que nos circunscreve

Abriu os olhos sem saber se era manhã ou noite, sentia sob a pele o piso frio, piscou seguidamente, parecia ter areia nos olhos, estava difícil focar a visão, tudo muito claro a sua volta, paredes brancas pálidas demais, será que ficara míope? Tateou o chão buscando apoio para sentar, os músculos fraquejavam, a cabeça estava aérea, o corpo estremecia de leve anunciando a baixa temperatura do cômodo, não entendia de onde vinha o frio que sentia, levou as mãos ao rosto. Difícil saber quem era....

No canto direito da sala, um monte de folhas de papel, quase camufladas no chão que competia com a parede para ver quem era mais alvo. Impulsiona o corpo fraco na direção das folhas quase que num rolamento, sente uma pontada nas costas, ou no que julgou ser suas costas, a dor dá a primeira certeza desde que abriu os olhos... Estava viva. Coloca a resma de folhas no colo solenemente, temia olhar direto para elas e só ser capaz de ver branco, teria que se admitir cega, um tipo novo de cegueira que vê formas, mas ignora o que contém. Ao virar a primeira página no canto do olho notou que a parede a sua esquerda que julgara até então vazia fora preenchida por um retângulo de ferro. Com aproximadamente um metro de largura e noventa centímetros de altura. Uma janela. Larga o livro.

Sentia-se presa, claustrofóbica, e tinha frio, não sabia se teria energia para encarar atividades quaisquer, as opções eram poucas. No quarto vazio, ela, aquele livro de conteúdo ainda ignorado e uma janela que separava não sabia muito bem de que ou quem. Destino hipotético, corpo hipotérmico, dedos azuis, frio.

Põe-se a visitar cômodo após outro, contava os passos, o peso do seu corpo a impactar o chão, o som que criava e ecoava – quase podia ver o ar se mexer – os sons a chicotear nas paredes, voltar para seus ouvidos, como um sonar, a ajudava a se localizar dentro daquele mar de brancos, do piso à parede, os ladrilhos do banheiro, a pia da cozinha de plástico imitando mármore... Ligou as torneiras e a água jorrava em profusão, deteve a correnteza com as mãos, saiu do cômodo pingando pelos dedos, a água empoçada no piso frio, em formato de lágrima. Pisa na poça com força só pelo prazer de deixar pegadas pela casa. Alcança um interruptor com as mãos e se entretém com os cliques, para cima acende, para baixo apaga, a diferença mal se notava. Não havia móveis na casa, mas de alguma maneira sabia que não era aquilo que faltava. Na cozinha, ao lado da pia, um fogão e geladeira. De alguma maneira, ali, tudo que precisava para se manter viva, para se manter. A ideia de manutenção naquele estado lhe assustou mais do que a de estar aprisionada.

Quando volta ao banheiro percebeu que a poça havia secado; evaporado? Riscou a parede e escreveu seu nome só para vê-lo sumir diante de seus olhos. Abriu a torneira e viu a pia encher até a borda, milimetricamente no limite a última gota que a fazia transbordar parada na torneira, ignorando a gravidade. O absurdo da cena a fez correr em busca de distração. Cata o calhamaço de folhas do chão, foca a visão, antes dos muitos parágrafos organizados lê o título, Políticas de Habitação: histórias que você precisa saber antes de esquecer e assim lembrar.

Acorda.

Vê cor na parede do quarto.

Sonhara, empreende num rememorar fragmentado, lembra-se de um cômodo molhado e de palavras aglutinadas numa página, mas fica com a forte sensação de que havia uma história legal, que compunha o jogo de luz e sombra do presente incidindo nos processos de subjetivação em jogo na contemporaneidade, que ora potencializa, ora enfraquece, ora faz falar, ora emudece quem habita as casas programadas. Deveria lembrar e quem sabe “(...) ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém de maneira alguma de seu arbítrio, mas de uma exigência a qual não pode não responder.” (AGAMBEN, 2014, p. 33).

A música não me deixa trabalhar

Ela atravessa a rua sem reparar no sinal, está tentando ajustar o volume no celular. O mundo está muito barulhento hoje. Se pudesse, se encasulava, mas a esperavam. O agendamento era às oito e meia, o calor, os barulhos, a insônia. O atraso.

Mudava a estação de rádio – a internet não funcionava no bairro, privando-a dos serviços de *streaming* usais, restava o rádio. 90.3 estática. 101.2 estática. 198.0 louvor evangélico. 100.5 estática. 97.7 comercial de curso de informática. Maldita serra que barra as ondas radiofônicas. Deixou no comercial esperando que, ao fim dele, alguma música tocasse. Tocou. Uma música chiclete, gruda no ouvido, uma repetição dos mesmos tons, que se encadeiam sem se importar muito com a mensagem na canção, repetição, manutenção. Quando deu por si, cantarolava. Ela mesma não atentava para as palavras.

Chega cantante no trabalho, a sala cheia de gente, caras não muito contentes. Apressa o passo, desculpa-se pelo atraso. Já atrás da mesa, chama a primeira, no cumprimento tenta um sorriso. A esta hora da manhã, com fila, calor e no tempo corrido, os lábios ficam mesmo

menos responsivos.

Entre a usuária e ela, a mesa e a papelada para efetivar o cadastramento. As perguntas, as mesmas rotineiras – endereço da família?, característica do domicílio?, quantos cômodos?, qual material predominante no piso do seu domicílio?, qual material predominante nas paredes externas do seu domicílio?, qual a forma de iluminação utilizada no seu domicílio?⁹ – evoluem para amenidades na tentativa mesmo de fazer vazar algo do roteiro, mas as respostas vêm retas, sem tempo para desvio. Pergunta, resposta, silêncio. No eco do silêncio, sem notar, cantarola. Do outro lado da mesa os lábios ensaiam um sorriso. Ri de mim ou comigo? Está a rir do desafino? Votou nele? Pergunta. Votar? Sim, isso que você está cantando é um *jingle* de campanha eleitoral. Ela nem votava neste município, acha graça. Mal acredito que ele ganhou de novo. O povo de memória curta não se lembra dos atrasos salariais, das greves nas escolas, que na última gestão ele deixou todo mundo sem décimo terceiro. Esquecem. Não tem graça. Mas o *jingle* é muito bom. Deve ter ganhado por isso. Construiu estas casas aí. Este povo todo que mora aí deve ter votado nele. O povo esquece. Só se lembra do que é conveniente. Suponho que uma casa seja conveniente. O povo repete e esquece. Nenhuma novidade. Estranho é esta rádio transmitindo o *jingle* antigo. Mas é isso, o *jingle* é bom. Se bobear, dá audiência. Uma música chiclete, que gruda no ouvido; uma repetição dos mesmos tons que se encadeiam sem se importar muito com a mensagem na canção, repetição, manutenção.

À esquerda ou à direita no espectro político-partidário, os partidos e políticos precisam competir pelo voto popular, e assim, de alguma maneira, relacionar-se com a demanda por inserção na cidade reivindicada tanto pela população organizada em movimentos como por aquela mais ampla e desorganizada. Foi desta forma que os investimentos em urbanidade, assim como a tolerância, autorização ou mesmo promoção de assentamentos precários, converteram-se em um potente dispositivo eleitoral com grandes possibilidades de retorno político para seus promotores, seja sob forma do voto popular, seja pelo acesso aos meios para financiamentos de campanhas. O território popular é, assim, permanentemente investido pelo mundo da política, que ali espera receber o prêmio por parte daqueles que, por seu intermédio, foram seletivamente beneficiados com recursos públicos. (ROLNIK, 2015, p. 182).

O algoritmo do *Google* agora acha que curte uns *jingles* de campanha, buscou uma única vez, mas foi suficiente. O *YouTube* começa a reproduzir o *jingle* da pré candidatura do presidente operário de 2006, bem depois de uma música dos Racionais que havia escolhido para ouvir. Parece não seguir o tempo cronológico – a música chega aos seus ouvidos com

⁹ Essas perguntas compõem o Cadastro Único dos Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico), instrumento de registro de informações, mais especificamente o formulário avulso 1, onde figuram as questões sobre identificação do domicílio e da família.

doze anos de atraso – mas o algoritmo é bom para cruzar as buscas, Mano Brown tem feito de Lula tópico recorrente nas suas entrevistas à imprensa e seus posicionamentos políticos têm ganhado espaço na mídia.

Em reportagem recente, o *rapper* diz que hoje não haveria espaço para a música que produzira anos atrás. Segundo ele, hoje quem um dia foi seu fã virou conservador, ele mesmo não quer mais cantar para estas pessoas, não merecem os Racionais, dizia. “A periferia está com muito medo, está votando em polícia porque conquistou as coisas no governo Lula e agora tem raiva de tudo o que soe ameaçador.” (BROWN apud BALSEMÃO, 2018, s/p). O *rapper* aposta que o medo da perda das conquistas fecha a mentalidade de quem antes estaria preparado para desafiar a realidade que acoisa e tende a se deixar levar por anseios e desejo de manutenção.

A usuária que atendera há pouco lhe dissera que o povo com quem divide o espaço tem a memória fraca, que só recordam o que é conveniente. Parece que ela concorda com a harmonia do cantor, diz que lá onde mora, o medo promove a busca pela manutenção da boa vida através de troca de favores. “Periferia é periferia (Milhares de casas amontoadas) Periferia é periferia (em qualquer lugar)” (ROCK, 1997).

A música dos racionais pede passagem, mas a pregnância dos *jingles* de campanha vence. Uma música chiclete, que gruda no ouvido, uma repetição dos mesmos tons que se encadeiam sem se importar muito com a mensagem na canção, repetição, manutenção. Talvez o algoritmo do *Google* tenha lido seus e-mails, juntado as suas buscas e, como resultado, estava ali esperando o terceiro ônibus do dia com o *jingle* ressoando na cabeça.

A voz de Deus é a voz do povo Olha o Lula aí de novo [...] Não troco o certo pelo duvidoso Continua, nosso companheiro Deixa o homem trabalhar [...] Nosso Brasil no rumo certo Deixa o homem trabalhar O futuro não é mais incerto Deixa o homem trabalhar Nosso povo agora é quem decide Lula vai continuar Eu quero o Lula lá Nosso povo pobre hoje tem vez Deixa o homem trabalhar Meu Brasil autossuficiente [...] Tá tudo andando direitinho Deixa o homem trabalhar [...] E a gente não tem porque mudar Eu quero o Lula lá (PIAUI, 2016).

O *jingle* de campanha do presidente operário pedia ao eleitorado por mais tempo, para que pudesse dar continuidade aos trabalhos. Se tudo estava direitinho, nada precisaria mudar, não valeria a pena trocar o certo pelo duvidoso. Mas as vizinhas da usuária, o que queriam manter? Porque, de onde ela olhava, o Brasil não estava direitinho, nem no rumo certo... E o *jingle* não tem fim, a música grudava na cabeça e não deixava ela trabalhar. A vida acompanhada de pegajosos *jingles* imprimia um ritmo repetitivo ao seu trabalho.

Se cada um constrói a sua dignidade a partir da própria história, ela precisava reivindicar a memória, interrogar o que importa e o que interessa. O que interessava manter ao presidente operário em 2006, que motivava a musiquinha chiclete? Dois movimentos de dedo e um comando de voz depois – *Ok, Google!* – E a tela do celular mostra que em seu programa de governo, Lula prometia geração de empregos e sustentação de políticas sociais – o que fortaleceu o partido perante sua base e o eleitorado.

A luta pela inclusão social e o combate à pobreza exigem um crescimento mais acelerado da economia – bem acima dos níveis atuais – com preços estabilizados, equilíbrio fiscal e redução da vulnerabilidade externa. A continuidade da redução das taxas reais de juros ajudará a diminuir mais ainda a dívida pública, ampliará o crédito às empresas produtivas e aos trabalhadores. Nosso Governo continuará em sua tarefa de constituir um grande mercado de bens de consumo de massas, o que vincula de maneira indissociável crescimento com distribuição de renda. Esse propósito requer prioritária diretriz governamental voltada para a elevação substancial dos investimentos, especialmente públicos e nacionais, bem como privados e estrangeiros. Pressupõe ainda o fortalecimento da iniciativa do Estado, das empresas estatais e do sistema financeiro público, por sua capacidade indutora do desenvolvimento. (GARCIA, s/d, p. 10).

Em 2003, o presidente operário criou um novo Ministério, o Ministério da Cidade, o ministério das casas, o ministério das ruas, das praças. Com o intuito de ampliar o acesso da população à moradia, saneamento e transporte, integra pastas até então fragmentadas em recortes setoriais. Ao encarar a questão urbana e propor políticas de desenvolvimento a longo prazo, começa a preencher o vazio institucional deixado em 1986 pela extinção do Banco Nacional de Habitação e se afastar do espólio “(...) que beneficiou amplamente as classes médias e que construiu conjuntos habitacionais populares de baixa qualidade em áreas periféricas –; e a política habitacional ‘real’ que relegou as populações de menor renda a favelas e loteamentos precários” (AMORE et al, 2015, p.11).

Já em 2005, foi promulgada a Lei nº 11.124/05 (BRASIL, 2005) que criou o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social (SNHIS) – bem como o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FNHIS) e seu conselho gestor –, agregando as diferentes iniciativas programáticas relativas à habitação de interesse social existentes em todas as esferas governamentais.

Tratava-se de construir uma nova ‘cultura’ para ocupar um vazio de propostas práticas abrangentes, dar espaço para a emergência dos conflitos, propiciar debates democráticos para tratar deles, constituir pactos em torno de conceitos, programas e linhas de ações. Buscou-se edificar um espaço público participativo que pudesse resistir à cultura de privatização da esfera pública bem como ao avanço das imposições anti-sociais da globalização (MARICATO, 2007, p.1)

Talvez sejam estas a iniciativas que interessava manter, “deixa o homem trabalhar”. Deixaram. O público-alvo das políticas sociais (estes mesmo que não merecem mais escutar os Racionais), teria experimentado um grande avanço em termos de direitos sociais durante o governo Lula, mas também um período conturbado de intrincado ajustamento aos novos deveres do Estado e à nova distribuição de obrigações entre as esferas públicas.

O problema foi que, enquanto a Constituição expandiu diversos direitos sociais, aumentando as obrigações do setor público, ocasionou concomitantemente a redução da qualidade da arrecadação, fonte de financiamento das políticas públicas, e aumentou a complexidade das relações intergovernamentais, com gestores federais, estaduais e municipais atuando com diferentes graus de autonomia nas diferentes áreas sociais. A atuação de governos locais para a melhor identificação das necessidades sociais em um país onde a desigualdade regional é significativa, como é o caso do Brasil, é de grande importância, uma vez que particularidades dificultam a solução dos problemas sociais com políticas genéricas. (ALVARENGA, 2011, s/p).

Em 2008, com a emergência do Plano Nacional de Habitação (PlanHab), estabeleceu-se as diretrizes necessárias à política de habitação e integrou em suas linhas a política urbana, com ações voltadas especificamente às famílias de baixa renda. O plano nacional indica a necessidade de se pensar formas de enfrentamento da questão habitacional variadas,

[...] ao analisar as várias formas de expressão do déficit habitacional, inclusive evidenciando as diferenças regionais que marcam o território brasileiro, propõe ao menos seis formas de atendimento, orientando o esforço em zerar o déficit em função das possibilidades existentes em cada região e suas efetivas necessidades. (KRAUSE et al., 2013, p. 14).

Neste ínterim, o Programa Minha Casa Minha Vida emerge como principal investimento do Governo Federal no setor habitacional em 2009, no intuito de aumentar o acesso das famílias de baixa renda à casa própria – em meio à crise econômica que então paralisava o mercado imobiliário.

No entanto, o programa foi gerido/gestado em negociação entre representantes do setor de construção civil e o Ministério da Fazenda – e, em seus primeiros momentos de vida, sem qualquer participação do Ministério das Cidades (que era e é responsável pela agenda da habitação), e tampouco da sociedade civil organizada (ROLNIK, 2015).

O Programa se atém a ofertar unidades habitacionais e passa a fazer vez de Política, tamanha sua abrangência e investimento financeiro envolvido. Contudo, lida com a questão habitacional em toda a sua complexidade unicamente através da construção de novas casas e, assim, falha em efetuar as diretrizes, princípios e metas de uma política habitacional mais ampla construída e pactuada coletivamente.

Atravessado pela lógica das finanças e de certa ideia de desenvolvimento, o Programa se distanciou dos preceitos anunciados nas diretrizes e princípios tanto do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social quanto do Plano de Habitação que o compõe; não obstante, segue sendo a principal ação de provisão habitacional atualmente implementada no país. O que importa se distancia mais daquilo que interessa.

A estratégia de utilizar o investimento nos setores sociais como eixo estruturador do desenvolvimento econômico através do financiamento de políticas focais – uma das metas enunciadas no Plano de Governo de Lula em 2007 – não poderia se sustentar em detrimento da provisão universal garantida na Constituição. Sem garantir a universalidade do acesso aos direitos, restava o acesso fragmentado a medidas compensatórias.

Neste contexto, as políticas sociais passam a atuar como forma de contenção social e cooptação da sociedade em torno da proposta e dos interesses capitalistas, na busca do reconhecimento e aceitação da retórica de que o crescimento econômico levaria automaticamente ao desenvolvimento social. As políticas sociais não assumem caráter redistributivo, mas sim, um caráter compensatório das desigualdades econômicas e sociais, originadas de um modo de produção extremamente desigual e competitivo, motor propulsor e perpetuador da desigualdade social. (GASPAROTO et al, 2014, s/p).

Em meio a uma política de habitação que afirma uma lógica do mercado – investindo majoritariamente na produção de unidades habitacionais –, garantir direito à moradia passa a ser garantir acesso à propriedade, o que proporcionaria entrada da população no jogo capitalista de mercado. Resta saber a qual preço.

Na periferia onde habitava a usuária, essa lógica culminava na repetição de práticas clientelistas e da busca por ganhos individuais – as medianas glórias da classe média. Manutenção e repetição, musiquinha chiclete que hoje nos impede de escutar as ácidas métricas do *rapper* e escapar de antigas armadilhas.

A política social brasileira compõe-se e recompõe-se, conservando em sua execução o caráter fragmentário, setorial e emergencial, sempre sustentada pela imperiosa necessidade de dar legitimidade aos governos que buscam bases sociais para manter-se e aceitam seletivamente as reivindicações e até as pressões da sociedade. (VIEIRA apud PIANA, 2009, p.38).

As vizinhas da usuária, aquelas que mais se esqueciam do que lembravam, reivindicavam a manutenção de alguns ganhos e alguns frutos que julgavam ter recebido na gestão municipal passada e trocavam seu voto por uma chance de conquistar e manter sua casa, ou assim achavam.

Difícilmente atentavam que a produção habitacional do país sempre foi centrada no nível Federal e que os municípios pouco participavam do processo decisório, e nem ao menos havia organização de atores relevantes neste processo.

Após o lançamento do programa, o que se observa é que os esforços das gestões municipais passam a ser captar de as verbas federais, não se ocupando de promover nenhuma iniciativa exclusiva do município, e com pouca iniciativa de acompanhar os processos cotidianos de implementação dos empreendimentos junto aos beneficiários.

(...) trata-se mais de uma postura pragmática dos governos municipais que, aderindo ao modelo PMCMV com um mínimo de esforço institucional, asseguram ganhos importantes (de ordem política, financeira, etc.) aos principais atores da política: a própria gestão municipal, os políticos envolvidos, as instâncias partidárias mais amplas das quais eles fazem parte, as empresas e, até mesmo, os movimentos de moradia. Nesse sentido, para que fazer de outra forma? (ROLNIK et al, 2014, p. 163).

Se nós temos girado numa viciada ciranda de manutenção e repetição, onde dançamos todos, o *rapper* dá a lição: já não canta para a periferia, mas também não compra o jogo de sedução das finanças. Nem quando ele era o convidado a entrar na dança e inserir o rap na ‘linha evolutiva’ da música popular brasileira.

Um gesto que tem garantido enorme aceitação de público e crítica, mas que também tem decorrências cujo impacto ainda está por ser avaliado – entre os riscos que correm estão notadamente a diluição da verve crítica e a relativa perda de capacidade de representação das camadas mais pobres e marginalizadas. (TEPERMAN, 2017, s/p).

Parece que anteviu o risco se integrar “a procedimentos mercadológicos consagrados na tradição hegemônica” (TEPERMAN, 2017, s/p).

A trabalhadora balança a cabeça, na tentativa vã de esquecer. E para fazer a roda girar em outro sentido, escolhe outra faixa sonora. “Como disse Roberto Schwarz sobre o tropicalismo: “Em estética, e não só nela, os acertos têm seu custo, que é parte do problema.” (TEPERMAN, 2017, s/p).

O sistema manipula sem ninguém saber A lavagem cerebral te fez esquecer que andar com as próprias pernas não é difícil Mais fácil se entregar, se omitir Nas ruas áridas da selva Eu já vi lágrimas demais, o bastante pra um filme de guerra Aqui a visão já não é tão bela... Não existe outro lugar... Periferia... Gente pobre... (ROCK, 1997).

Por conta da casa

Ei, jovem será que você teria cinquenta centavos pra eu inteirar e comprar a janta? Só

cinquenta centavos pra inteira. Ela nega por reflexo, comportamento adquirido na vida cidadina, ao cruzar a cidade tem seu trajeto interrompido um sem número de vezes. Vendedor ambulante, pedinte passante, chega uma hora que já nem se escuta o pedido, na aproximação de outro corpo já meneia a cabeça e da boca vaza o não-obrigada-desculpa-hoje-não-dá. Por favor, moça, qualquer pratinha já ajuda a pagar o prato feito na esquina. Não-obrigada-desculpa-hoje-não-dá. Mas ele insiste e segue caminhando ao seu lado. Ela cansada da insistência estanca o passo e abre a bolsa para procurar moedas, pega aquelas que acha e entrega. Ele mal agradece e sai na direção contrária.

Mal dera três passos a frente é interrompida novamente. Só que este veio rápido, chegou por trás e não se preocupou em pedir nada. Ela já estava respondendo com as mesmas palavras de sempre quando ele mete a mão na bolsa dela. Perdeu, tia. Perdeu. Reage por reflexo e traz a bolsa para perto do corpo. Ele é pequeno, mas forte, puxa para o outro lado. Passa tudo. Não há chance para revide. Ele puxa a bolsa novamente, empurra o corpo dela pra longe e grita para que ela siga. Siga em frente, sem olhar para trás. Ele some no breu de onde veio. Ela segue com o não-obrigada-desculpa-hoje-não-dá ainda na boca, mas sabidamente sem função. Segue em frente.

Para na padaria da esquina, senta em um dos bancos olhando aturdida para frente, o atendente vem anotar o pedido, pede automaticamente o de sempre, só quando ele volta com o café e o pão de queijo que ela lembra que não tinha dinheiro para pagar. Se desculpa, explica o ocorrido, ele sorri compreensivo e diz que hoje é por conta da casa e que se ela permitisse daria sua opinião honesta: ela fizera papel de trouxa, ali naquela área a molecada pede com uma mão e rouba com a outra. Aqui é que nem a Espanha, deu mole eEs-panham e ri da piada que ela mal entende. Fora uma trouxa, mas pode relaxar, o café fica por conta da casa.

Na padaria o assunto se espalha enquanto o café esfria na caneca, clientes cochicham, apontam e sentenciam: antes não tinha nada disso. Junta a crise do país e estas casas aí da esquina, dá nisso. Ontem mesmo teve mais uma batida da polícia aqui, uns meninos foram apreendidos. Eles vieram todos do Rio e invadiram as casas vazias. Estão fazendo disso aqui um cortiço.

Ela, ainda perplexa, encara a xícara de café pela metade. Tudo anda meio esquisito. Entre a crise do país e os traficantes do Rio, o aumento da violência – assim como o café – fica por conta das casas.

No fim do mandato do operário, apesar dos pesares, o país parecia crescer, a mídia

internacional aplaudia Lula, seu mandato se encerra com um índice de aprovação de oitenta e três por cento segundo a Datafolha. A faixa presidencial é passada para a presidenta Coração Valente. No discurso de posse, ela anuncia que a meta de seu mandato seria a erradicação da miséria nos próximos anos. Mas entre o discurso de posse e o hoje, uma vida inteira, algo degradingolara, algo vai mal.

(...) a quantidade de pessoas na situação de extrema pobreza subiu de 7.9% para 9.2% naquele ano. Apesar de a crise requerer mais proteção aos de baixo, o valor da Bolsa Família foi congelado, e o número de beneficiários que crescia continuamente desde 2004, estagnou. O desemprego aumenta 38%, tirando quase 3 milhões de pessoas do mercado de trabalho e, concomitantemente, o seguro-desemprego, o auxílio-doença e a pensão por morte sofrem cortes. O trabalho informal volta com elevação de 4.6% na quantidade de trabalhadores por conta própria, depois do aumento de números de postos com carteira assinada de 40% para 51% da população economicamente ativa (PEA) entre 2002 e 2012. A retração leva 3,7 milhões para fora da classe C. Parte da nova classe trabalhadora retorna a condição subproletária. (SINGER, 2018, p.48).

Os moradores daquela área ignoram as porcentagens da Datafolha e se satisfazem em culpar a imensa quantidade de famílias que passaram a morar na esquina. Os jovens no gesto de mão estendida e nas astúcias malandras, de quem vê e apanha para si, sabem e sentem a mudança e ainda que não acusem ninguém, denunciam a piora do quadro sócio econômico nacional redistribuindo a renda a seu modo. As casas, soluções para tantos, parecem que têm gerado problemas para outros, e não é de agora.

A presidenta mesma chega a anunciar em entrevista, em 2015, que algo deveria mudar no manejo das contas públicas e nos investimentos nos programas sociais.

“Não estamos fazendo mudança na estratégia, estamos alterando a tática”, disse ao garantir a continuidade dos programas sociais e que não vai sucatear a infraestrutura do país. Segundo a presidenta, não há como adiar um ajuste fiscal. (...) o objetivo é encurtar ao máximo as restrições mais pesadas e dividir os sacrifícios da forma mais justa possível, mas que a retomada do crescimento exige esforços de todos. Ela ressaltou a importância da reforma política e do fim do financiamento empresarial nas campanhas eleitorais. (BOEHM, 2015, s/p).

O discurso de crise alardeado e continuamente reiterado pela mídia, também busca por unívocos culpados, cada qual com seus algozes e em dedo em riste parecem dizer que algo vai mal e que algo deveria mudar. Algo deveria mudar.

* * *

A retórica da mudança serve para desmantelar qualquer hábito, quebrar quaisquer

laços, desfazer qualquer evidência, dissuadir qualquer solidariedade, manter uma insegurança existencial crônica. Ela corresponde a uma estratégia que se formula nestes termos: ‘Prevenir, por via da crise permanente, toda e qualquer crise efetiva.’ Tal assemelha-se, na escala do cotidiano, à bem conhecida prática contra-insurrecional de ‘desestabilizar para estabilizar’, que consiste em suscitar voluntariamente, pelas autoridades, o caos a fim de tornar a ordem mais desejável do que a revolução. Da microgestão à gestão de países inteiros, manter a população numa espécie de estado de choque permanente, siderada, desamparada, a partir do qual se faz de cada um e de todos praticamente aquilo que se quiser. (COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 19).

Praticamente aquilo que se quiser. O país era gigante e estava acordado. Esbravejava em vozes eram dissonantes¹⁰. Eram muitos, gritavam, gritaram por anos.

Nas ruas milhões gritaram à beira mar, vestindo a camiseta da seleção brasileira. Tomaram champanhe e tiraram *selfies* com as forças militares, ao lado as crianças acompanhadas pelas babás. Patos de borracha enorme ocuparam as avenidas e o gramado da Esplanada. Patos gigantes de borracha¹¹. Praticamente aquilo que se quiser.

Nas avenidas centrais, a juventude em levante, as escolas ocupadas.

A mídia, que lia e anunciava o grito como crise – crise econômica – tentava achar e apontava culpados a todo custo: quem puxava as passeatas? Quem quebrava as janelas dos bancos? Quem eram os vândalos? Quem orquestrava o caos que tomava a cidade?

Acusados os *blackblocs*, que da linha de frente enfrentavam as forças militares com paus e coquetéis *molotov*. Acusado o Governo Federal. Com rejeição de setenta por cento, sob uma chuva de críticas de todos os lados – esquerda, direita, embaixo – a presidenta fora condenada a perder o cargo.

“Se é político, como é a política? Tem que resolver esta porra... tem que mudar o governo para poder estancar essa sangria.” Num grande acordo nacional, com supremo e com tudo¹². Para mudar, disseram. Soluções para outros, problemas para tantos.

Se tudo ia mal, agora sob a administração do Golpista, de mal à pior. Era PEC 241/PEC 55¹³ para acabar com investimento na saúde e educação, reforma na previdência, reforma trabalhista, mudança e abandono das políticas sociais.

O próprio Programa que garantira a construção das casas naquela esquina agora está em um limbo, com investimentos mínimos, obras paradas ou não iniciadas e mudanças nas

¹⁰ <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/protesto-contrasaida-de-dilma-fecha-pistas-da-avenida-paulista.html> Acessado em: 07/06/2018.

¹¹ <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-pato-da-Fiesp-nao-tem-nada-de-inocente/4/35178> Acessado em: 07/06/2018.

¹² <http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/05/em-gravacao-juca-sugere-pacto-para-deter-lava-jato-diz-jornal.html> Acessado em: 07/06/2018.

¹³ https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html Acessado em: 07/06/2018.

estruturas normativas que tendiam a favorecer mais as construtoras do que os beneficiários.

A trabalhadora, que se ocupava com a promoção de acesso aos direitos garantidos pela Constituição, se revirava em raiva toda vez que o Golpista fazia questão de rasgá-la página a página.

Raiva potencialmente útil contra aquelas opressões, pessoal e institucional, que fez com que aquela raiva existisse. Focadas com precisão elas podem se tornam poderosas fontes de energia servindo o progresso e mudança. E quando eu falo de mudança, eu não quero dizer a simples mudança de posições ou uma diminuição temporária das tensões, ou a habilidade de sorrir e se sentir bem. Eu estou falando da alteração básica e radical dessas presunções que sublinham as nossas vidas. (LORDE, 1981, s/p, tradução livre).

Amanhã teria de encarar novamente os usuários que tiveram seus benefícios bloqueados depois das mudanças das regras feitas pelo presidente Golpista, fazer as mesmas perguntas, os mesmos cadastros. Mas não poderia fazer só isso, fazer as mesmas perguntas. Precisaria criar outras respostas? Outras perguntas? Outras perguntas.

No exercício de seu trabalho, deveria garantir acesso aos direitos previstos. Mas, entre modulações, mandos e desmandos dos Governos; entre os disparates feitos pelo Estado e os usuários que atendia, quais direitos? Acreditava que já era hora de criar. “Resgatar o que há de público da experiência coletiva, entendendo que Política não se circunscreve a um domínio particular da sociedade; é movimento de constituição de coletivos. É a partilha, e não a homogeneidade, o que viabiliza o coletivo.” (BARROS; PIMENTEL, 2012, p.19). Ainda havia apostas possíveis e um pouquinho de esperança.

Na tevê da padaria o barulho característico de catástrofe. Quando a programação regular é interrompida para anunciar qualquer coisa de horrível que aconteceu – ultimamente tem acontecido muitas vezes, impeachment da presidenta há quase dois, assassinatos, chacinas, o mundo está se acabando – não quer olhar a tevê. Tenta evitar, mas não consegue.

Olha a tela, uma rua que ela não conhece, cheia de gente vestindo vermelho, muitos acompanhavam os carros de som que tocavam *jingles* e canções populares, parecia uma festa. Mais uma vez os *jingles* abafavam o que o repórter dizia, mas a manchete na tela anuncia. O presidente operário fora condenado, seria preso, por conta de um apartamento.

Não acreditava mais em coincidência. O *jingle*, uma música chiclete, gruda no ouvido, uma repetição dos mesmos tons que se encadeiam sem se importar muito com a mensagem na canção, repetição, manutenção? “Agora nós estamos quase que na mesma situação, eu estou sendo processado e eu tenho dito claramente o processo do meu apartamento, eu sou o único

ser humano que sou processado por um apartamento que não é meu.” (LULA, 2018, s/p).

Olha em volta, os fregueses da padaria parecem não notar o anúncio de catástrofe veiculado na televisão, ainda se ocupavam de catar e apontar culpados nas casas, nos meninos, aqueles que vieram todos do Rio e invadiram as casas vazias, fazendo disso aqui um cortiço, esta violência toda, esta crise e agora isso. Ela já não sabia de qual roubo falavam, de qual casa apontavam como culpadas, qual cortiço, já nem lembrava que perdera tudo para o menino na esquina, pois a TV acaba de anunciar que perdera bem mais que isso.

Se levanta sem pagar. O café por conta da casa. A prisão por conta do apartamento. Agora ela só queria chegar em casa. Bate no bolso. A chave está ali. Perdera tudo, dinheiro, carteira, celular, identidade, e um pouquinho de esperança, mas ao menos as chaves ficaram. As chaves e as apostas possíveis. Poderia entrar em casa.

Perfil de quem?

Um xis a mais, assinala na folha correta, e a casa é sua.

Na planta baixa do apartamento, quadrados e retângulos desenhados. Quarto pequeno, mas reversível, quarto-sala-closet num correr de porta. A cozinha é americana, a varanda é gourmet. Tudo em trinta e nove metros quadrados. Quadrados.

O contrato indicava direito a vaga na garagem, garagem coberta, acesso a piscina, piscina semiolímpica, às crianças playground e para dias festivos salão de festas. Quadrados organizados pelo valor de duzentos e vinte e cinco mil.

O corretor lhe empurra uma tabela; no papel, três colunas cheia de números. O papel lembra as provas escolares do tempo do Ginásio, relacione as colunas, complete as lacunas, ponha seu nome no cabeçalho, rubrique cada uma das páginas. Para decifrar a tabela, era necessário traduzir a seus dialetos e siglas, talvez expandir o vocabulário, decifrar as entrelinhas.

Coluna um: O valor da renda familiar mensal do beneficiário. Coluna dois: o valor dos imóveis disponíveis. Coluna três: o valor máximo de financiamento ofertado pelo governo Federal no âmbito programado. Do entrelaces destes números se determinava em qual faixa do programa do governo ela poderia se encaixa.

Não bastava desejar a compra da casa, nem se deslocar até o ponto de vendas, nem enfrentar as ligações e e-mails contínuos do corretor imóveis, não bastava as discussões dominicais que havia tecido com a esposa, nem as dicas de localização dadas pelos parentes,

não bastava desejar. Havia construído uma imagem da casa que queria, havia sonhado. A casa, o sonho de todo brasileiro, nas propagandas do Programa dizia que esta seria a grande chance do trabalhador urbano morar no que é seu, mas ainda havia isso: os números, os valores e o perfil. Não sonhou com os números nem com faixas.

Hoje, o Programa consta com quatro faixas circunscritas pela renda familiar dos beneficiários; o perfil do beneficiário determinava a maneira como se daria o acesso ao Programa, contrapartida financeira esperada, a taxa de juros aplicada, a quantidade de anos para quitar a financiamento e os valores máximos do subsídio ofertado pelo Governo¹⁴. Ao longo dos anos, mudanças significativas foram feitas – alteração do teto da rendas das famílias, os valores do subsídio, incluindo a criação de uma faixa intermediária nomeada faixa 1.5 – que modularam o próprio escopo do investimento financeiro por parte do Governo Federal.

Números. Muitos. Valor. Faixas.

Na corrente seriada das cifras, algo do desejo se embaralha. Ela mesma enquadrada em uma faixa que determinava o tamanho do quadrado que chamará de seu, sua casa enquadrada pelas cifras e valores na faixa três e por isso estava ali a aguentar o falatório do corretor. Se a faixa fosse outra, teria conversas outras com outros tipo de gente, mas majoritariamente haveria de contar com a sorte.

Nas faixas um e meio, dois e três, a comercialização das casas pode ser feita diretamente pelas empresas privadas, pelas construtoras. Na faixa um, a escolha do beneficiário fica a cargo do executivo dos municípios signatários do Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social, seguindo o perfil determinado previamente na composição do plano de habitação, de maneira a atender à demanda habitacional do território adstrito. Não raramente, as casas são sorteadas pelas prefeituras entre os cadastrados que atendam aos requisitos básico e, posteriormente, esta escolha é validada pela Caixa.

Ela tinha o privilégio de não depender da sorte. A ela, restava o falatório do corretor, sorte, ela tinha muita sorte – ele dizia - pois justo agora, na mudança de uma fase para outra, a construtora estava com vários preços promocionais, precisavam aproveitar para vender logo tudo, assegurar capital. Vender mais barato não faz muito sentido? Você não contou com os juros do financiamento, são os juros, o valor do juros fazia com que o apartamento quase dobrasse de preço ao contabilizar, depois da mudança de fase os juros também subirão.

¹⁴ Regras de acesso ao PMCMV: <http://www.caixa.gov.br/voce/habitacao/minha-casa-minha-vida/urbana/Paginas/default.aspx> Acessado em 07/06/2018.

Números. Muitos. Valor. Melhor não fazer as contas, ou melhor não fazer a compra.

Depois que casaram, passou a sonhar ao menos uma vez por semana com uma casa que não era aquela que habitavam, que não era a sua, no sonho, só via seu interior, mas parecia ser sua, pela leveza que se deslocava entre os cômodos, desviando dos móveis em disposição irregular e nada intuitiva. E achava na cozinha sem titubear os utensílios necessários para o café da manhã. Quando alcançara a sala, dois rostos amigos sentados no sofá encarando a tevê desligada oferecem a face, a testa e a boca para ser beijadas. A esposa dormia no quarto, não via, mas sabia. Uma criança invade correndo a casa pela porta lateral, do outro lado, adivinhava um quintal e perguntava se podia comer melancia no café da manhã, a fruta preferida, e sem saber sabia que a criança também era sua. Acordava sempre no mesmo momento, no momento do sorriso que seguia o ‘sim, pode comer melancia’. Acontece que o sorriso do menino se parecia tanto com o seu, como podia?

A casa dos sonhos, cadê?

As cifras ecoam na cabeça, números sempre embaralham os desejos. A careta que a trabalhadora urbana faz denuncia a confusão e dúvida. Confusão e dívida. O corretor que já irritado tenta melhorar o trato, oferece unidades mais baratas com menos um quarto, mas os mesmos metros. Ele tira da gaveta mais tabelas.

Se virasse a página, outras colunas e outros numerais, desta vez medidas em metros, limitações espaciais, quartos, salas, cozinhas deveriam ser de tamanhos tais e tais.

O olhar perdido da compradora coloca o já cansado corretor em um *looping*, começa a repetir as mesmas informações. Trinta e nove metros quadrados, duzentos e vinte cinco mil, cata na gaveta mais tabelas para referendar que ela não haveria de encontrar melhor trato na cidade, trinta e nove metros quadrados, duzentos e vinte cinco mil, aquele era o empreendimento melhor equipado com o melhor valor do metro.

O metro cujo Programa tratava teria que necessariamente se basear

(...) nas seguintes premissas: - Estratificação das necessidades habitacionais nos Grupos de Atendimento; - Definição de produtos habitacionais diversificados e de seus respectivos custos, segundo estados e tipologia de municípios; - Distribuição dos produtos habitacionais por tipologia de municípios e conforme a capacidade de pagamento dos Grupos de Atendimento; - Existência de contrapartidas dos beneficiários; - Adoção de cenário de previsão de fontes de recursos; - Modelagem de financiamento e subsídio de acordo com as fontes de recursos. (BRASIL, 2009, p. 200).

As premissas e orientações estipuladas no Plano Nacional de Habitação deixam

evidente que tentam figurar apenas como referência, e não como modelo, de maneira que cabe ao governo local, “(...) a cada plano local de habitação de interesse social deve desenvolver um leque diversificado de soluções, tipologias e produtos habitacionais compatíveis com as características do município, desde que sejam compatíveis com os patamares de subsídio aportados pela União.” (BRASIL, 2009, p. 171), mas de toda forma há no arcabouço legal delimitações mínimas a ser obedecidas¹⁵.

A voz do corretor no fundo da cabeça; estava custoso focar a atenção no falatório dele.

Já disse que este é o melhor negócio, vocês estão pegando a mudança de fase do Programa, o com os apartamentos maiores que a média que o governo pede agora.

Na primeira fase do Programa a metragem mínima exigida era de quarenta e dois metros quadrados e, na segunda fase, diminui para trinta e seis metros quadrados na unidade do tipo casa, e trinta e nove para apartamentos. Tais delimitações nas tipologias das unidades habitacionais foram continuamente alteradas, com mudanças significativas tencionando garantir não apenas a metragem das unidades, mas também inserção dos empreendimentos na área urbana e acesso a serviços públicos. Para além das metragens, mudanças correlatas foram efetuadas nos valores financiados e nas taxas de juros aplicadas. Hoje, verifica-se que o tamanho das unidades habitacionais pode ser menor, ainda que o valor máximo do imóvel e teto do subsídio tenha aumentado.

Metro: comprimento do trajeto percorrido pela luz no vácuo durante um intervalo de tempo. A compradora já pelas tabelas, arrebatada pelas ofertas, desatinada pelos números. O mesmo espaço, por bem menos dinheiro. Aquilo que o corretor lhe ofertava, aquele espaço que desejava comprar lhe parecia agora o mais quadrado dos metros.

O pensamento divagava. Se metro diz do trajeto percorrido pela luz no vácuo, nós, simples terráqueos (a quem a vida no vácuo não é possível) devemos considerar que nosso metro, os espaços que habitamos, é iluminado por variadas luzes e a serviço de outras medidas. Ainda mais quando o tempo do movimento das luzes em seus peculiares trajetos – o espaço – e as cifras monetárias passam a se correferir.

(...) considerando que o teto dos preços e as dimensões das unidades estão previamente estabelecidos, o lucro do empreendedor se baseia na economia de custos obtida no processo de produção. Essa economia é obtida através da padronização, da escala (números de unidades reproduzidas), da rapidez de

¹⁵ Não tencionamos empreender em uma investigação comparativa entres as diferenças das fases do programa. No entanto, vale sinalizar que contínuas mudanças nas portarias, decretos e adições foram feitas ao longo dos nove anos de funcionamento do Programa e modularam a maneira própria que os empreendimentos foram construídos bem como consumidos.

aprovação e construção e do menor custo possível com a compra do terreno. O resultado dessa equação financeira é a construção de megaempreendimentos padronizados inseridos nas piores localizações das cidades, isto é, onde o solo urbano é mais barato. (ROLNIK, 2015, p. 310).

Cata com os olhos algo que parece se esconder, algo que deixou de ver, olha para os lados, as outras maquetes, outros prédios. Encara as tabelas, o logotipo do Governo Federal, o nome do Programa, em letras garrafais o nome da construtora responsável pelo empreendimento. No canto esquerdo, cabeçalho uma casinha desenhada. Uma casinha. No canto quase fora da página.

A orientação é para metragem mínima, as construtoras fazem frente à concorrência variando os modelos e as metragens, ofertando as mais variadas comodidades, dizem. As grandes construtoras, mais hábeis nas minúcias dos trâmites legais que envolvem a aprovação dos projetos junto à Caixa, tendem a ditar os moldes do mercado, assim como a financeirização e o impacto das mudanças de perfil – o que condiciona a maneira que as construções irão acontecer.

Os investimentos na Faixa 1 (população de baixa renda) foi sendo aos poucos deixado de lado na medida que vai se priorizando as mudanças na faixas 2 e 3, com aumento de tetos nos valores máximos de renda familiar das referidas faixas, bem como o teto máximo do custo do imóvel. Tais mudanças implicam no incentivo às construtoras de investirem num mercado com melhor retorno financeiro (as faixas mais altas), em detrimento à construção de unidades para a Faixa 1. Este movimento nos permite avaliar que o Programa cada vez mais se afasta do caráter social do qual foi inaugurado.

Ela olha com interesse as casas em miniatura nas mesas do lado, enquanto o corretor treinado para ser mãe Dinah segue o olhar da trabalhadora para a maquete adjacente. Não, aquele outro empreendimento não é perfil de vocês, não tem elevador e nem área de lazer. Fica muito afastado do centro, e vocês conhecem lá? É meio que área de risco. Custa cento e noventa mil, era o preço da outra faixa, do outro perfil.

Pensa em perguntar que outro perfil seria este, quem seria esta gente, que não ela, esta gente que pode morar longe do centro e em área meio de risco, a resposta do corretor certamente estaria nas tabelas. As faixas.

A trabalhadora queria dizer ao corretor que não adianta lhe mostrar mais folhetos e tabelas, queria dizer que

Não se vive em um espaço neutro e branco; não se vive, não se morre, não se ama

no retângulo de uma folha de papel. Vive-se, morre-se, ama-se em um espaço quadriculado, recortado, matizado, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, de degraus de escada, vãos, relevos, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas. (FOUCAULT, 2013 p. 19).

Ela já morara em um bairro meio de risco, aliás, era de risco porque ficava bem no meio, entre a avenida e a favela. A geografia das cidades é uma coisa engraçada, não cessa de dividir. Mudou-se de lá anos atrás, mas as notícias do lugar sempre lhe chamavam atenção. Recentemente alguém resolveu que era hora de outra divisão, colocaram uma guarita para barrar a entrada de não moradores, uma guarita bem no meio. Nem carro, nem pedestre: não morava lá, não entrava.

Os moradores do meio consultaram a prefeitura da cidade, receberam de pronto a autorização, não tinha nenhum impedimento para que os moradores do bairro da zona norte carioca erguessem a tal guarita. A rua antes pública passa a ser privativa, uma rua residencial, sem prédios comerciais de grande porte, não fazia parte de nenhum itinerário de transporte público, não era caminho para nada além das casas daqueles que lá moravam.

A justificativa para a fronteira erguida é a mesma velha conhecida, o aumento da violência, da incidência de roubos e furtos na região. Todos os outros certamente faziam parte de outro perfil de gente. Ninguém tinha mais nada a fazer ali, intrusos todos os outros. Queriam paz. Bom, se esta rua fosse minha, eu mandava gradear. Fizeram.

Olha com interesse as casas em miniatura nas mesas do lado, olha com interesse para o lado, para os perfis, para as faixas, para as leis e números que marcam e delimitam os espaços, para as casas, mas já entende que

Todo dispositivo legislativo organizou espaços protegidos e aproveitáveis, em que a lei pode ser violada, outros, em que ela pode ser ignorada, outros, enfim, em que as infrações são sancionadas. No limite, eu diria, simplesmente, que a lei não é feita para impedir tal ou tal tipo de comportamento, mas antes para diferenciar as maneiras de burlar a própria lei. (FOUCAULT apud POL-DROIT, 2006, p. 50).

Quando criança, ela tocava campainha das casas e corria, em um brincar infantil de ruiro arteiro que anunciava presença e entregava ausência, naquela mesma rua. Mas agora, o risco. E a criança que habitava seu sonho, sua casa dos sonhos, a criança que sabia que era sua pelo sorriso, como poderia ela burlar os limites criados pelo risco e pela lei?

Metros e cifras. Perfis. Leis. O pensamento da compradora divaga, pega a frase do vendedor pela metade... As janelas seguem a determinação da Caixa, pra ter ventilação cruzada, não é toda construtora que segue à risca não, normalmente fazem aquelas janelas que

dão para o respiradouro do prédio e só, lá quase não tem ar, a senhora tá bem? Quer um pouco d'água? Já te falei da piscina? Olímpica, semiolímpica... Bom para o perfil de vocês, é pertinho e seguro. Exasperada para de escutar o vendedor, sai de cena, talvez nunca estivesse em cena, só o perfil. E o perfil deles. Não compra a ideia e nem a casa.

Fissura e decadência: onde ruínas e obras se confundem

Se você pegar a estrada na saída norte da cidade, virar à esquerda no primeiro entroncamento, seguir por alguns quilômetros, até a estrada mal ser estrada, até o asfalto virar areia, lá vire à direita na picada certa. Chegará à fazenda, na porteira se avista o nome.

Lá mal se mora, se esconde – dizia a voz da cidade – naquele canto de mato alto só é possível um viver precário. Uma escola e meio posto de saúde funcionavam dia sim, dia nunca. Mas a vida dela que lá nascera insiste por entre seus quandos.

Na casa eram cinco: sua mãe, seu pai, ela e os meninos. Junto do torto casebre dela, mais três, um pouco menores. Seu pai se orgulhava um tanto de ter puxado no canto uma diminuta casa de banho.

Quatro casinhas, um banheiro externo, um poço raso de água barrenta e um galpão antigo que guardava as ferramentas de roçado; juntando tudo, uma pequena cercania. Crescera lá, lá morava e brincava de se esconder.

Notou pela primeira vez a rachadura na parede aos nove anos de idade. À noite escutou as brigas dos pais, toda noite bate boca, grito alto – a mãe gritava e o pai, calado. Ela gostava quando sua mãe ganhava, sentia que por tabela ganhava ela mesma, gostaria que sua mãe ganhasse sempre.

Na manhã, ao acordar, correu os olhos pelos dez metros quadrados da casa e mãe não constava, parece que vencera pela última vez e de prenda se desenlaça da família. A ida da mãe deixa um vácuo no peito da menina e lacuna na cama do pai. Ela pode sair do chão onde dormia, as costas agradecem, e herdar o espaço na cama de casal, na cama do pai, todo o resto estremece.

Perguntara-se se, por ser filha de sua mãe teria herdado, além dos espaços, a coragem e a força na garganta que a faria vencer de seu pai, no grito, como a mãe sempre fazia.

Mas naquela noite, aos nove, em silêncio, encarou a parede enquanto seu pai vencia. Pela primeira vez, notara a rachadura naquela quina e podia jurar que ouvira a casa estalar.

Atrasara-se, o gás acabara e teve que terminar de fazer o almoço na vizinha. A inspetora

de alunos fala quase aos gritos que da próxima vez, ela viesse almoçar na escola. Acontece que o almoço não era para ela, era para o noivo. “Menina de 13 anos não noiva”, disse a inspetora; “o amor me encontrou cedo”, pensou em responder. Calou.

Não sabe se a inspetora não a levou a sério ou levou ela a sério demais, só sabe que, com desdém, passou a chamá-la de noivinha. Não gostava de apelido, gostava de seu nome. Deu volta inteira decidida a não mais voltar. Entra em casa sem saber o que fazer, antecipando que a bronca ia ser grande, e ela, que ainda não aprendera vencer. Aos treze, testou a voz, a garganta arranha, falha, resolve se esconder, cata um espaço outro, um refúgio, o acha no chão, no canto pequeno entre o armário e a cama. Acompanhou a rachadura na parede. Já media mais de dois palmos de extensão, descia da quina em linha quase reta em sua direção.

Perde-se o espaço entre o corpo e o mundo, perde-se o lugar porque se vai corroendo o desejo de partir ou ficar. Desaparece a memória, o lugar significativo da história individual. Desaparece a possibilidade de regressar. Corpos oblíquos à claridade, rendendo-se ao peso do chão, à terra. Homens, vozes que na impossibilidade concreta de palavra encontram — na espera nos campos de refúgio, nas estradas periféricas que conduzem às metrópoles, na infinita espera e na infinita errância — o desamparo de crer. O desespero (VILELA, 2000, p. 42).

Quase na mesma velocidade que crescia a rachadura, cresciam seus irmãos. Um a um, debandaram mata afora atrás de um lugar com mais cinza e mais cimento. Vez ou outra, davam jeito de mandar notícias e um dinheiro qualquer. As notícias, ela recebia; o dinheiro, o pai bebia. A bebida cobrou seu preço: um divino qualquer decretou que seu tempo havia chegado, já havia vivido o suficiente.

Ela, que de anos já vira passar dezessete, enxergando do mundo um pouco, falando com ele um nada ou quase, não fez questão de ver o corpo que caiu em meio à plantação. Deram um jeito para lá, um chamou o outro que chamou o um, a prefeitura enterrou. Com ajuda do tempo, ela venceu. Maldita cana que alimenta. Bendita cana que mata.

Sem pai, mãe ou irmão de um dia para o outro, antes dela saber que adulta já era, adulta virou. O noivo viajara a trabalho tem meses e não dava cara de que voltaria. Ela esperou noites inteiras na soleira. Na segunda semana, decidira que ele não valia a espera, e na mesma noite o filho do dono da fazenda resolvera lhe fazer companhia. Na prática, pouca coisa mudou, só tinha mais espaço, bem mais espaço na cama. E a rachadura que antes crescia a olhos vistos parecia até encolher.

Ela, que tirava da cana algo para custear a vida, e nela – na bendita maldita – também morrer um pouco no fim de cada dia. Quando terminava o copo, não se sentia mais menina,

virava a adulta que lhe diziam.

Após a morte do pai, volta e meia apareciam carros chamando pelo seu nome na porteira. Veículos semelhantes a visitaram na ocasião da ida da mãe e dos irmãos. As caras mudavam, mas as perguntas sempre se repetiam. Às vezes, era o Conselho Tutelar; às vezes, o Bolsa Família; às vezes, a polícia. No anúncio do motor, ela de novo virava menina: corria e se escondia, contava até muitos antes de aparecer. Um dia, esperaram mais do que o estômago dela poderia aguentar e, quando voltou a casa para catar comida, estavam lá. Caras de assustadas que fizeram, quando ela saiu de trás do móvel. Ela tentou evitar, mas riu. Elas não riram muito. Com caras sérias, fizeram perguntas e quando concluíram sozinhas que ali não era seguro para ela, ofereceram ajuda: um tipo de ajuda que ela não pedira. Ela mal entendera a presença daquelas mulheres, já conhecia

(...) à sua maneira, um estado de aniquilamento em que sua vida ficou suspensa, neutralizada. E não vêm pedir ajuda para ser objecto de um olhar atento que faça inventário de suas necessidades e de seus disfuncionamentos, mas antes para fazer com que sua vida exista na realidade que lhe é própria. (VILELA, 2010 p.11).

Sem questionar a pertinência das suas próprias perguntas, anunciaram que, não muito longe dali, acabaram de construir umas casas bem melhores. Contaram que, com seu perfil, uma das casas poderia ser dela. Algo entre a data de nascimento, sua renda mensal, as condições físicas da casa em que morava, casa que nem era dela – fizeram questão de sublinhar que apesar de ter crescido lá a casa era apenas cedida para uso pelo dono da fazenda. Era papel das mulheres no carro fazer as contas e dar conta da precariedade da casa e da insegurança da posse, seguindo as regras e orientações da lei¹⁶ (BRASIL, 2009).

Mas acontece que era sexta-feira, e em algum lugar batia um relógio que dizia que elas ali não poderiam decidir nada: no final de semana, nada funciona; quem obedece não faz nada durante a folga de quem manda. Antes de virarem as costas, disseram para ela isso: não faça nada, até segunda voltamos aqui, com soluções e com planos, iremos assegurar

(...) que ninguém seja deixado para trás das oportunidades e benefícios igualmente compartilhados que a urbanização pode oferecer. Devemos garantir a todos os habitantes, tenham eles status temporário ou permanente, seja vivendo em assentamentos formais ou informais, a levar vidas decentes, dignas e gratificantes e atingir seu total potencial humano (ONU, 2016, s/p).

¹⁶ Lei n. 11.977, de 07 de julho de 2009, que dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas.

O que as moças do carro parecem não reconhecer é que há precariedade em toda vida, que vidas são, por definição, precárias, mas as maneiras e os modos de constituição desta precariedade são assimétricos, fazem com que determinadas populações sejam expostas ao contexto de violência, perigo, enfermidade, migração forçada, pobreza ou morte em maior escala do que outras (BUTLER, 2015, p. 45-46).

Formas de poder e de desigualdade, socialmente produzidas, acabam por se tornar referências na configuração das políticas sociais, e a todo tempo produzem tecnologias de visibilidade que tendem a individualizar aquilo que, de saída, é uma condição relacional – e não fruto de uma suposta condição essencial.

Se há uma casa precária, e um corpo que vive aquilo enquanto verdade, estes aparecem entremeados nos modos de produção e sustentação de um conjunto de tecnologias que mantém esta parcela da população nesta condição.

O tempo passou como passava sempre, nem mais lento nem mais rápido. Parou de se esconder dos carros, eles já a tinha achado. Agora, era esperar a outra rodada do pique, ela já quase podia escutar em algum canto da cidade eles contarem um, dois, três... Lá vou eu. Se ao menos pudesse sair do jogo, mas

Aquilo que nos vincula moralmente tem a ver com como o discurso do Outro se dirige a nós de maneira que não podemos evitá-lo ou mesmo dele desviar. Essa implicação realizada por meio do discurso do Outro nos constitui, a princípio, contra nossa própria vontade ou, talvez colocado de forma mais apropriada, antes mesmo de formarmos nossa vontade. (BUTLER, 2011, p.15).

Aguardou como disseram e no aguardo não espera nada, vivia no silêncio que conhecia no espaço que lhe cabia; se ao menos tivesse herdado da sua mãe o poder de ganhar no grito. Na vida tudo era mais obrigação do que desejo e parecia que tudo se resolveria em outra esfera, mas a:

(...) cidade e casa tornaram-se indiscerníveis, e a possibilidade de distinguir entre o nosso corpo biológico e o nosso corpo político, entre o que é incomunicável e mudo e o que é comunicável e dizível, nos foi tolhida de uma vez por todas. E nós não somos apenas, nas palavras de Foucault, animais em cuja política está em questão suas vidas de seres viventes, mas também, inversamente, cidadãos em cujo corpo a natural está em questão a sua própria política (AGAMBEM, 2002, p. 193).

Pensara em se refugiar no futuro para escapar do sofrimento, como se seguir a linha do tempo fosse lhe poupar do passado ardido e do presente incerto - mesmo que o futuro parecesse ter sido confiscado quando a rachadura tomava espaço. O presente era tudo que

tinha.

Quando o sol se apagava, ficava só com a rachadura e mais por medo que desejo, construía em seu lugar outro lugar até dormir. Imaginava-se ou sonhava, não sabia, mas ela sempre via o mesmo, a mesma rotina dos seus dias: as refeições que fazia na vizinha já velhinha, em troca de ajuda na faxina, as frutas que pegava no caminho e as conversas com os meninos da capina. Lembrava, imaginava, na noite

(...) uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, de fantasmas nem de projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez o mesmo que um devir ou umas núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode dar qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e por vezes sem as conhecer nem as ter jamais visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 06).

A rotina que vivia de dia, atravessada pelos efeitos da noite, transmutava a sua relação com a vida, aliviando o peso da obrigação ou necessidade.

Se sua casa e sua vida eram inseguras e precárias como lhe diziam, não era apenas isso. Na cercania onde morava, em seu passado atormentado pelas batalhas perdidas nos dias e pelas trincheiras que habitava nas noites, forja “(...) para além da certeza de que nunca se pode parar e que a vida é uma luta permanente, constrói-se um ambiente com repertórios para se ir além dos próprios territórios e maiores escalas de conquistas” (FRANCO, 2017, p. 93).

Senta no canto que foi abrigo ao longo dos anos, se espreme entre a parede e a cama. Não mais para se esconder, mas para cavar ali espaço para ver de outra perspectiva a casa e a vida, para reivindicar seu presente.

(...) trata-se de cavar, de continuar a cavar, a partir do ponto mais baixo: este ponto. É simplesmente lá onde as pessoas sofrem, ali onde elas são mais pobres e as mais exploradas; ali onde as linguagens e os sentidos estão mais separados de qualquer poder de ação e onde, no entanto, ele existe; pois tudo isso é a vida e não a morte. (NEGRI apud PELBART, 2003, p. 27).

Quando o carro chegou novamente, ela anuncia que desta vez que sabia o que queria. Queria que tudo fosse diferente para que pudesse ser o mesmo. Ela queria o mesmo, só que diferente. Ela queria viver no presente, agradeceu a oferta, muito obrigada mas não obrigada, não queria a solução dada pelas moças do carro, não lhe interessava a “(...) propriedade privada individual (que) ganhou hegemonia sobre todas as outras formas de posse nos programas de reforma e administração fundiárias pelo mundo” (ROLNIK, 2015, p.153).

Talvez tenha dito baixo demais, pois as moças não escutaram. Trataram de trazer com elas outras caras com outras regras que afirmavam bem mais alto que ela que a casa estava

condenada e ela, condenada a achar uma casa nova.

Parece que as moças como tantas outras caras nas distantes cidades além-mar, na capital do seu estado, seguem a

(...) identificar o vasto território autoprodutivo pelos pobres nas cidades com o estigma e, portanto, de justificar as políticas de eliminação desses espaços. (...) trata-se de controlar territórios estruturados sob a lógica das necessidades de sobrevivência e da invenção, para que o capital financeiro – a moeda que circula livremente, desencarnada de qualquer território – possa ali pousar em paz (ROLNIK, 2015, p. 253).

O jogo de pique não cessa. Ela ainda queria ganhar. Ela queria dizer: Eu, um, dois, três, EU, mas a palavra não saía, empacava na primeira vogal que se negava a colar com a outra, o U faltava. Ficava lá o E engasgado... E... E... Gaguejado. Um silêncio se somando ao outro. E... Silêncio... E... Pausa... E... Engasgado... E. Nesta soma de silêncio e vontades engasgada na vogal, consistiu seu Eu, um eu feito de engasgo e de silêncio, um eu pequeno, de histórias pequenas um eu, cheio de E suas somas E suas faltas. Veem-na, apontam o dedo. Acham-na, ali esta ela. Correm em direção ao marco. Batem três vezes na parede... Ela chega, um pouco tarde demais. Chegaram primeiro, falaram mais alto, ganharam, seguiram dando cabo dos

(...) trabalhos de reurbanização, revelando os bolsões de miséria que o velho centro escondia, destruindo quarteirões inteiros e abrindo novas ruas, cavando e erguendo, criando essa paisagem urbana tão característica (e tão familiar aos habitantes das grandes cidades brasileiras de hoje!), onde ruínas e obras se confundem. (GAGNEBIN, 1997, p. 150).

Depois de ajudarem-na a arrumar as poucas coisas que lhe pertenciam, além de avisar à vizinha que iria se mudar e que era hora de ela arrumar outra pessoa para ajudá-la, ela entrou finalmente no carro. Então, as moças, ainda sorridentes, dizem para ela que se acalme, agora tudo vai ser diferente, ela vai gostar da casa nova.

Interpelam-na e sem precisar pegá-la pelo braço – a força estava no sorriso, no crachá, no rosto e não nas mãos. E a impelem a um futuro bem longe dali, sem fissuras, sem rastros, sem presente? Este novo não lhe parecia muito diferente.

É esta convergência do passado e de presente na forma do seu futuro comum, a morte, que caracteriza a consciência temporal da modernidade. O sempre-novo revela-se na sua obsolescência essencial, no brilho da vida fulgura a chama da destruição. (GAGNEBIN, 1997, p. 150).

Escutou um estalo, esperou por um estrondo. Não olhou para trás, não foi preciso, “(...) às ruínas do passado correspondem as de hoje; a morte não habita só os palácios de ontem,

mas já se apoderou dos edifícios que estamos construindo.” (GAGNEBIN, 1997, p. 150).

Sua casa caiu¹⁷.

A mulher que já fora menina tenta exercer a força que julga ter tido sua mãe, mas não consegue. Ela não é a que grita. Fica em silêncio. Os gritos da sua mãe são apenas ecos nos becos da memória que ela tenta, em vão, reencenar. Ela não pode ir embora como seus irmãos, não pode sequer morrer como seu pai, a ela restou sobreviver e seguir. A ela, restou ficar e insistir. A mão direita se agarra na bagagem, a mão esquerda como que possuída pelo silêncio, descola do corpo e em um gesto em direção à porta. Tenta, não tem coragem de abrir a porta do carro, a porta do carro em movimento.

Talvez tenha sido algo no olhar fixo que a mulher sustentava para a estrada – as moças de crachá não conseguiam identificar o que dizia aquele rosto, não havia cartilha para isso. Talvez tenha sido a mudança abrupta da paisagem – do verde ao cinza – que o caminho anunciava. Quem sabe tenha sido tão somente o cansaço depois do dia de trabalho, talvez não saibamos o que se exatamente o que se passou, mas agora, o silêncio vazava pelos olhos da mulher e contagiava todos no carro, mesmo após terem findado a tarefa que supostamente a salvaguardara da precariedade da casa.

Interpelou-as sem precisar pegá-las pelo braço – a força estava no silêncio, na mirada, no rosto, na sua estrada e casa. E as impelem a um presente, entre lá e aqui, com fissuras com seus rastros. O presente se historiciza no encontro com a vida da mulher em seu silêncio. Algo acontece. Algo difere.

Seria preciso, pois enfrentar a questão do déficit habitacional, bem como o binômio de casa precária/casa digna sem ignorar a historicidade do presente e os acontecimentos concretos que tecem esta geografia dos lugares e não-lugares, politizar os gestos e forjar uma maneira compromissada de agir uma Política, sem se limitar ao lastro das legislações, mas se indagar os caminhos éticos que estão a percorrer.

(...) o que pode perfeitamente fazer diferença é considerar a vida precária e, portanto, também a condição de violável uma condição generalizada, em vez de uma maneira diferencial de marcar uma identidade cultural, isto é, como um traço recorrente ou atemporal de um sujeito cultural que é perseguido ou violado por definição e independentemente da circunstância histórica (BUTLER, 2009, 250–1).

¹⁷ <https://theintercept.com/2018/03/23/maior-conjunto-minha-casa-minha-vida-desabando/>
08/06/2018.

Pode ser a gota d'agua

Quer-se uma ampla e ativa participação de moradores, coletivos, redes sociais existentes nas comunidades afetadas pela intervenção habitacional. É preciso dar voz às populações para que expressem seu cotidiano no território as ausências, as potências e os arranjos urbanos de que se valem e de quais aspirariam valer-se. Para tanto, é necessário reconhecer que a população detém saberes cunhados em suas trajetórias de vida urbana imprescindíveis na formatação de projetos urbanísticos habitacionais. Quando a população vivencia um processo participativo horizontal (democrático) com técnicos e gestores da política pública, é capaz de contribuir significativamente nas proposições da política. Os moradores são competentes na produção de um diagnóstico urbano social quando há espaço para fruição e intercâmbio entre o conhecimento vivido e o conhecimento técnico. (BRASIL, 2014, p.24)

No estalar do interruptor, vento. Ainda assim, muito calor aqui dentro. Também, olha esta lua. Estamos precisando é de um eclipse lunar então. Ou de um banho. “É preciso nunca esquecer que o sol comanda, impondo sua lei a todo empreendimento cujo objeto seja a salvaguarda do ser humano.” (LE CORBUSIER, 1993, s/p). O outro ventilador não funciona, não? E num vai caber todo mundo aqui dentro. Tá muito cheio. E tu acha que vem todo mundo? Vai ficar uma galera do lado de fora. Uma árvore a cada cinco unidades habitacionais. Rá, num tem nem capim direito, imagina árvore! Não há sombra no condomínio. Deviam ter plantado as mudas antes de a gente chegar, agora já estariam grandinhas. Ou mortas. Ih, vai ficar todo mundo no sol. Está muito cheio aqui. Abre a janela.

Em todas as zonas bioclimáticas as esquadrias de dormitórios devem ser dotadas de mecanismo que permita o escurecimento do ambiente com garantia de ventilação natural. Este mecanismo deve possibilitar a abertura da janela para a entrada de luz natural quando desejado. Em unidades localizadas nas zonas bioclimáticas 7 e 8 as aberturas da sala deverão prever recurso de sombreamento (veneziana, varanda, brise, beiral, anteparo ou equivalente). (BRASIL, 2017).

Quinhentas unidades habitacionais, muito mais do que diz a lei. Mas pode ser que a lei já tenha dito outra coisa, mais volúvel que lei, só os numerais. Está muito cheio aqui. Poderiam ter trazido um café. Esta história de ter que decidir quem manda no condomínio. Síndico. Que deixem cada qual mandar na sua casa. Aí vira terra de ninguém. E este povo da prefeitura está demorando. Deixar a gente aqui torrando no sol. Tão vindo a pé, é? O carro não passa. Buracos demais. Tiraram os paralelepípedos, um a um. Não são buracos, é uma trincheira. A viatura passa todos os dias, daí era confusão todos os dias. Correria. Começaram destruindo os postes de luz da quebrada. Outro dia. Agora isso, está esburacada estrada. Não passa nada, nem carrinho nem carroça, atravessa para lá só a pé, e aos saltos, disseram que agora sim a preferência é do pedestre. E tu acha que este negócio de síndico vai resolver?

Quando essa densidade atinge, como em vários bairros, 600, 800 e até 1.000 habitantes, tem-se o cortiço, caracterizado pelos seguintes sinais: 1. Insuficiência de superfície habitável por pessoa; 2. Mediocridade das aberturas para o exterior; 3. Ausência de sol (orientação para o norte* ou em consequência da sombra projetada na rua ou no pátio); 4. Vetustez e presença permanente de germes mórbidos (tuberculose); 5* Ausência ou insuficiência de Instalações sanitárias; 6. Promiscuidade proveniente das disposições internas da moradia, da má orientação do imóvel, da presença de vizinhanças desagradáveis. (LE CORBUSIER, 1993, s/p).

Vieram do lado de lá. Este pessoal de baixo que faz a confusão, mas a correria e a dura sempre é aqui em cima. Eles sempre vêm pelo vão que dá na estrada de trás. A PM também se esconde na escuridão do beco, não sobem pela via central, não. Aquela garotada do prédio, aqui nas casinhas tem movimento, mas não tretamos com eles não, tamo trabalhando só.

A maneira que você se relaciona com a sua comunidade serve de exemplo para os seus filhos e para os filhos dos seus vizinhos. Portanto, você tem muita influência no futuro deles. Depende de você prolongar a felicidade deste momento em que recebe a sua nova moradia. (CAIXA¹⁸, s/d, s/p).

Até parece, se fosse assim não estávamos aqui esperando este povo. Eu cheia de coisa para fazer, roupa para lavar; acho que subiu hoje a água, se não aproveitar acaba num minuto só, e sobe com o balde como? Estes canos finos... Falaram que tem que trocar, quero saber é quem que troca.

Se você mora em condomínio e as soluções de esgotamento sanitário, abastecimento de água e drenagem são coletivas, ou seja, atendam a todos os imóveis de seu condomínio, cobre do seu síndico a limpeza da fossa séptica, das caixas de gordura, da caixa d'água e das calhas, bem como a troca das telhas quando necessário. (CAIXA, s/d, s/p).

Graças a Deus, não aguentava mais! E olha a cara delas, que tanto de sorriso é este? Oxê, e não trouxeram nem um cafezinho. Eu lá quero tirar foto com o prefeito? Quero é tirar a dúvida, disseram que se eu não viesse, já era casa, já era benefício. Foi o que disseram, aquela dali mesmo, aquela magrinha. É até boazinha ela, coitada, mas no final não pode é resolver é nada. Se o presidente falar que num tem mais grana, não tem mais; eu faço o meu, ela faz o dela e vem o homem e desfaz é tudo.

Faz silêncio que não tô escutando o que a moça tá falando. Pagar? Pagar o quê? Que história é este de taxa? Condomínio, agora vê, tem nem muro direito isso aqui. Entra quem quer, quando querem, não sai ninguém e sou eu que vou pagar taxa de condomínio?! Quero ver fazer subir o caminhão de lixo. Na hora de cobrar tá todo mundo aqui sorridente, mas sobe nem carteiro, nem o boleto chega em dia.

¹⁸ Brochura distribuída pela CAIXA aos moradores no momento da entrega das chaves. Aqui optamos por utilizar a versão de 2014, a qual tivemos acesso apenas via cópia mimeográfica, e hoje não está mais em circulação. Para fins de referência, uma versão reformulada pode ser encontrada no site: https://www.caixa.gov.br/Downloads/habitacao-minha-casa-minha-vida/Guia_do_proprietario.pdf

Cuidado para não perder seu imóvel, isso pode acontecer se você atrasar o pagamento das prestações. Nesse caso, a dívida vence de uma vez e você não pode comprar outro imóvel com os mesmos descontos e vantagens. Por isso, quando tiver qualquer problema para pagar as prestações, procure a CAIXA imediatamente. (CAIXA, s/d, s/p).

Então é com a Caixa que tenho que falar se o carteiro disser que não sobe de novo? E eu sei lá porque, devia estar com medo dos traficantinhos da esquina, um monte de menino magrelo. “Reforce a segurança com cães (se em condomínios, somente conforme as regras da Convenção de Condomínio e do Regimento Interno), chaves tetra, ferrolhos, alarme etc.” (CAIXA, s/d, s/p).

E se está tudo nesta cartilha aí porque eu tenho que gastar meu tempo aqui? Ler eu sei. Tu sabe ouvir? Mas está me irritando já. Boazinha, sei. Esta é repetindo a mesma ladainha.

A gente pode perceber com muita clareza que as pessoas são doutrinadas pela cartilha. E somente depois é que chegam a prática. Mas nós, nós acreditamos que a prática deve ser estreitamente ligada a teoria. Se não, não faz nenhum sentido! Não nos interessa discutir a teoria se o próprio povo também não discute-la! É preciso antes despertar o seu interesse é evidente. (LULA apud GUATTARI, 1982, p.35-36).

Vou te dizer que problema não tem pouco não, e se não dão conta por aí, nós damos por aqui. E quando não tem jeito, solucionado está. Eu estou ouvindo. Você está ouvindo? Não vou pagar! É para votar? Então vambora que as crianças já vão sair da escola.

A sua criança também ia sair daqui a pouco da escola, e sinal de celular não pegava no condomínio, não daria para avisar do atraso. O ônibus ia passar daqui a pouco e nada desta votação terminar. Tava calor não tava? E a gente nem trouxe um cafezinho, uma água, nem nada. Ei, faz silêncio que a moça está falando, eu quero escutar o que ela tá dizendo, depois ela não comparece nas atividades do CRAS¹⁹ e você reclama e diz não saber o porquê, articulada ela, tem sempre algo a dizer, tá calor não tá? O outro ventilador não está funcionando não? E quem tem que resolver isso? Sindico. Então apressa esta votação. Vamos organizar.

Organizar-se nunca quis dizer filiar-se numa mesma organização. Organizar-se é agir segundo uma percepção comum, seja a que nível for. Ora, o que faz falta à situação não é a “cólera das pessoas” ou a penúria, não é a boa vontade dos militantes nem a difusão da consciência crítica, nem mesmo a multiplicação do gesto anarquista. O que nos falta é uma percepção partilhada da situação. Sem essa comunicação, os gestos apagam-se no nada e sem deixar vestígios, as vidas têm a textura dos sonhos e as sublevações terminam nos livros escolares. (COMITÊ INVISÍVEL, 2015, p. 13-14).

¹⁹ Centro de Referência em Assistência Social – equipamento de proteção básica do Sistema Único de Assistência Social (SUAS).

Achou que ia chegar lá, pôr todo mundo junto e estava feito. Mas fora uma bagunça, todos falando ao mesmo tempo, nenhum respeito à autoridade do prefeito ““O que é isso?” Finalmente, gente real. As pessoas em sua realidade. Foi prodigioso! O que eram as pessoas em sua realidade? Era o devir. Podia haver alguns devires ruins.” (DELEUZE apud PARNET, 1995, s/p) e havia, de ambos os lados a tentativa de calar o outro, de destruir o outro quase pôs tudo a perder. Fora uma bagunça, com pequenos vacúolos de silêncio, mas fora possível se ouvir, foi possível ouvir que para uns era necessário falar, para tantos outros era necessário calar. Fora uma bagunça. “Alguns podem zombar disso. Ou zombam depois que passou. O que tomou as pessoas foram fenômenos de puro devir.” (DELEUZE apud PARNET, 1995, s/p)).

Tinha alcançado a meta, reunião feita, números na planilha, atendimentos faturados, síndico eleito, e isso bastava à gestão. Saíram da reunião satisfeitos com o resultado. Tudo resolvido, nada resolvido. Ela, desconcertada.

Aprendera algo: se não tem solução, solucionado está. Aprendera mais: quando a solução não é interessante, resta arrumar problemas. E neste enfrentamento dos problemas e soluções, novos problemas, novas respostas. “Mas já não são mais os mesmos tipos de problemas, vai se criar uma nova situação e novos devires revolucionários serão desencadeados. Nas situações de tirania, de opressão, cabe aos homens devirem revolucionários, pois não há outra coisa a ser feita.” (DELEUZE apud PARNET, 1995, s/p)). Se conseguirmos ouvir. Novos problemas, novas respostas.

Neste sentido interessa pensar um pouco mais próximo ao chão contemporâneo, perceber que a disputa tem se dado em outras trincheiras para além das partidárias e dos jogos legais mais à esquerda da própria esquerda, já que “Ser de esquerda é começar pela ponta. Começar pela ponta e considerar que estes problemas devem ser resolvidos” (DELEUZE apud PARNET, 1995, s/p)).

Quatro horas. Ainda dá tempo de achar alguém da Secretaria. Era hora de desconcertar alguém por lá, já não dava para ficar lá só de cenário para foto. Novos problemas, novas respostas. Outras histórias.

Cumulonimbus: corpos sólidos nas nuvens

Para o SUAS a concepção de gestão é composta pela associação entre o domínio de conhecimentos técnicos e a capacidade de inovação, alinhada aos princípios democráticos da gestão pública. Desse modo, “pensar as dimensões – diagnóstico/ Planejamento / execução / monitoramento/ avaliação, como movimentos absolutamente interligados e interdependentes, que se imbricam e inter-relacionam, numa dinâmica estratégica e não linear. Tais dimensões não podem mais serem vistas como etapas ou fases que se sucedem, mas sim como uma totalidade dinâmica.” (BRASIL/ MDS, 2007, vol. 2, p.48)

Costas no muro. Confere mais uma vez o relógio. No céu, as nuvens se acumulam em cinza. A temperatura caíra. Trovões retumbam. Calcula a distância da tempestade como sua mãe lhe ensinara, luz, um, dois, três, quatro... Quinze, barulho. Agora, divide por três. Cinco. Cinco quilômetros de distância. O corpo, barômetro termômetro, higrômetro, infoma que é melhor procurar abrigo.

A porta estava fechada. Balança o portão. Procura a chave embaixo do vaso de planta, deveria estar lá, formigas, insetos, a chave não constava. Afasta-se para o olhar o muro, avalia a altura. Considera a firmeza das pernas. Lembra com dor o tornozelo torcido vezes demais para se arriscar a pular o muro. Sacode novamente o portão. A placa com os logotipos do Governo Municipal e o nome da secretaria balança assustadoramente sob a força do vento e da sua mão. Solta o portão antes que a placa caia, mas o vento continua. Grita o zelador pelo nome. Ninguém vem. Quatro e quarenta. A porta permanece fechada. Luz, um, dois, trovão. Vê nuvem vindo. O som do trovão dita os passos no chão. Os pedestres começam a correr, antecipando a precipitação. Metade da rua seca, metade já sob a água. Não há mais tempo. Esconde o calhamaço de papel sob a blusa. Pensa em correr, na direção contrária da nuvem, mas isso a mandaria também à direção contrária do destino certo. Tinha aquele monte de relatório para entregar. Chegara na hora combinada com a responsável pelos processos na secretaria, mas parece que essa se esquecerá de combinar com o zelador. Chega chuva. Na nuvem mais cinza, as gotas começam a solidificar em pedaços irregulares de gelo. Granizo. As folhas que tentou em vão proteger da chuva estavam encharcadas, ela levaria bronca certamente, levar as folhas até lá era sua última tarefa do dia. Espera que tenham salvado os relatórios no computador.

Na casa ao lado, correm para fechar a janela. Fecha. Luz, trovão. A janela abre. Ei, quer entrar?

A porta aberta da vizinha, momentos antes da saraivada, precipita alento.

Eles acabaram de mudar. A casa anterior estava com o aluguel muito caro e dono já avisara que, este ano, teria que ajustar, olhava para a cara deles e achava que eles tinham dinheiro o suficiente para pagar. Não tinham. Este mês, linhas telefônicas e provedores de internet foram cortados. O uso do carro estava limitado à emergência somente. Mudança dá aquele trabalho, há semanas não achavam o que queriam antes de trinta minutos de busca. Eram uma força-tarefa toda vez que precisavam achar um papel, um formulário, um copo

d'água, o coador de café – todos, itens extremamente necessários para manter aquela casa funcionando.

A casa nova tinha dois andares, bem maior que a outra; o preço da locação abaixo do mercado, as marcas de mofo na parede, o mato alto no quintal, o ranger das portas e da escada, eram facilmente ignorados. A localização não era das melhores, tudo meio contramão, transporte coletivo não passava perto e sem carro à disposição quando precisavam se deslocar (sair e chegar) só podiam contar com os pés.

E mais ou menos vinte pares de pés pisoteavam aquelas escadas diariamente, sem contar os visitantes, que eram muitos. Muitos pés e muitas mãos também, daí a dificuldade de encontrar as coisas, alguém sempre mudava tudo de lugar e ela era a responsável por arrumar, consertar e limpar, mas agora ela estava sentada na cadeira, atendendo o vigésimo telefonema do dia, algo dera muito errado no dia anterior, e ela agora tinha sido designada para repetir no bocal as mesmas palavras, não a senhora Secretária não se encontra, só retorna de viagem na semana que vem, quer deixar recado? Já quase esgotara o caderno improvisado que fizera para anotar os contatos. Não havia sido contratada para isso, mas era disso que necessitavam no momento, não tinha muita escolha, auxiliar de serviços gerais em geral não tem muita escolha.

A vigésima ligação do dia, a voz do outro lado estava muito aflita, falava rápido demais, difícil entender, chamou pela mesma pessoa das dezenove ligações anteriores, a resposta usual já estava sendo repetida quando ela começou a chorar, choro alto, soluçando, pedia, por favor, para que ela mandasse alguém lá, qualquer alguém. A auxiliar olhou em volta. Os meninos que estavam fixando a placa acabaram de sair; fizeram um trabalho meia boca e foram embora. Olhara a hora, quatro horas, o resto das pessoas havia saído com a bolsa a tiracolo e suas melhores caras de ‘tenho uma reunião importante’, não voltariam. Por favor, que ela mandasse alguém lá, qualquer alguém. Qualquer alguém. Ela? No telefone a voz dizia que chegou em casa e o menino dela não estava, que a vizinha disse que saíra de casa ainda cedo, não tivera aula e a última vez que foi visto foi com uma moça que trabalha para vocês, não sei que moça não, mas ele não está em casa e já tá ficando tarde. Disseram que ele saiu de casa com uma moça daí. Só quero saber se vocês levaram meu menino. Manda alguém, qualquer alguém.

Auxiliar de serviços gerais em geral, não tem muita escolha.

Ficara sentada, em sua sala, o dia inteiro. Fumava um cigarro clandestino na janela. Tirara o seu telefone do gancho e pedira para a atendente dizer a todos que ela havia saído, para pegar contato e passar bem. Aquele lugar pode muito bem funcionar sem ela. Pensa e espera. Nada de muito horrível aconteceu, nada é culpa dela. O problema foi o tempo. O *timing*. Acabara de assumir a Secretaria e já tinha pepino no condomínio, merda para todo lado²⁰ e gente batendo em sua porta cobrando solução, como se ela soubesse, não sabia, mas tinha gente que trabalhava para ela que deveria. Gente que trabalhava para o município que deveria saber. A porta abre em um supetão, mal dá tempo de jogar o cigarro pela janela, abana com a mão a fumaça, gesto falido. Sorriso largo demais para quem está afundada em problemas; pela porta, entra uma jovem magrinha, igual a todas as outras jovens magrinhas que trabalham naquela casa. Ela trazia meia montanha de papel nos braços. Com o sorriso já desfeito, acena para que deixe na mesa a papelada e a esqueça, não quer ser incomodada. Acende outro cigarro e desta vez não se dá o trabalho de esconder. Folheia o monte de papel novo, faz que vai assinar alguns deles, mas desiste no meio do gesto.

Senta no beiral da janela, gosta da casa nova, tem um ar de elegância e decadência, fachada imponente, mas com aquelas marcas do tempo – assim como ela. Casa velha, seu filho diria, ela prefere elegância e decadência. Bem verdade que seu joelho rangia quando subia as escadas íngremes demais, que quase tudo nela estalava, suas costas e a casa, mas tinha aquela imponência dos prédios antigos, ela se sente mesmo mais importante ao sentar ali olhando a cidade de cima, ainda que apenas uns quatro metros acima, mas de cima.

No andar abaixo, burburinhos e passos incessantes; havia ordenado que arrumassem ao menos a copa para que pudessem fazer as refeições ali mesmo, saco vazio não para em pé, não produz relatório, não fatura compras e vendas, não organiza as demandas do equipamento; saco vazio não para em pé e nem faz andar o trabalho, fora que ali perto não tinha muitos restaurantes, então era melhor que comessem por lá mesmo, otimizar o tempo. Fazer mais com pouca gente e pouco tempo, fora com esta plataforma que conseguira a

²⁰ <https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/388861764/mpf-rj-firma-acordo-pela-realizacao-de-obras-em-estacao-de-esgoto-em-valenca-rj>;
<https://www.youtube.com/watch?v=SHyfbz-eAmE>
<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/07/esgoto-invade-moradias-financiadas-pelo-minha-casa-minha-vida-no-rs.html>;
http://www.portalnews.com.br/_conteudo/2017/02/cidades/51380-depois-do-teto-agora-e-esgoto-que-cai-em-apartamento-do-mcmv.html;
<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/moradores-do-minha-casa-minha-vida-relatam-problemas-de-estrutura.html>

indicação para o cargo, as palavras certas ditas nos ouvidos corretos e conseguiu a colocação que queria. Agora, estava ali, na chefia da Secretaria, agora estava ali atrás de uma montanha de papel, tendo que lidar com a merda que voltava para dentro da casa das pessoas, não entendia como isso poderia ser problema seu, mas manda quem pode e obedece quem tem muito a perder. Secretaria de Assistência está aí mesmo para isso, para assistir.

Venta bastante hoje; lá embaixo, eles estão tentando fixar a placa com o *slogan* do poder municipal, o vento não ajuda mas parece firme o suficiente, olha o relógio: quinze e trinta, acho que ainda dá tempo de encontrar o procurador no jurídico. Apaga o cigarro no beiral, cata um calhamaço de papel e desce a escada ignorando o ranger dos joelhos, com um sorriso largo, acena e diz que vai resolver questões na sede do Governo e que volta amanhã. Qualquer coisa, não me liguem. Anotem o recado. Aquele lugar pode muito bem funcionar sem ela.

Seguraa! Mas tá um vento da porra, não adianta reclamar que já disseram que querem esta placa empoleirada ai hoje. Já se mudaram para cá tem mais de uma semana e o povo continua indo no prédio velho, ligando para o telefone errado, confundindo alho com bugalho, Conselho Tutelar com CRAS. Disseram que é imprescindível que colocássemos a placa hoje, ouviu? Imprescindível. E eu lá sei o que é isso? Isso quer dizer que você tem que parar de reclamar do vento e segurar esta porra direito, cabra. Acho que foi. Solta. Olha aí debaixo, vê se tá... Eita, foi não, calma, aí que, acho que vai... Segura isso. Pronto. Agora foi. Tá encaixado. Tá alinhado? O que? Está escrito errado? Ah, mas isso não é problema da gráfica. A nós só cabia pendurar a tal placa, não importa se a assistência tem ou não acento, com S, SS ou C. Ninguém lê isso mesmo. Arrê, colocamos porque mandaram, e não porque faz sentido. Sabe o que faz sentido? Trabalho cumprido. Ué, o pedido era claro, instalem a placa, se fizemos rápido sorte nossa, eu que não vou ficar aqui esperando dar cinco horas olhando para parede mofada. Vambora? Já são para lá de três horas e ainda tem que deixar o carro na garagem. Ah, não esquece de deixar a chave com a menina da recepção. “Engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas” (CERTEAU, 1994, p. 44).

Os pedidos vinham de cima, em canhotos de encaminhamento. Meia folha A4 com um nome, endereço, data e pedido. Visita domiciliar, relatório social. De maneira preventiva, disseram os advogados do município, para regularizar a situação das famílias nas casas e

garantir que quem ocupava a casa era de fato e de direito o dono da casa. Checagem e avaliações. Ela não via sentido em gerar esta informação para os engravatados do jurídico, não sabia qual uso fariam das suas palavras, não confiava. Seriam usadas em favor da garantia de direitos a acesso à moradia, ou culminariam na remoção de moradores que não apresentassem o pedaço de papel certo? Seu compromisso era com os usuários, que, aliás, tinham problemas muito bem mais graves que estes; este esgoto vazando, por exemplo. Não confiava, mas manda quem pode e obedece quem tem dívidas e boletos a pagar.

Gritou por minutos o nome na soleira da porta. A campainha não funcionara. Gritara até cabeças variadas aparecerem na janela. Olhavam para cara dela e desapareciam casa adentro antes que qualquer pergunta fosse formulada. Bateram palma e nada. No quinto minuto, uma jovem passante avisa, a do nome que tu grita já não mora aqui. E sabe pra onde foi? Sete palmos. Sete palmos abaixo do chão, e ri. Morreu semana passada. Olha o papel de encaminhamento na sua mão. O encaminhamento estava datado com a data de três dias atrás. A moça chama outra. A vizinha de cima confirma. É correto. Está morta. A família veio do interior e tudo. Olha de novo o papel, com mais atenção. O encaminhamento estava datado com a data de três dias atrás. Um ano e três dias atrás.

Na décima porta, é uma criança quem atende seu chamado. Mais uma vez o encaminhamento se equivocara. O nome estava certo mas a idade, errada. Perguntou pela mãe, pai, tia, qualquer um que pudesse ser comparsa dela no ato de verificar e atestar. Não tinha. Mas a criança tinha tempo, pois aula também não tinha. Entre sorrisos, se oferece para ajudar. Vai com ela na busca das famílias restantes. Achava no infante, cúmplice.

Alegrava-se em segurar os papéis e a prancheta. Divertia-se em tocar a campainha, tocava e corria para se esconder atrás do corpo da trabalhadora.

Ela seguia batendo nas portas com um misto de raiva e vergonha. A criança em risada e deleite. “No mesmo terreno, a fraqueza em meios de informação, em bens financeiros e em ‘segurança’ de todo o tipo exige um acréscimo de astúcia, de sonho ou de senso de humor. Dispositivos semelhantes, jogando com relações de forças desiguais, não geram efeitos idênticos” (CERTEAU, 1994, p. 44).

A trabalhadora andava pelo espaço sem muita convicção nos seus passos, a criança dançava na esquina. A trabalhadora já quase ria.

Meio dia inteiro nesta andança, nesta busca. Aproximadamente vinte e seis casas visitadas, quase quinze moradores encontrados, um total de dez famílias acompanhadas. Os

números pareciam não bater, as contas pareciam não fechar. E realmente não fechavam. Mas um número importava, uma amizade forjada. Um menino.

Desceu a rua do condomínio, já era quase duas horas da tarde, não tinha almoçado ainda e estava faminta, acenou para o menino da esquina. Vai direto para casa menino. Parece que vai chover. Vai para casa. Ela ainda tinha que voltar para o CRAS, redigir os relatórios, aproximadamente sessenta páginas de relatórios, teria de descrever o relatado pelas usuárias que encontrara, tentar transformar as respostas jocosas em dados, tentar atribuir números aos fatos, era isso que demandara a Secretaria, que decompunha

Essas 'vagabundagens' eficazes em unidades que ela mesma define, recompondo segundo seus códigos os resultados dessas montagens, a enquete estatística só 'encontra' o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano (CERTEAU, 1994, p. 45).

Restava, à trabalhadora, a tarefa ingrata de fazer o trabalho sujo, ou melhor, de limpar o trabalho bosta dos outros. Apressa o passo, ainda tinha que ver se a menina do administrativo levaria o calhamaço na secretaria. Acha que dá tempo, se não der ela mesma se deixa entrar, pega a chave no esconderijo e pronto.

Trabalhava em outro município contíguo ao que residia, mas era difícil de chegar, ônibus só de quarenta em quarenta minutos. Ficou sabendo por uma amiga que entrava no turno da tarde, as crianças tinham sido liberadas da escola mais cedo por conta do vazamento do esgoto.

Teve sorte e conseguiu trocar a folga com a amiga. Sacolejava no ônibus agora de volta para casa para catar seu moleque. Ele não era disso de sumir. Deve estar bem, repetia feito mantra. O que a assustava não era ele andando pelas ruas, ele já conhecia todo mundo e todos os cantos daquele condomínio, fora a cena dele andando com a moça da Assistência Social. Já tivera problema com eles antes, o menino era pequeno demais e não deve lembrar, mas passou meses longe dela, em um abrigo. Cismaram que não tinha condição de arcar e de cuidar do menino. Nunca mais. Ela prometera para si mesma, nunca mais. Conhecia seu guri, e o bocão que tinha, e a mania de sorrir para todo mundo e ignorar o risco. Se tivesse aberto um pouco mais a boca, se deixar escapar sobre as dívidas, sobre a luz que cortaram dia destes, não quer nem pensar no que iriam pensar. Nunca mais ela prometera. Nunca mais. Olha o relógio quase quatro horas. Já está chegando.

Ela já estava em casa quando começou a saraivada de granizo, as crianças que não pareciam se importar com os as gotas grossas de água começam a correr para se esconder, em rebuliço. Os alarmes dos carros disparam quando as primeiras pedras caem, cachorros começam a fazer o que bem fazem: latem. Ela, sentada no sofá, com o olhar perdido na janela. O telefone toca sem parar. Várias chamadas não atendidas, da menina a quem pediu para entregar os relatórios e outras da Secretaria. Olha o relógio, cinco e quarenta. Titubeia mas disca o primeiro número, a menina demora a atender, quando o faz é com um ‘oi’ acanhado, já sabe que algo deu errado.

Não conseguiu entregar os relatórios, a chuva eu sei, aqui também caem corpo sólidos das nuvens. Acredita que esteja salvo no computador. Acredita. Garantia, não há; aquele PC sempre apronta umas. Mas os relatos estão aqui. Dará trabalho, mas podem ser reescritos. Não, não quer nem pensar nisso. A dinâmica de culpa não cabe. Culpe a chuva. Está tudo bem. Tudo bem. Desliga.

Toma fôlego para a próxima ligação, se aproxima da janela, já não tem tanto vento. Mal toca uma vez e já atendem, fala rápida, quase grito. Que menino? O quê que tem o menino? É claro que não está comigo. Já são quase seis, saíra do condomínio era duas da tarde. Lembra-se do sorriso e do aceno. Ele estava na esquina de casa. Despediram-se na esquina de casa. O que ela podia fazer? O que poderia ter feito? Ele ofertou companhia, aquelas eram as ruas dele, ele conhecia bem, achou que mal não fazia. Chamar quem? Polícia? Conselho? Se não tiver jeito. Deve estar na casa de um amigo. Daqui, não há muito que possa fazer. Já são mais de seis. Desliga.

Anda aflita de um lado para o outro, a chuva não cessa, e ela perdera um dia inteiro de trabalho nela. Perdera os relatórios e sumira o menino. O que fica? O que fica disso? Deve estar na casa de um amigo, se esforça para acreditar nisso. E as palavras dos relatórios de saída já não lhe interessavam mesmo. Se tiver que refazer, escreverá tudo diferente. E entregará a quem é de direito. Decide. Escreverá tudo diferente, falará mais de vida e de gente, escreverá para o menino. Sobre “procedimentos populares (também ‘minúsculos’ e cotidianos), jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los.” (CERTEAU, 1994, p.41).

A tarefa está dada: operar um desvio em meio às verdades supostas e sustentadas pelas letras duras das legislações e normas das políticas de Habitação. Desafio de, no seu exercício

profissional, escapar das grandes ruas pavimentadas e constantemente recapeadas de verdades largas, e apostar em criar outras picadas e, a golpes de faca, deixar vazar outras histórias, histórias menores. Fá-lo-ia porque as perguntas seguem a acozá-la: quais histórias contam (ou deixaram de contar) a alva simetria daquelas construções, onde crianças cirandando fazem a roda da economia girar? Que histórias restam a contar àquela trabalhadora?

Escreverá com o menino.

*O poema quase sem vida soterrado
quer zumbir o zumbido de helicóptero que rasgam o céu da favela
Quer cegar o fio da navalha que corta o sonho dos meninos em dois.
Quer desfazer as linhas que engordam as estatísticas,
que sustentam as pesquisas contando sempre a mesma história.
Quer se livrar destas linhas que não sabem nada sobre o verde,
sobre os sonhos,
sobre meninos ou da favela,
estas linhas que não sabem nada sobre o poema.*

Da pele ao verbo

Conte-me o que é, diga-me o que há depois daquilo que houve, e assim posso te dizer o que virá. Era este o pedido que a trabalhadora entreouvia quando recebia, em sua mesa, os pequenos canhotos de encaminhamento. As vozes gestoras esperavam que seus relatos, seus pareceres, ajudassem-na a interpretar as lamúrias, sangue e suor dos vencidos, das usuárias, dos outros trabalhadores e dos meninos.

Dentro desta lógica, se ocupar em pensar as Políticas de Habitação se limitaria a versar sobre demandas patentes, estratégias e efeitos subsequentes de determinada política. Esta abordagem implicaria elencar índices e objetivos, preferencialmente, facilmente observáveis, que nos permitisse a descrição e explicação das causas e consequências.

Eram estas as maneiras usuais de atuar nas políticas sociais, dentre elas a Habitação; priorizavam abordagens avaliativas onde são perquiridas a adequação dos efeitos obtidos àqueles planejados.

Assim, as casas junto às quais atuava passariam a ser encaradas como algo dado, um espaço pronto para morar, uma superfície para ocupar;

(...) este modo de conceber o espaço pode assim, facilmente, nos levar a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno “sobre” esta superfície. Não é uma manobra inocente; desta forma, eles ficam desprovidos de história. [...] lá estão eles, no espaço, no lugar, sem suas próprias trajetórias (MASSEY, 2008, p. 23).

No entanto, quando era ela que, no exercício de trabalho, habitava as casas enfileiradas no horizonte, sentia que entre casa e vida circulavam bem mais que índices, objetivos e espaços contínuos. Lá, o espaço da casa conservava rumores, ruídos e burburinhos lhe tomavam o sentido anunciando que, naquele lugar, as vidas

Embora sejam compostas com os vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem. (CERTEAU, 1994, p. 45)

Escrever, relatar os fatos e atos da sua atuação era parte do trabalho, previsto nos termos de posse do cargo e nas variadas cartilhas que lera ao longo vida. Mas a escrita que lhe era demandada parecia distar um tanto das vidas e das casas que atendia.

Por trás das paredes brancas do condomínio, vidas mais retintas insistem em um esforço

para habitar, e diferem das costumeiras práticas de completar lacunas agidas nas políticas sociais. Assim, atizam forças residuais, rastros e marcas de um passado quando, no presente, reivindicam outras conexões e um modo outro de fazer e contar histórias, bem distinto dos relatórios requisitados a trabalhadora. Avocam

(...) histórias “de verdade” aquelas em que não jogamos mais o jogo da conexão entre o que está previsto e o que acontece. Se realiza em um fora tempo, o tempo do “incometado”, que, por definição não pode parar, A suspensão do que sustenta a própria crença: a ordem corriqueira do tempo, a maneira habitual de ocupar um espaço, identificar-se como indivíduo, inscrever-se nas relações de filiação e reportar-se a formas de uso ou objetos de posse.(RANCIÈRE, 2018, p.84)

Os restos do presente. As histórias de verdade que a trabalhadora antevia – atualizados nos pequenos gestos de espantar insetos que incomodam, de acender velas, de apagar luzes – sumiam no processo de escrita dos relatórios e cadastros; com eles, o que mais perdíamos?

Há uma política de esquecimento, um certo modo de fazer política que oblitera, do cotidiano de trabalho, histórias outras, histórias que em sua pequenez mal fizeram eco ou ressoaram em palavras. Vidas tão miúdas se escondem e são abafadas por trás de muros de extensas verdades.

Não se trata de perquirir a paisagem com boa intenção de dar voz aos silenciados, e com isso ignorar o que eles já têm falado em seu peremptório silêncio.

Tampouco se trata de opor os pequenos fatos vividos aos grandes acontecimentos. Trata-se de captar a defasagem mediante a qual há histórias, mediante a qual a história se escreve como diferente da vida, ao passo que, justamente, ela lhe pertence, sendo feita exclusivamente de seus elementos.(RANCIÈRE, 2018, p.80)

Seria preciso então menos intenção e mais atenção, para fazer da própria narrativa, dos relatos e da escrita, ferramentas de batalha que aproximam o texto da experiência sensível, da existência coletiva atual, narrativas que remetem mais à vida e aos embates políticos que constituem um habitar cotidiano do que aos signos, estruturas normativas das leis e regras de condutas supostas para os espaços construídos das casas.

Uma coisa era certa à trabalhadora: de descrição e explicação, ela já estava cansada. Cansada de se ver limitada ao reconhecimento de problemas supostamente evidentes, e descrevê-los tão fielmente quanto possível, explicá-los a partir de dados empíricos (estes também supostamente evidentes).

Não era feita só de olho e mão. O olho que tudo vê e ao qual nada deve escapar a fim de garantir fidedignidade, e a mão que escreve e relata os objetos e formas capturados e assim ofertaria, para o eventual leitor, a nítida fotografia de uma realidade distante. Como se a ela coubesse a verificação de realidades estáveis, se distanciando tanto quanto possível do gesto criativo.

Entende que urgia criar uma maneira de transformar em verbo o que há de pele, mas sabe que isso implicaria um contínuo desfazer-se de si e refazer-se em nós povoados de gente.

“Método”, por certo, perigoso, pois nunca se pode ter certeza de que ele leva realmente a algum lugar, mas, pela mesma razão, extremamente precioso, pois só a renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento atingir a liberdade. Este caminho cheio de riscos também é o caminho da escrita (GAGNEBIN, 2004, p.88).

Escrita, portanto, era o caso de buscar e criar palavra para ir da pele ao verbo. Enfrentar a pergunta que a acompanha – Que histórias contam ou deixaram de contar a alva simetria daquelas construções onde crianças cirandando fazem a roda da economia girar? – sem encerrá-la em uma resposta, mas multiplicando as saídas e as maneiras de estar.

Mas outra coisa era certa; se ela inventasse de inventar na escrita o manejo dos relatórios que a secretaria pedira, na melhor das hipóteses se tornaria piada e teria que refazer o relato; na pior das hipóteses não precisaria se preocupar em preencher formulários e relatórios nenhum pois estaria em casa preenchendo currículo.

Estava cansada.

O que as palavras me dizem quando tento dizer Eu:

Ao deitar a noite, tentou se lembrar, para se distrair do cansaço e dos apertos do dia, da primeira casa que habitara, e percebe que antes mesmo de pensar em casa como espaço construído e abrigo, pensa em palavras e com palavras.

Não consegue dormir, as palavras se aglutinam desajustadas – na testa, na ponta dos dedos com vontade de página. Ela que sempre teve uma boa relação com a palavra, agora com elas brigava. Queria mesmo dormir, mas insones signos não deixavam. Ela que sempre escrevera para elaborar os pensamentos, tão confusos na cabeça, mais alinhados no parágrafo. Diários e poemas infindos, muitas páginas de conversa consigo mesma, iam forjando um Eu pequeno, mas entendido de si. Conhecia-se, mas somente até o próximo parágrafo, até a próxima esquina e/ou canto escuro da página.

Escrever sempre foi uma conversa cheia de mal entendidos e desvios, mas também de

escuta troca e pensamentos inauditos. Ofertava palavras para a página, elas sussurravam outras tantas de volta no pé do ouvido. A relação com elas amadurece e se estende aos livros, eles lhe contavam histórias e ela as recontava para si. No fim, havia histórias que eles contavam só para ela.

Mais velha, com mãos mais firmes, segue no exercício da palavra, por vezes taciturno, de repetir as frases ditadas e às vezes malemolente de traduzir estados de mente. Às vezes, puro risco de inventar versos e gente.

Senta à cadeira, olho na tela à espera das letras que não vêm. Distrai-se, mais um trago. Uma volta no quarteirão, e retorna em vão. Sobe, desce a escada, compra um pão que nem come. Lê e revisa os textos de amigos, e o dela lá, parado. Vazio? Vazio não, branco. Esta andança, este olhar para a tela em desespero. Escrita.

E elas, as letras, chegam, mas vêm cansadas de uma jornada qualquer. A distância é grande – da cartilha de alfabetização até aqui. É muito exercício para manter-se em forma. Daí, não tem jeito, se alojam mal mesmo. E começam: criam uma história que nem era de seu intento. Queria começar anunciando a que veio mas, antes disso sair, chega a conversa sobre pão e vazio. Talvez seja este o caminho do texto, que só interessa

(...) não quando diz o que eu quero que diga, nem quando evoca o que eu quero que evoque. Ele funciona quando o assunto com o qual iniciei se metamorfoseia alquimicamente em outro, outro que foi descoberto pelo poema. Ele funciona quando me surpreende (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Veja: já são dois parágrafos sobre quase nada. Depois, é só apagar, ela pensa. De imediato, as letras param, então, de fluir e pular na página. Não apaga. Faz um trato: vocês me ajudam a contar estas histórias, que... Bom, vocês são promovidas a histórias e não um conjunto de pontos em linhas. As palavras parecem concordar com ela. “Na folha branca se aprontam para o salto as letras que podem se alojar mal as frases acossantes perante as quais não haverá saída” (SZYMBRORSKA, 2011, p.36)

As letras mais conservadoras – a saber, as letras de forma – estão seriamente preocupadas com os letrados que irão lê-las. Mal entraram em cena e já estão achando tudo muito bagunçado. Sabe como é, estão acostumadas a serem lidas pelo formato e não pela mensagem.

Coisa de quem passou a vida inteira sendo apresentada às crianças como imagem. Daí o A era de Ave, todo C era de Casas, todo V era de Vovô, todo U era de Uva [e todo vovô viu a uva, não tem um avô que não tenha visto a uva!], e por ai vai... Assim, fica difícil mesmo para

elas, as letras, acreditarem que é possível criar qualquer história para além da imagem que elas trazem. Fica difícil para as letras falar algo além daquilo tudo que já foi dito sobre elas, depois de todo aquele ‘bê-á-bá’. Difícil para elas, e para qualquer um que se atreve a escrever. Tente você! Vê aí se consegue escrever negando toda a sua cartilha! Difícil...

(...) era da seriedade da vida que falava de dentro delas, e o dedo que percorria suas linhas havia ultrapassado o limiar de um reino de cujo o território nenhum viajante retorna: encontrava-se no terreno do “preto no branco”, da lei e do direito, do irrevogável, do mundo criado para a eternidade (BENJAMIN, 2011, p. 156)

O mesmo medo costuma, tende, a acometer os conceitos e as ideias. Veja o conceito de método, por exemplo: acha que tem que ser assim e assado. Inocente, mal imagina que foi criado e que cada vez que alguém usa este conceito, ele certamente foi reinventado. Os métodos de pesquisar políticas sociais, por exemplo.

Mas pesquisar, trabalhar e escrever tem disso: um tanto de medo e perigo, um monte de ‘não dá, não consigo’, um tanto de ‘onde mesmo que eu li isso?’. E sim, horas, horas de revisão. As letras ficaram com preguiça.

De longe, sopram ao ouvido as palavras fortes que auxiliam a seguir. Aceitar o medo e lembrar o porquê de insistir em outro modo de escrita, porquê “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimesar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13).

Parece que, com as palavras a cidade havia crescido, a trabalhadora via e ouvia coisas que no ontem havia perdido. Os barulhos da cidade piam, ladram e mugem durante a noite e à espera da manhã quando os outros viventes, ditos humanos, acordarão e preencherão a vida com motores e eletricidade.

Alucinava. Ouvia vozes sussurantes e cansadas, histórias de trabalhadoras, moradoras, habitantes, vizinhas, histórias repletas das vozes de gente. Alucinava.

Alucinava. Logo ela. Não era possível e, no entanto, era. Escutava coisas. Agora mesmo. Coisas. Isso é agora? Sonhava? Alucinava?

Algo acontecera, e segue a acontecer, sua própria vida insólita, algo aconteceu e ela desatina, a aproximar vida e

(...) narrativa é movimento em direção a um ponto, não apenas desconhecido, ignorado, estranho, mas tal que parece não haver, de antemão e fora desse movimento, nenhuma espécie de realidade, e tão imperioso que é só dele que a narrativa extrai sua atração, de modo que ela não pode nem mesmo "começar" antes de o haver alcançado; e, no entanto, é somente a narrativa e seu movimento

imprevisível que fornecem o espaço onde o ponto se torna real, poderoso e atraente (BLANCHOT, 2005, p. 08).

Ouvia vozes. E já não sabia se as vozes que alcançavam seus ouvidos vinham de dentro, num rebater de memória no labirinto desnorteado. Ou se as vozes que lhe alcançam o ouvido vinham de fora, de um horizonte distante, onde tudo que reluz é tolo, de um mar de casas ideais. Talvez fossem tão somente o eco das cidades, casas e vidas planejadas.

O mundo inteiro parece uma alucinação auditiva. Talvez o pouco sono da noite passada tivesse facilitando o delírio. Ouvia vozes. Ouvia, pela via, a vida. Talvez fosse isso, não estava louca, era só a vida que permitira acessar uma outra dimensão, uma virtualidade, esta

(...) dimensão intensiva que constitui nossas delimitações extensas: trata-se de uma trama de eventos passados contingentes que são presentes como condição de possibilidade da existência dos eventos atuais (COSTA; FONSECA, 2016)

Talvez seja disso que se trata, já decidira que não acataria o pedido da chefia de que criar uma solução final para os problemas da cercania, agora lhe parecia que tampouco poderia dar resposta definitiva aos problemas que seu próprio pensamento lhe colocava. Pois já não lhe interessava a busca de verdade.

Apesar de decidida, com o sussurrar das vozes teve medo de se perder, de perder um pedaço seu, de não saber mais onde começava, onde terminava o Eu. Achava que assim desencontrada de si não restaria mais palavra ou histórias para contar.

Mas vozes de outros planos lhe informavam que neste jogo de perdas e ganhos, de casa e vida cirandando, de vidas e casa se misturando, com ou sem seu Eu a escrita seguiria. A ela restava tão somente conceber com que palavras comporia.

Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que não tem qualquer importância dizer ou não EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11).

Seguiria na escrita, atenta aos efeitos que as palavras traçam. Ao dizer daquilo que se passa, seguiria atenta também ao fica e ao que se cria.

O que restou do rosto?

Oito horas e doze minutos. Doze minutos passados do início do expediente de trabalho. Doze minutos de atraso. Setecentos e vinte segundos de atraso. Ela, ainda na cama. Corpo derretido em sono. Preguiça de ter pressa.

Acordou às oito horas e doze minutos da manhã, e decidiu não trabalhar.

Uma lista mental das tarefas que deixaria por fazer: prontuários, fichas de compensação, telefonemas, ofícios, boletos, palavras, papéis. Permitiu-se adiar.

Escorre da cama para cozinha, vasculha os armários, entre poeira e minúsculos insetos fareja potes, tudo cheirando a antigo. Acha o pó pretendido no fundo escondido.

Costumava tomar o desjejum na cozinha do trabalho com o café fraco e doce demais feito à moda da região, aguentava o açúcar pela oferta de cafeína. Em pé na sua cozinha, esperando a água ferver, se pergunta: o que restou? No trabalho, empuxo ao automatismo, faz dos pequenos gestos rotina, serializa até mesmo a maneira de ingerir cafeína. Lá, não toma mais café pelo gosto ou prazer que irradia da papila, mas pela suposta energia que a possibilitaria manter-se na tarefa. Diluído na xícara, mais do que açúcar, mas a própria

(...) existência tomada pelo modo de produção capitalista, como se ele esgotasse toda nossa imersão na imanência, a tal ponto que só nos reconhecemos como entes levados pelas suas descodificações, desterritorializações e reterritorializações, como se na falta de sua axiomática não pudéssemos nem mesmo agir ou pensar (NEVES, 2004 p.146).

O que restara da segunda-feira, quando parece que, em toda parte, permanece a força contínua que segmenta e homogeneiza? Resta, nos dias, a sensação de dívida.

Mesmo agora, em casa, o pensamento não a deixa descansar; puxa de volta para a mesma saleta úmida onde trabalha, usual fluir turbulento de todas aquelas ações centradas em procedimentos – onde não há folga: “(...) o trabalho, essa modalidade de relação com as pessoas, com as palavras e com as coisas que chamamos de trabalho, é também inimiga mortal da experiência” (LAROSSA, 2016. p.24).

Diferir disso era outro agir-trabalho ou, antes, um exercício de atenção e cuidado, agir uma vida outra.

De lá da cozinha, a água ferve, ela muda o pé de apoio, cõa o próprio café, e dá a dívida como quitada. Temporariamente, deixar-se não dever. Encara o amargo.

Um apito, uma vibração, a tela acesa do celular, saudações de bom dia cintilam, mais apitos, números se multiplicam na janela do aplicativo de mensagem, parentes tentam apagar distâncias e ausências com piadas prontas, propaganda de roupa, de livros, convocação de partidos políticos, abaixo assinado contra uma mazela qualquer, um gatinho dançando, o lançamento de um jogo do momento, a vibração agora contínua, olhos e dedos coordenados em um deslizar ágil, treinados para ignorar, estancam em uma imagem. Da imagem que não

pode escapar.

Reconhece a estrada, ficava a uns cem metros da sua casa e um pouco mais distante da rua do seu trabalho. No canto da foto, aquilo que preferia não reconhecer. O rosto, ou o que sobrava do rosto. Foca o olhar na estrada, conhece a estrada, bem perto da sua casa, o rosto, o que sobrara do rosto, o corpo contorcido, na beira da foto, corpo do menino, o cadáver do que fora um menino, um dos nossos. Do lado da estrada, conhece a estrada, o corpo caído numa estranha posição que não deixa dúvida, não vai levantar. Desconhece essa estrada.

Abre todas as janelas da casa, deixa uma luz fraca entrar; no quintal, a árvore carregada de acerola, e o chão cimentado coberto de vermelho maduro. O café esfria na caneca, o ar empestado há semanas - rastro do esgoto que vaza do condomínio - já nem a incomoda mais; encara a rodovia, o rosto, o que sobrara do rosto ainda a perseguia: o que fazer? Hoje, decidira não trabalhar.

Algo desmancha, desacomoda, inquieta, busca espaço, terreno para assentar as ideias, para esquecer-se das ideias, para lembrar também, e para criar.

Volta-se à casa, poeira e traças denunciam sua ausência e descuido com a residência. Vai atrás da vassoura, já é tempo de limpeza, cata uma faixa sonora agitada de artista internacional com timbre agudo, grita algo sobre como não se deixar levar por homens, não sabe bem porque, mas acha que faxina tem de ser acompanhada de grito e raiva. Sua mãe lhe ensinara que, ao se varrer a casa, o movimento de limpeza deve ser feito de dentro para fora (do centro à periferia) e de cima para baixo, do teto para as superfícies dos móveis por fim chão (do norte ao sul), dos cômodos internos até alcançar o quintal (da casa à rua).

Ela tendia a varrer das laterais para o meio, desafio juvenil, tentando tirar de cada canto, um centro, deixando a poeira irradiar da periferia e do alto dos móveis até assentar no chão, exercício de controle sobre as pequenas partículas, mas algo na disposição dos móveis limita seus gestos, até a pegada na vassoura modifica o que se quer central, uma brisa espalha tudo outra vez. Enquanto divaga sobre a melhor maneira de dar conta da tarefa, sem nem notar, termina a faxina.

Sai da casa. O lixo retirado de seu interior há de ser depositado no portão, será que o lixeiro passa hoje? A vizinha acena de longe e pergunta se o CRAS está aberto, sim, ele está funcionando, o equipamento está funcionando, a trabalhadora nem tanto, mas está aberta.

Numa porosidade leve, segue o dia, sabe-se viva “(...) não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”

(LAROSSA, 2016. p. 25-26). Da abertura, tudo o que colheu até então foi o café a seu gosto e o aceno da vizinha, não esperava muito mais que isso, talvez não esperasse nada desta liberdade mansa, avessa aos afazeres tensos que comiam seus dias.

Talvez não esperasse nada. Sua passividade não vinha de uma inércia cadavérica, ou de certa atitude *blasé*. Era mescla de distração e atenção.

Um cachorro ligeiro abocanhou o saco de lixo, aproveitou-se da distração, não sabe se por fome ou diversão, mas é certo é que toda a poeira da casa, restos e embalagens se espalham pela rua.

A vizinha olha com desaprovação, as crianças riem, o cão se refestela no lixo e ela, aturdida, conclui não ter controle algum sobre os restos.

Tranca a casa e sai para comprar mantimentos, mais café e cigarros; evita olhar para a rodovia, o rosto, o que sobrou do rosto, quando alcança a esquina um mar de crianças saindo da escola quebram em sua direção, uma pequena onda de três ou quatro crianças grudam em suas pernas, entre e os sorrisos e gritos mostram para a ‘tia do CRAS’ o que ganharam na escola. Um cartão de crédito, ela que já tem suas cotas de problemas bancários toma o cartão da mão de um dos meninos e tenta entender do que se trata aquele pedaço de plástico. Não há logotipo de banco, as cores idênticas às usadas no cartão do Programa da transferência de renda do Governo Federal - as cores da bandeira nacional. Na frente, escrito Programa de Crédito Estudantil, em letras menores na parte traseira, um número de telefone para a liberação do cartão, e a indicação de que se verifiquem os estabelecimentos conveniados. As crianças faziam algazarra em volta dela, listando o que comprariam com o dinheiro que receberam: lápis de cor, canetinha, caderno novo, um boné, uma sandália e o troco de bala. Ela tentou explicar que não deram dinheiro algum a elas, que era um cartão com crédito para ser usada em lojas conveniadas num programa de desconto, o que o cartão garantia era alguns descontos. As crianças não de importavam muito, nem queriam saber, pois já sabiam, “(...) este é o saber da experiência: o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece.” (LAROSSA, 2016, p. 32). Sabiam. Queriam lápis de cor, canetinha, caderno, boné, sandália e o resto de bala, por favor, moço.

Ela colheu mais uns sorrisos, deixou de lado a explicação, sorriu de volta, sim, amanhã tem CRAS, sim eu vou estar lá, hoje não amanhã, aparece sim, talvez tenha lanche, hoje não, amanhã, beijo, fala para sua irmã ir também, até mais então, até amanhã. Hoje, não. Hoje,

mais café e cigarro.

Na volta, achou que vira a mãe do menino, passara rápido do seu lado com a cabeça baixa, também não queria olhar para a rodovia. A primeira vez que a encontrara foi numa destas visitas de acompanhamento familiar, indicadas pela Secretaria de Assistência Social; o menino voltaria em uma semana para o convívio familiar e os juízes queriam um parecer se a mãe estava apta a receber. Ela não conhecia a família, nem a mãe e nem o menino. Chama no portão o nome no cabeçalho do documento, escuta uma movimentação dentro do apartamento e o latido rouco de um cachorro. Quando a mãe abre a porta com o olhar misto de desconfiança e raiva, olha o crachá que identifica a trabalhadora e, a contragosto, deixa-a entrar. O encontro não durara mais do que trinta minutos, ela respondia às perguntas e interpelações com acenos da cabeça, seguira o roteiro, sabia o seu papel, sim, já fizera a matrícula do menino na escola, sim, já dera entrada no benefício, sim, o processo de pensão alimentícia estava andando, sim, ela queria que o menino voltasse para casa, sim sabia o dia da audiência. A cabeça para seu movimento automatizado, quando a trabalhadora pergunta, e com você, tá tudo bem? Ela entreabre a boca apenas para fechar em seguida. Levanta-se rápido. A visita acaba ali. As duas de pé na sala olhando nos olhos uma da outra, o cão segue latindo em um dos quartos, algo brilha na poltrona onde a mãe estava sentada há pouco, uma grande faca de cozinha. Ela esteve sentada a segurar uma faca de cozinha escondida entre o corpo e a poltrona todo este tempo?

Movimento repetido, amola o fio, era a primeira vez que a trabalhadora a via, mas a mãe já havia encontrado com muitas trabalhadoras antes, seus sorrisos e seus crachás, seus relatórios. As crianças aprenderam cedo a correr para dentro quando o carro do serviço chega. Esfrega, no mármore frio, o fio da faca antiga. Gesto lento e atento, barulho ressoa dentro. Via as trabalhadoras dando festa, fazendo um circo em frente à porta da gente, trocando pipoca e algodão doce por informações para o tal do recadastramento compulsório que, não raramente, tirava o benefício da gente. Trinca os dentes para aguentar, testa o fio no dedo cada vez que abre a porta, nunca se sabe o que encontrará por detrás da porta, por detrás do crachá.

Acompanha a trabalhadora à porta e diz que irá ao CRAS na semana que vem. Não está tudo bem. Agora, nem uma e nem outra conseguem sustentar o olhar, e cruzam a rua sem se falar. Refêns de um medo ancestral, medo do olhar e das palavras do outro, de ter de sustentar com o corpo e com a vida um nome e um rosto que não sabe bem quem criou ou escolheu.

Estampido. O corpo abaixa por reflexo. Olha para os lados, ninguém se move. Outro

barulho, um agudo seguido de um mais grave (PÁ-PUM), e outro ainda. Cabeças começam a virar, aos poucos, os olhares ficam inquietos, mas mantêm o posto. No bar da esquina, homens levantam e abaixam os copos de cerveja na mesma cadência de antes. Não parecem se afetar pelo ruído. Nela, o PÁ-PUM faz estremecer. Ela se lembra de ter de se esconder debaixo da cama beliche e ver as balas ‘traçantes’ cortarem a noite, quanto tempo faz? Quinze anos ou mais, muitos anos atrás. Um estrondo. O dono do bar começa a abaixar as portas, os homens se levantam, meio bambos, esvaziam os copos e se dispersam na rua. Meninos correm na direção dela, acenando, tia, vai pra casa, hoje tá brabo tia, vai para casa. Vai pra casa menino, vai pra casa também.

Ela foi quase correndo pra casa. Umás horas depois, as luzes da viatura da polícia. Ela fora para casa. Eles, não. Nos muros, novas pichações indicavam que os donos da rua tinham mudado. No chão o rastro da mudança. O rosto, o que sobrara do rosto.

Dois olhos, duas narinas, dois ouvidos, uma boca. Sete buracos. No início da noite eram apenas estes sete; no fim da noite, quatro a mais. Quatro a mais. Grandes o suficiente para enfiar o dedo. Embora a cabeça mal se reconheça, massa amorfa sobre o corpo contorcido. Disseram para sua mãe que não deve ter dado tempo de ele sentir dor. Ela duvidava. Seu menino chorava até com corte de papel. Ela duvidava. Ela tinha certeza. Devia ter doido a cada bala cavando espaço na carne. Doía nela. Ninguém morre sozinho.

Às sete da manhã, ela dormia encolhida na poltrona dezessete do ônibus. Saíra antes do nascer do dia para cruzar a serra. Hoje, acordou e decidiu ir trabalhar. O balançar do ônibus ninava um sonho agitado. O movimento do ônibus cessa cedo demais; sem abrir o olho, ela calcula as horas de viagem e sabe que aquela não era uma das paradas programadas. Tenta voltar ao sonho, sem êxito. Sente alguém tocar seu ombro. O homem de farda diz bom dia, ela olha a identificação na farda, se apruma na poltrona com desconfiança e raiva. O encontro não durara mais do que dez minutos, ela respondia as perguntas e interpelações com acenos da cabeça, seguira o roteiro, sabia o seu papel, sim, tenho identidade, sim, moro na capital, sim, pode ver a minha bolsa, sim, venho à cidade a trabalho, sim, vale a pena a distância.

Como num movimento especular, outro homem fardado aborda o adolescente na poltrona vinte e dois, corpo magro, pele retinta, gestos comedidos, seu olhar, desconfiança e raiva, cruzam com o dela e sustentam a mirada. Os dois homens de farda também se entreolham, como mímicos repetem as mesmas perguntas você conhece ele? Você a conhece?

O rosto. Sete buracos na cabeça, apenas. O menino. A resposta vem em coro de dois, em

coro de muitos.

Não, não conheço. “Eu não sou mais eu, mas uma aptidão do pensamento para se ver e se desenvolver através de um plano que me atravessa em vários lugares” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 78.).

No apartamento onde passara sua infância, hoje moram apenas insetos e poeira. Dizem que os vizinhos permanecem os mesmos, sentados na portaria, gritando suas crianças pela janela, mandando subir quando os traçantes começam a voar. Mas o apartamento está vazio. Ou quase. Resta lá uma estante, quatro metros de largura e um e noventa de altura. Um encaixe perfeito na parede lateral da janela. Madeira maciça, a estante pertencera à avó já falecida, passara pela casa da tia e depois para a de sua mãe. Na mudança que levou toda a família para outro município, a estante não quis sair, não passava pela porta, mal se mexia; algumas famílias inteiras ocuparam a casa e organizavam suas coisas em volta da estante. Hoje, imagino-a um tanto carcomida pelo tempo, portas empenadas, morada de cupim, mas não acredito que se mova. São três os andares que separam a estante do térreo. Num prédio sem elevador.

Uma lacuna a menos na casa ou dezesseis nichos a mais para ocupar? Rememora.

Tal rememoração implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. [...] A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GAGNEBIN, 2009, p. 55).

A estrada era a mesma que eu atravessava na ida ao trabalho e na volta para a casa. Era noite, e o caminho, mal iluminado, acelero a marcha. Tropeço em algo. Em câmera lenta, o chão se aproxima, debato minhas mãos no ar, perco o alvo sem conseguir proteger nada, quase nada. Vou de cara ao chão.

Rolo de lado e avalio os ferimentos, alcanço o celular na bolsa para iluminar a cena e a tela mostra a imagem; da imagem, não pude escapar. A mesma estrada, outro corpo estirado nela, outra estrada, portanto. Percebo que o que me leva ao chão foi um pedaço de madeira, um pedaço de madeira carcomida pelo tempo, morada de cupim. Um pedaço de história, a “(...) intensidade destruidora das continuidades e das ordens pretensamente naturais, intensidade salvadora também pois reúne os elementos temporais díspares em uma outra figura possível, a de sua verdade” (GAGNEBIN, 2007. p.19).

O corpo na estrada era o meu, a ferida minha. O que restou do rosto?

O que restou do rosto? Eu, o Eu que avizinha entre os planos, personagens e conceitos. Mas “(...) quem é Eu? É sempre uma terceira pessoa” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p79.)

E a esse Eu foi dado uma tarefa, operar um desvio entre o ponto de ancoragem identitário e a deriva dos sem-lugar, nem num polo, nem em outro, um poló e outro: o exercício de fazer desequilibrar a harmonia de um todo e dar passagem para que se enunciem histórias de um entre o ‘tendo-sido’ e o ‘ainda-não’. Nas histórias de vizinhança, na aposta na construção de narrativas múltiplas dos modos de habitar, um gesto de ficcionalizar a si e ao mundo,

(...) de recomeçar a cada vez o salto no “incometido”, de transpor novamente a borda para adentrar espaços onde todo sentido do real se perde com suas identidades e referências. (RANCIÈRE, 2018, p.85)

. Contar histórias do presente, para poder então, quem sabe, fazer futuro, ao afirmar a vida em sua complexidade e incompletude. Pois, se a casa tem alguma coisa a ver com a vida, o é no exercício de encarar esta existência lacunar sempre em via de diferir e na agência do verbo,

Desenhar até as margens do silêncio, as margens sem margens dessa ausência, é a tarefa da ficção; é a tarefa que ela realiza e, ao mesmo tempo, torna imperceptível ao confia-la a personagens, loucos racionais e metódicos cujas extravagâncias desmancham calmamente as balizas do viver comum (RANCIÈRE, 2018, p.89)

Histórias que vazam do cirandar da roda da Economia, que habitam entre as Políticas de Habitação e o Programa do Governo Federal. Entre a casa e vida, esse Eu, essa personagem que já, e ainda, segue em tropeço e gaguejo. Divide o mesmo bairro, que divide características e circunstâncias semelhantes, mas, ainda assim, enfrenta as contradições mesmas do partilhar espaço com quem difere de si. Que entre embates e acordos, formula táticas (CERTEAU, 1998) e cria, a seu modo, um caminhar, um habitar o mundo na relação necessária com outros entes, outros modos; e que, por esta relação de influência mútua, cria a sua casa, sua vida e também as políticas de habitar. Histórias da vizinha.

O coro de anônimos que acompanha o homem sozinho até sua casa vazia está aqui para lembrar: o excesso de ficção não é a ilusão que consola da realidade, tampouco é o exercício de virtuosismo dos habilidosos. Ele pertence ao dom que a vida tem, nos mais humildes e comuns, de transportar-se além de si mesma para cuidar de si mesma (RANCIÈRE, 2018, p.97)

Vidas, casas: outras habitações.

Capítulo 4

*Há um poema regurgitado nesta página que fala da dor de ser
abortado neste cenário de guerra dia após dia na correria das horas.
Um poema que já nasce com o punho cerrado
e batizado com nome de guerrilha;
o poema batalha para perturbar a vida dos que insistem em dizer
sempre o mesmo e deformar tudo com o branco dos seus olhos.*

Fim de expediente

Chegara antes. O frete atrasara, teve problemas para subir a rua, parece que o chão cedeu sob o peso do veículo. Ela ficava ali, brincando com as chaves no bolso, sob o restinho de sol de Janeiro. Mudava a perna de apoio, andava de um lado para o outro, esperar era uma coisa que ela nunca soube fazer bem. Mas esperava. Vê a movimentação lá embaixo: colocaram tábuas nos buracos do calçamento e, sobre elas, o veículo andava. Andou três metros e parou. Outro buraco. As chaves tilintavam no bolso. Eram duas, a maior, do portão e a menorzinha, da casa. Acha que a mudança vai demorar a subir. Será preciso achar um refúgio antes que o sol cozinhe-a. Já tinha mandado comprar as mudas, as crianças já até brincavam de adivinhar qual verde era de qual árvore. Mas até o verde fazer sombra, as crianças já teriam saído da infância. Tinha trazido as chaves corretas? Sim, a grande e quadrada do portão, a pequena e redonda da casa.

Decide esperar no salão de festas. Aquela sala nunca viu uma festa, mas todo dia via médico, enfermeira, crianças, balanças e vacinas, assistentes sociais, psicólogas, formulários, cartolinas. Um acordo entre o condomínio e a prefeitura, um cedia espaço e a outra cuidava de tudo. A porta estava fechada. Olha o relógio, quase cinco horas, as trabalhadoras já devem ter ido embora. Espia pela janela. O espaço vazio. Bate na porta. Ninguém responde. Bate nos bolsos, as chaves tilintam, apenas as duas. Testa a maior, não encaixa direito, testa a menor, encaixe perfeito. Dentro, uma bagunça, resto de embalagens plásticas, canhotos de cadastros qualquer, pilhas de formulários, uma bagunça, parece que as trabalhadoras deram uma festa ali e deixaram os restos para trás.

Ela endireita o quadro de aviso na parede. Nele, as regras de uso dos espaços de condomínio, as ditadas pela CAIXA e as propostas por ela. As do órgão financeiro, os moradores burlavam; as que ela inventara, eles apenas ignoravam. Ela tinha sido eleita por uma dúzia de cabeça para administrar o condomínio: entre nomeá-la como síndica e pagar uma administradora para fazer o serviço, preferiram por ela. Ganhou por unanimidade, mas isso não significava muito para outros muitos que vizinhavam com ela. Dava-se ao trabalho de fazer outras regras quando as que vinham do Banco não fazia sentido para ela. Talvez as que ela inventara não fizesse sentido para os outros. Mas ela ganhou por unanimidade e, para ela, isso importava muito.

Olha pela janela, a *Kombi* que trazia a mudança não andara mais nenhum metro, parece que desistiram de subir com o carro. Vê dois meninos descarregando caixas ali, no pátio de entrada mesmo. Não precisa olhar para o quadro de regras para saber que isso não estava

certo, obstruirão a passagem de carros e moradores. A contragosto, abandona a sombra da sala, tranca a porta na saída, assegura que as chaves estão bem alojadas no bolso, e desce o morro.

A movimentação da mudança convoca as cabeças para fora das janelas. Um enxame de rapazes começa a rodear o caminhão, primeiro com os olhos, depois com palavras de ajuda e, no fim, estendem as mãos.

Quando ela alcança o carro, eles já descarregam boa parte da mudança. Não fazia mais sentido ralhar com a moradora nova, o passeio já estava entulhado de caixas, o estrago já foi feito, ‘o portão do retorno está trancado’²¹.

Entre os meninos, a moradora nova aponta dedo e pede cuidado com as caixas; ela só nota a síndica quando essa lhe toca o ombro e sibila uma ‘boa tarde’ entre os dentes, evidentemente contrariada. Veja bem, não é por nada, ela não tinha culpa de não saber das regras, e estava autorizada a fazer a mudança, e sim, ainda estava no horário certo, mas atrapalhar os passantes não era correto: e se outro carro precisasse entrar? Não conseguiria de qualquer forma, com estes buracos nenhum carro passa, as caixas vão subir é no lombo mesmo, se tiver outro jeito e caminho tu que me aponte. Há algum pedaço deste calçamento que não foi despedaçado? Mas não se preocupe que já vou liberar este caminho roto.

Começara com pé esquerdo. Comprar briga com a síndica não era um bom jeito de chegar na casa nova. Mas a síndica parece entender, sem que ela precisasse dizer, que não era com ela a batalha, era com o espaço, com a cidade e com as ranhuras do chão que a moradora brigava.

Então, que acelerem o passo você e seus rapazes de carga. Seu apartamento fica um pouco mais acima, depois desta ladeira. Vão ter que as caixas subir no lombo mesmo. Caixas, sofá, fogão, geladeira. As ruas são meio confusas, às vezes as placas indicam letras, às vezes indicam números, com o tempo você se acostuma. É bom começar a correr, para terminar de mudar antes da noite chegar. As luzes aqui ainda são poucas, só um poste e outro funcionam. Este problema, já estou solucionando, a questão maior agora são os canos, que deram para vazarem esgoto por todo lugar. Cuidado com estes moços que estão a te ajudar, mudaram para cá há pouco, vieram todos do Rio e se bobear te fazem de trouxa, te deixam plantada aqui sem

21

caixa ou coisa alguma para completar tuas lacunas. Eu mesma, não posso ajudar; de tanto subir e descer estas ladeiras, me doem todas as juntas, as costas chegam a arquear. É isso, meu trabalho aqui está feito, se precisar de qualquer coisa, é só chamar, moro no 301, no mesmo bloco. Se alguém perguntar, a casa é sua, tu bem sabe que aqui não é permitido que se alugue e nem venda os imóveis antes do proprietário quitar. O dinheiro, deixa comigo que eu repasso para dona amanhã.

Ah, e antes que eu esqueça, já não ando muito boa da cabeça, toma aqui tuas chaves. São duas, apenas duas, a maior quadrada abre o portão da frente do prédio e a menor redonda abre a porta da casa. Deixa eu te ensinar um segredo, seja por defeito ou por erro, as chaves que eu te entrego abrem as suas portas, mas também funcionam por todo local. Do salão de festa à quadra.

A gente ia mandar consertar, mas é mais fácil assim, ter acesso a todo lugar. Só não conta para ninguém, senão as moças da prefeitura inventam de mandar mudar. Elas ajudam, mas são enxeridas, vivem mexendo com nossas vidas, insistem em querer saber o que acontece dentro das casas da gente. Elas querem ajudar, mas acho que não entendem, que elas seguem e fica a gente. E aqui, sempre algo acontecendo, tem algo que segue sempre acontecendo. Elas seguem. Fica a gente. Fica gente.

101

O dia ensolarado, calor estonteante convidava o escancarar de janelas. Pela casa, circulava vento morno. De fora, o alarido das crianças brincantes que escapavam das lições escolares e levantavam poeira com os pés, num pique qualquer, esbravejavam uma com as outras misto de riso e raiva. Comigo, não tá.

Para ter o que fazer com as mãos numa destas tardes de espera, comecei a folhear um dos panfletinhos que recebi quando entregaram a chave da casa nova. Tava lá pelo meio “proibições no interesse comum” artigo 40 “Manter as portas dos imóveis abertas quando da preparação de alimentos”²² era proibido. Meio absurdo; na verdade, toda a cartilha parecia bem absurda com suas obrigações e deveres. Para quê tanta regra, para usar uma coisa que é sua. Achei que o pronome ‘minha’ indicava que eu poderia fazer o que bem entendesse dela.

Mas, mais absurdo do que tentarem regrar minha vida, era a ideia de que alguém iria

²² Regimento Interno - Programa Minha Casa Minha Vida – PMCMV (CAIXA ,2014)

pra cozinha e deixaria a porta da sala aberta. Por que alguém cozinharía com a porta de casa aberta, Jesus? Pondera e larga a cartilha de lado. Deve ter algo mais produtivo para fazer com as MINHAS mãos.

Vasculhar a geladeira, catar uma mistura pra juntar ao arroz de ontem e salgar a farinha, coisas mais produtivas para fazer com as mãos. Pelo vão estreito do basculante, um vulto passa apressado. O olho segue a sombra sem assombro, a mão sem se interessar segue a tarefa.

O vulto torna a passar, mais devagar desta vez, carrega algo nos braços, e espio da janela. Um rosto conhecido agachado no vão, prostrado em frente a um pequeno quadrado de tijolos, onde apoia uma grelha enferrujada. Do pequeno quadrado, já estala as chamas de carvão em brasa, um churrasco ao que parece. Era segunda feira.

Aos poucos, aparecem outros vultos no vão e as vozes alcançam outros tons, a fumaça toma a casa e irrita. Irrita bem mais do que os olhos, o cheiro da carne envolve, provoca o estômago que agora ronca, mas provoca mais. Provoca raiva.

Que desfaçatez usar aquele vão para festejar sabe-se lá o que, aquele vão que não dista mais do que meio metro da minha janela, se fosse pra ter dono, aquele vão era meu. Mas não era, era de todos e de ninguém. Era o espaço comum da cartilha. Engolir a raiva com arroz e farinha. Fechar as janelas e em vão ignorar o cheiro da rua a queimar. Era o que era possível fazer com as mãos.

Concreta é a fome, que acoisa tão dura quanto a força nas palavras das cartilhas, essas palavras que tentam organizar minha vida. Organizar toda a minha vida. Multiplicaram as regras, normas, proibições, inventaram um comum, um bem, um bom, um normal. Mas agora isso, esta fumaça, esta vizinha. Tentaram fazer caber a vida de todos em parágrafos bem alinhados, em cartilhas, mas a vida tende a escapar. A vida tende a escapar. E eu não quero caber. Não quero caber.

Do lado de quem alinha-se o parágrafo quando ordena manter fechadas portas e janelas? Do lado de quem está a maldita cartilha? Como posso fazer com que esta casa seja minha? Onde encontro as regras que usaram, para que forjar estas proibições? Quem são estes que decidem o que é bem comum? Tô achando que terei que inventar uma cartilha nova, uma cartilha minha. Minha.

Resgato a cartilha de absurdos, pra ver se há algo sobre churrascos externos nas áreas de trânsito ou sobre janelas, algo mais interessante para fazer com as mãos.

Ei! Presta atenção que esta história é minha para contar. Eu sei que você que está com a caneta na mão, mas pode baixar. E escuta!

Você vai me dizer que eu inventei tudo isso, e deve ser até verdade. Ou mentira, vai saber! Num gosto de pôr as coisas nestes termos, verdade, mentira, tudo invencionice – sei que eu deveria, mas estou só querendo contar uma história pra poder seguir... Eu seguir com a vida e a história seguir na vida... Entende?

Abaixa a caneta, desliga este gravador. O melhor gravador é a memória, nela sim dá pra confiar; porque se a memória esquece, se reinventa, dá banda no esquecimento, cria. Bem melhor do que este treco de repetir palavra – como confiar em algo que só sabe repetir a mesma coisa o tempo todo? Eu lá quero algo que só faça repetir pra mim o que já disse antes? Logo eu que já nem me aguento tanto tempo, não sei mesmar a vida não.

Já comecei, não notou? Desatento. Tem aí Eu, a memória, a vida e o invento. Esta é a história. E a casa... Deixa eu te falar da casa. Era boa, sabe? Não esta casa, falo da outra, esta também é boa, mas a outra era melhor. Não era minha, é verdade (ou mentira, já falei que por estas bandas isso varia bem), mas era como se fosse. Cresci lá, minha mãe me pariu no quintal, era a história que ela contava, mas esta é dela pra contar. Deus a tenha. Parir, ela sabia: doze filhos no total, sete vingaram. Já morrer, ela não soube muito bem, deu um trabalho danado e até hoje parece ser vivente – eu vivo falando dela, e ela vive me assombrando com todas estas palavras filhas da mãe. Tem marca da mãe pela casa toda... O óleo que ela deixou cair no chão quando fritava bolinho de arroz e se assustou com o vento que levantou as telhas – queimou um pedaço da mão, mas nem chiou, a vizinha tratou com uma gosma verde que fedia um tanto, mas fez melhorar fácil. A vizinha ajudou a pôr os filhos no mundo também, todos menos eu, que tive pressa e nasci num espirro. Para mim, isso que é casa. Queimar a mão, nascer em um espirro, morrer para viver em palavras.

Agora, inventaram este prédio aí... Nunca tinha visto tantos juntos, por aqui não tinha nada disso. E isso não é casa... Pode ser minha, mas não é casa. De longe parece uma casinha, mas, quando chegamos perto, dá pra ver que é um monte de quadradinho junto, empilhado um em cima do outro. Parece aquele brinquedo de montar, qual o nome mesmo? Lego? Não, este é o nome do brinquedo. Eu quero saber o nome da casinha que não é casa... Isso, apartamento. Apertado com certeza. Quero ver parir aí criança verde, gosmear a mãe pelas paredes e se assombrar todo de palavras queimadas. Quero ver. A história é minha e nela estou lúcido. Você que está confuso. Isso aí não é casa, é só uma coisa, uma coisa que é minha.

103

Toquei mais de dez vezes a campainha. Ninguém respondeu. Talvez não estivesse funcionando, não sei. Ia desistir já, mas escutei um barulho lá de dentro, um grunhido, parecia um grito abafado, sabe? Alertou-me todos os sentidos. Quando você sente, você sabe. E eu senti que tinha alguma coisa de errado. Bati na porta e ela cede, devia estar só encostada. A sala tava uma bagunça, prato no chão, pacotes de biscoito aberto roupa para todo lado, e eu podia jurar que aquela mancha no chão era sangue, uma mancha pequena no chão, mas vermelho vivo, fresco. Entrei, já fazendo barulho e gritando cheguei, mas por dentro tava me tremendo toda. Eu já escutei história demais nesta vida, aqui dentro mesmo tanta coisa horrível acontecendo. Sabia que tinha algo errado, que não tava certo.

O apartamento dela é igual ao nosso, só que o inverso, tudo que aqui é esquerda lá era direita. Assim, eu sabia que o cheiro estranho que eu começara a sentir vinha de lá. Chamo mais uma vez da porta da sala. Desta vez, ela responde da cozinha mesmo e me manda entrar e fechar a porta rápido ‘a criança já, já chega e não quero que ele veja isso’. A verdade é que eu não queria ter visto nada daquilo, mas quando vi, já estava lá dentro.

A cena era grotesca, ela lá parada com as mãos todas ensanguentadas e a faca apoiada na pia, eu não sabia o que fazer, arrependida até o último fio de cabelo por ter tentando bancar a boa vizinha e levar pra lá droga da encomenda. E ela tava viva ainda quando você chegou? Nada, tava morta já, mas o sangue jorrava pela goela cortada e a bicha ainda se mexia. Só de lembrar, dá um embrulho no estômago. Na hora, senti a minha cabeça ficar leve demais, achei que fosse desmaiar e eu não podia desmaiar, e ela ainda queria que eu ajudasse a limpar.

Isso que dá sair entrando na casa das pessoas; para de rir, não tem a menor graça, o que você faria? Fala, o que você faria? Perguntaria que horas ficava pronta, oras. Uma iguaria destas, eu só comia quando minha avó era viva. Delícia de prato, galinha ao molho pardo, delícia de prato. Deu até fome; vai lá ué, 303 bloco 17, já deve estar pronta a esta hora.

201

Já passava da hora de dormir, mas a cama parecia se mexer debaixo do corpo. O lençol não cobria meu corpo todo de jeito nenhum. Será que havia crescido de um dia pro outro?

Já tentei contar os tais carneiros, de frente para trás, de trás para frente, tentei outros bichos, contei outras gentes com todos os numerais.

Um: o moço que vendia bala na frente da escola antiga, sempre me mandava uma

piscadela e me deixava pegar mais balas do que eu podia pagar. É para dividir com seus irmãos, avisava.

Dois: a Vizinha meio cega, mas que sempre acenava na janela quando ela chegava e que avisava quando era pra tirar a roupa do varal quando ia chover. Nunca errou uma, parecia que adivinhava nuvem pelo cheiro.

Três: a Vó, será que foi pro inferno por sempre faltar à missa, ou foi pro céu, já que fazia os melhores sonhos que já comeu?

Quatro: a moça que entregou as chaves da casa nova e me apertou a bochecha forte demais.

Cinco, seis, sete: os três vizinhos da frente sempre sentados na calçada estreita com o olhar vazio e seus bonés. Queria ser amiga deles, mamãe não deixava.

Zero: nenhum amigo aqui.

Vinte e três: muitos degraus até a porta de casa, gosto de descer pulando e subir contando, era a parte mais divertida da casa.

Quarenta e sete: quase uma hora até a escola e aquela professora emburrada.

Dois: quase vai amanhecer.

Um: meu quarto antigo; lá, o lençol cobria.

Zero: Um lugar sem frio. Casa.

202

Noite com lua cheia tão clara como sol. Acalma os passantes. Toda esta luz, não tem assalto hoje não. Mas também não tem estrelas, diz a criança mirando o chão.

Olho o horizonte pela janela, atrás de uma notícia boa pra lhe dar. Na TV, tudo parecia distante ou piada, melhor seria olhar o céu e a rua aluarada. Mas, quando olho pela janela, tudo que eu vejo é o nada. Será que havia algo de errado com meus olhos, minha mirada estava errada? Olhava e só via o nada!

A criança presente minha aflição e retruca: Me ensinou e já esqueceu, esta cidade é sólida, na luz e no breu não cria voadores. Tem nada aí no céu mesmo não, vem cá olhar pro chão mais eu, acho que aquele bicho ali tá desenhando uma estrela.

No chão, acha o que o céu não entrega. Pequenos insetos ensejando constelação. Tem nada aí no céu. Mal acredito que este chão seja meu. Tem vida ali no chão. Mal acredito que este chão seja delas. Mãe, quer desenhar o sideral com elas?

Já estive nesta situação outras vezes, os motivos variavam pouco, o marido se irritava com as horas. A hora que eu chego em casa, tarde demais; a hora que eu acordo pra faxinar, cedo demais; na hora que eu quero afago, sempre; a hora que eu lhe oferto o corpo, nunca. O marido se irritava. As vozes subiam tons, e de repente subiam as mãos... E desciam. Desta vez, a mão desce no rosto, estala na casa inteira, ecoa pelas paredes. Minha menina corre do quarto num passo firme e decidido, parece que pressente o que virá.

Puxa com as duas mãos, quer ir embora, mas suas mãos de criança não têm força pra me tirar do lugar. As minhas próprias mãos só acham o caminho do rosto, este quente e úmido de um choro contido. Tremo. A criança insiste, também já viveu isso antes. Sabe que depois dos gritos, vem o estalo, som seco e depois o silêncio, ela morre de medo do silêncio que vem depois. E eu morro de medo do depois.

Destampo o rosto, e o olhar da cria não me deixa outra opção, senão ceder. Um movimento e a filha já está no colo, o contato da pele me aguça a mira, dois passos e a porta. O marido grita as mesmas palavras de sempre, ‘na minha casa, minhas regras, se sair por esta porta, não se preocupe em voltar’. Saio batendo com força a porta da casa, a porta da casa dele.

Já estive nesta situação outras vezes, mas desta vez chovia. Um quarteirão de caminhada, encarnamos malabaristas saltitando sobre poças no chão enlameado e mal pavimentado. Na porta da vizinha, berro do portão. Sem resposta.

Uma outra espia da janela, fica olhando a cena por uns minutos e avisa que aquela que eu chamo não está em casa. ‘Tu que se adiante e saia da chuva antes que arranjem uma pneumonia’. Resta agradecer o aviso.

A cabeça a mil e o corpo inerte. Sem casa pra voltar. Sem ter pra onde voltar. Neste caminhar sem volta, para onde ir? Meu corpo mal aguenta, preciso de um perto para me encaminhar, um perto onde o pé possa alcançar quando a esperança dista.

A chuva aumenta. Encharcadas, o abrigo que tem é debaixo de uma árvore, do outro lado da rua. A menina parece encolher e segue muda desde que saímos de casa. Preocupa a chuva, mais que a mudez. Deveríamos voltar para casa.

Olha em volta, o branco das paredes do condomínio parece escorrer e dar a ver o cinzento do concreto. Ela odiara aquele lugar desde o primeiro dia, da cor à localização, do tamanho à gente que lá morava. Ela detestara, mas ele ganhara a tal casa. A avó dele ganhara, mas ele ocupara. A casa dele. Ela odiava aquele condomínio. Mas chove. Chove muito.

O que mata mais, arrependimento ou a pneumonia?

De novo, este choro, esta vontade infernal de desaguar; a filha segue quieta, quem sou eu para chorar? Ela me olha com estes olhos, a cara dele, esta criança, a cara dele. Melhor cobrir a cabeça com o capuz, filha. Bem da verdade, é que ela me mete medo. Com este tamanho, com esta idade, o que eu estava fazendo? Brincando? Não lembro, não lembro mesmo nada da infância. Não sei nada sobre criança. Mas esta daqui, esta menina, esta criança minha, parece saber muito de mim. Não tem como represar lágrima, não consigo mais...

E estes bracinhos que me apertam mais forte? Eu morro de medo. Morro de medo do agora. A rua já é rio, já me águo pelos poros e pelos olhos, o corpo parece que se desmancha em água – quanta água é preciso para uma decisão ser tomada? Quanta chuva? Quanta lágrima? Quantas porradas?

Que horas são? E estes ponteiros que não apontam mais nada, o tempo pareceu espiralar, curvando o espaço. Será que me rendo? O que mata mais rápido, o arrependimento ou a pneumonia? A mesma vizinha que lhe falara há pouco abre a porta de casa. Chega com duas toalhas e uma ideia.

Ideia simples: o 401 está vazio, a dona não vem há tempos. Ao menos, é um teto. Se limpar a sala, se improvisar uma comida. Não é sua casa, mas é abrigo até que a chuva cesse.

Não têm pra onde voltar. Têm pra onde ir.

O gesto mesmo de enxugar suas águas ia lhe devolvendo, aos poucos, a concretude. Secas e mais sólidas, seguimos junto à vizinha, dois impulsos e um salto, a menina passa de um colo a outro. Transpõe a janela quebrada da propriedade, atravessam a fronteira. Ainda chove e a criança treme, mas têm abrigo. São ocupantes agora, nunca estivemos nesta situação antes.

A vizinha diz baixinho para não acordar a menina que agora dorme: fico um pouco aqui com vocês. Talvez possa, por fim, se sentir sua casa.

Não era o lugar que ela odiava, afinal.

301

Os cinco filhos se aninham na cama pequena, se acotovelavam na costela procurando mais um pedacinho da cobertura. As cifras que se destinam ao valor do aluguel ultrapassam em muito a percentagem indicada pelos economistas. Trinta por cento de renda zero é zero – pois bem, gasto na medida. Este mês, não paguei nada, casa, água, luz, gastei exatamente o

indicado, zero, segui a risca. Mas também, devo cifras e favores, e todos os armazéns da esquina na certa me cobrarão assim que deitarem a vista em mim. Mais um motivo pra não sair de casa. Fico aqui, no quarto e sala aconchegada nas crianças. Tem erro, não. Não sonho mesmo com a tal casa que viria, não podia, é aqui que dormimos, bem aqui na casa que temos. Não me importa o que a tabela diz, é aqui cabe a minha vida.

Saiu de casa, tropeçou, era lar, na hora do jantar era moradia já, porta afora habitação e agora lhe dizem habitar... E você, onde quer morar quando crescer, perguntei para o mais novo. A resposta vem rápida. Com você...

302

Assobieei, como combinado. Ninguém desceu. Era a segunda vez que ela mudara de casa, ontem mesmo estava em outro apartamento. Possivelmente saíra fugida da polícia. Eu não queria ir atrás dela, não queria mesmo, mas iria...

A gente se conhecia desde que eu tinha doze anos de idade, e eu devia uma boa parte dos meus sorrisos a ela. Não importava como o dia tivesse ido, o tipo de treta que eu tivesse me metido, ela sempre me fazia ficar bem, sempre me fazia rir. Eu não queria mesmo ir atrás dela, mas fui.

O moleque da esquina, me indica a nova morada, agora esta escondida no apartamento 202. Ele deve ter visto que parte de mim titubeava e tenta facilitar, disse que por vinte reais ele a buscava para mim. Aceito.

Dez minutos de espera e antecipação, ideias aceleradas e o pensamento sempre nela. Durante a noite eu sempre prometia que seria a última vez, mas ela me seduzia.

O moleque volta e me estende o papelote. Agradeço pelo frete, se bem que é trabalho dele, bobagem agradecer. Ele sorri e volta para esquina. Eu já sentia o coração palpitar e a boca retesar um quase sorriso enquanto a apalpo no bolso da calça. Meço a quantidade com os dedos, veio uma quantidade boa. Deve dar para a noite toda.

303

Já estávamos para sair, eu procurava na bolsa algo enquanto ele impaciente tentava abrir a porta; quando finalmente consegue, a maçaneta sai da mão dele. Ele fica um tempo parado, olhava para a maçaneta e depois pra mim e de volta para a maçaneta em suas mãos, deve ter achado que eu ia brigar com ele, mas a gente estava atrasado demais até para brigar. Peguei o metal da mão dele e encaixei no lugar. Na volta a gente conserta, disse. Ele ainda me olhava

com cara de assustado.

Foi em silêncio o caminho quase todo, olhando para baixo como se pensasse em algo; na esquina da escola, aperta minha mão um pouco mais forte e estanca o passo. Não havia tempo para isso (me irritou, confesso), uns minutos a mais e ele perderia a primeira aula e eu, o último ônibus, ele não arreda o pé. Puxo com mais força e venço. Ele para de encarar o chão e me olha fixo enquanto eu quase o arrasto em direção à escola. Me irrita mais e, desta vez, quem para sou eu. Fala, menino o que que foi? Não quer ir para escola? Quero; então qual é o problema? A nossa casa está quebrada; Tá nada criança foi só a porta e a mamãe já botou no lugar. Não, mãe a nossa casa está quebrada, temos que consertar; Como assim quebrada? Para de inventar que a gente já está atrasado, tu tem aula e eu tenho trabalho; é só isso que a gente faz. Por isso, nossa casa está quebrada. Não vou nem fingir que entendi o que ele quis dizer, talvez eu nem tenha escutado na hora, eu só conseguia ouvir o passar das horas e o atraso. Mas ele insiste, na porta da escola ele repete, categórico. A nossa casa está quebrada, quer saber por quê? Vai, me dá um beijo aqui e você me conta depois. Ele balança a cabeça negando o beijo, de onde este menino tirou este gênio é que não sei. Tá bom, diz, por que nossa casa esta quebrada? Por que a gente não mora nela. Foi a minha vez de estancar o passo. Como assim, não moramos nele, filho? Acabamos de sair de lá.; Aham, a gente só sai e chega lá. A porta só abre duas vezes por dia, uma para sair e outra para entrar. Eu ia retrucar, ia responder, mas não faço, um tanto pelo atraso e um muito porque não sabia o que dizer. Não foi preciso porque, enquanto eu silêncio, ele sentencia: casa só é casa quando a gente fica! Entendo. Eu acaricio o cabelo, roubo um beijo e no pé do ouvido prometo: Amanhã, consertamos a casa tá? Eu e você, a gente fica em casa e abre a porta mais vezes para mais gente entrar. Na volta, a gente conserta. Ele acredita, sorri largo e me abraça antes de entrar na escola. Já eu, me preocupo em não deixar quebrar a vida. Ela pede passagem bem mais que duas vezes, bem mais que uma entrada e uma saída.

304

Acho que dormi na sala. Entre uma visita e outra dos problemas dos outros, entre uma leitura e outra das reticências naquelas leis, acho que dormi. Dormi e sonhei.

Sonhei com um tapete verde que avançava até o céu. Eu levitava sobre a serra, ainda que meu corpo pedisse chão. Quando finalmente aterrizo, o terreno tem outras cores que oscilam, ora branco, ora cinza, mais de mil vidas em cores passam antes que eu possa voltar a ver capim no céu. Parecia mesmo aqueles sonhos onde acordamos várias vezes, um sonho

dentro de um sonho, dentro de um sonho, dentro do verde.

Sonhei com paredes que rachavam sob a força do meu olhar, e prédios que cresciam só de eu respirar, lembro de me sentir onipotente, incompetente, indiferente e impotente em um curto espaço de tempo. Às vezes, vinha tudo junto no simples e pequeno gesto de levantar o crachá para me apresentar.

Lembro de uma sala abarrotada de pilhas mal equilibradas de papel que ameaçavam cair em minha direção, e do medo de morrer sufocada em meio à papelada; relatórios, pareceres, planilhas, decretos e dizeres e um pequeno bilhete no meio deles que dizia, ‘Fui porque tive que ir, obrigada pela companhia, tia’. A pilha caía e eu descobria que ainda dormia.

Sonhei com um telão que me mostrava as ruas abarrotadas de gente, em um desespero crescente pediam por manutenção e por mudança no mesmo grito. A imagem da tela se apaga, mas ainda ressoava no tímpano algo parecido com *jingles*.

Acordava já atrasada no meio da madrugada, levantava em corrida, ia sem querer ir, mas ia. Percorria um sem números de encruzilhadas, às vezes perdida, às vezes achada, tropeçava na ida, corria na volta, desconhecia, lembrava e, no fim, coabitava o meio-fio da mesma estrada.

E quando chegava, meio sem saber se fim ou começo, quem sabe no meio, já nem era mais eu, de tão misturada. Ou quem sabe era eu, exatamente porque me sabia habitada pela virtual desordem da estrada, das desfiguradas caras que vivem e morrem nas paredes e casas.

Sonhei que eles me pediam para que eu ficasse, que eles me perguntavam quando eu voltava, que eles me perguntavam o que mais eu poderia fazer, que eles choravam, que eu me entristecia, que a gente ria junto, que a hora não passava, mas as vidas seguiam. Sonhei que virávamos juntas aquela esquina, que você me convidava para um café, que me mostrava a dispensa quase vazia, que nós juntávamos a água do filtro de barro com o pó que pegara fiado, que me oferecia ali mais que lamento, queixa e pedido, que brincávamos com a borra do café, tecíamos cafeinados sorrisos.

Sonhei que eu trabalhava e quando bateram à porta, quem entra sou eu. Batia à porta, do lado de lá, ela dissera: entra, vizinha. Entrei.

Dormi na sala do trabalho e acordei em casa.

Acordei.

Fim da picada

Conclusão

*Mas a vida corre tanto, que ainda é meio dia e o dia já acabou.
A vida corre tanto, que anoiteceu o poema.
Que segue no escuro mesmo,
insistindo em raiar palavras*

Ainda pelo meio de estrada: onde trabalho vizinha com casa.

Processos de singularização, modos de ocupar o espaço doméstico – que passei a chamar de políticas de habitar – tomaram aqui relevo, na tessitura de pequenas narrativas ficcionais, que nos ajudaram a fazer emergir e consistir maneiras outras de habitar a casa.

Para a tarefa de dar passagem e narrar estas histórias outras, foi preciso forjar uma personagem que enunciasse; uma narradora que não se limitaria nem em ser a voz da pesquisadora, nem eco das vozes daqueles que habitavam o programa. Uma personagem forjada por vetores heterogêneos, e que tinha como função não enunciar a verdade do campo de pesquisa, mas sim complexificar a arena, tecendo novas e provisórias articulações entre aquilo que, momentos antes, julgávamos distante.

Ao longo destas páginas, a forja desta personagem, suas afetações, os acontecimentos enarrativas que possibilitam a mudança de local de enunciação da própria personagem – de início, a ‘trabalhadora’, a ‘tia do CRAS’ –, tipos psicossociais que enunciam, do seu lugar, palavras que nos ajudaram a encarar o campo de pesquisa. Mas, por fim, suas histórias acabaram por fazer agir também forças de manutenção. Foi preciso dar um passo à frente, para dar mais relevo à dimensão virtual da existência, à afirmação da vida em sua complexidade e incompletude.

Da trabalhadora à vizinha, personagem de múltiplas facetas; desde a zombadeira, a fofoqueira, a que provê auxílio, abrigo, mas também oferece risco e mistura. A trabalhadora, a tia do CRAS percebeu-se também vizinha dos seus usuários ao exercer, a seu modo, uma política de habitar aquelas casas e o próprio espaço de trabalho.

As cenas narradas pela vizinha (por este Eu que vizinha), nos impulsiona à invenção e produção de vida, para consistir um conceito de habitar, de casa, de vida não mais dirigida pelos pronomes possessivos. Trata-se do esforço de habitar um método de pesquisa que possibilite, na dobra da página, apagar o rosto da autora e mudar a relação com tipos sociais, forjando outros problemas de/para a pesquisa e, com isso, de/para o campo de pesquisa.

Desta forma Vizinha passa a nos ajudar a contar, no gesto de ficcionar mundos, histórias de espaço, de práticas espaciais, histórias de habitar, e não mais apenas de Políticas de Habitação.

Agora, nos últimos movimentos da escrita da dissertação de mestrado, passa a me inquietar a própria personagem forjada. Olho para ela com desconfiança, pois parece que, hoje, ela própria se quer grande e forte demais, talvez a Vizinha precise também virar verbo.

Movida complexa que exige tempo, muito mais tempo do que os dois anos

regulamentares do mestrado. Complexa, porque antevê mais do que a simples mudança de nomenclatura, mas sim um modo específico de habitar o espaço de trabalho, onde a pertença ao mesmo território dos usuários era condição para que o trabalho acontecesse.

Talvez a Vizinha precise também virar verbo; talvez seja preciso, no agir cotidiano de trabalho, um exercício de vizinhar e apostar em uma modulação no modo de ocupação do espaço, um modo de se localizar no mundo.

Se a vizinha é aquela com quem partilho o espaço, o avesso da minha parede, a que mora ao lado, habitante de espaço fronteiro ao meu, o exercício de vizinhar seria, então, de maneira análoga, a ação de sustentar presença nesta fronteira, colocar-se ao lado; gesto de afirmar sua pertença singular àquele espaço sem, no entanto, reivindicar propriedade. À vizinha, caberia um quê de equilibrista, se equilibrando no limiar do espaço, mas também de si.

Em uma segunda pista, vizinhar também implicaria um gesto de ocupação de si, de ocupar-se de si. O gesto de ocupar indicaria também certa relação consigo. A polifonia da palavra ‘ocupar’ nos interessa, podendo ser esta encarada como ato de tomar posse, reivindicar propriedade, dominar, apoderar-se, preencher. Mas nenhum destes gestos parece nos ajudar a seguir esta empreitada de interrogar o presente. Habitar, cuidar, dedicar-se, atarefar-se, parece-nos mais interessante.

Do caminho até aqui percorrido fica uma pista – talvez germe de uma aposta metodológica –; para aqueles que encaram a difícil tarefa de pensar, produzir conhecimento e pesquisas a partir dos espaços onde trabalham. Entendendo que os equipamentos territoriais como o CRAS pedem, de quem lá trabalha, um pouco de dentro e um pouco de fora, um tanto de rua, um pouco de casa e um tanto de vizinhança.

É, portanto, neste gesto, que instiga à criação de um mundo outro, no qual seguimos apostando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, A. M. R. M. COIMBRA, C. M. B. Quando a clínica se encontra com a política. In: *Polifonias: Clínica, política e criação*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005, pp. 41-49.
- AGAMBEN, G. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- AGAMBEN, G. *Homo- Sacer- O poder Soberano e a Vida Nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ALVARENGA, L. V. H. A Focalização e Universalização na Política Social Brasileira: Opostos e Complementares. Texto para discussão nº 56. Centro de Estudos Sobre Desigualdade e Desenvolvimento, UFF, outubro de 2011. Disponível: em <http://www.proac.uff.br/cede/sites/default/files/TD56.pdf> Acessado: em 7 de junho de 2018.
- ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo In: *REVISTA Estudos Feministas* v. 8, n. 1, 2000, p.229-236.
- AMORE C. S. Et al. Minha casa... e a cidade? avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2015.
- BALSEMÃO, R. "Hoje a luta das pessoas é individual. Não vejo mais luta de classes", afirma Mano Brown. In: Gaúcha ZH. Porto Alegre: 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2018/02/hoje-a-luta-das-pessoas-e-individual-nao-vejo-mais-luta-de-classes-afirma-mano-brown-cjd4ro6d7064k01kexrlfigt4.html> acessado em: 07 de junho de 2018.
- BARROS, M. E. B. PIMENTEL, E.H.C. Políticas públicas e a construção do comum: interrogando práticas PSI in: *Polis e Psique*, Vol. 2, n. 2, 2012
- BLANCHOT, M. *O livro por vir* - São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. 3ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.
- BOEHM, C. Dilma diz que o Governo ao limite de sua “capacidade anticíclica”. In Agência Brasil. São Paulo: 2015. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2015-05/dilma-diz-que-governo-chegou-no-limite-de-sua-capacidade-anticiclica> Acessado em: 7 de Junho de 2018
- BRASIL. Portaria Nº 269, De 22 DE Março De 2017. Dispõe sobre as diretrizes para a elaboração de projetos e aprova as especificações mínimas da unidade habitacional e as especificações urbanísticas dos empreendimentos destinados à aquisição e alienação com recursos advindos da integralização de cotas no Fundo de Arrendamento Residencial - FAR, e contratação de operações com recursos transferidos ao Fundo de Desenvolvimento Social - FDS, no âmbito do Programa Minha Casa, Minha Vida - PMCMV. Disponível em: http://www.portal.cohapar.pr.gov.br:81/portalDeProgramas/legislacao/FAR_ENTIDA

DES_PORTARIA_N_269_DE_22_DE_MARCO_DE_2017.pdf acessado: 7 de junho de 2018.

BRASIL. Lei nº 11.124, de 16 de Junho de 2005. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Habitação de Interesse Social – SNHIS, cria o Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social – FNHIS e institui o Conselho Gestor do FNHIS. Disponível em :http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/111124.htm acessado em : 07 de junho de 2018.

BRASIL. Ministério das Cidades/Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República. Pesquisa de satisfação dos beneficiários do Programa Minha Casa Minha Vida Brasília, DF: MCIDADES; SNH; SAE-PR; IPEA, 2014.

BRASIL. Lei Nº 11.977, De 7 de julho de 2009. Dispõe sobre o Programa Minha Casa, Minha Vida – PMCMV e a regularização fundiária de assentamentos localizados em áreas urbanas; altera o Decreto-Lei nº 3.365, de 21 de junho de 1941, as Leis nºs 4.380, de 21 de agosto de 1964, 6.015, de 31 de dezembro de 1973, 8.036, de 11 de maio de 1990, e 10.257, de 10 de julho de 2001, e a Medida Provisória nº 2.197-43, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/111977.htm Acessado em: 7 de Junho de 2018

BRASIL. Ministério das Cidades Secretaria Nacional de Habitação Plano Nacional de Habitação 2009. Disponível em:http://bibspi.planejamento.gov.br/bitstream/handle/iditem/285/Publicacao_PlanHab_Capa.pdf?sequence=1&isAllowed=y acessado em: 7 de junho de 2008.

BRASIL . Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. Cadernos SUAS. Nº 1, 2 e 3. Desafios da gestão do SUAS nos municípios e estados. Brasília: MDS; São Paulo: IEE/ PUC-SP , 2007

BRASIL. Ministério das Cidades. Secretaria Nacional de Habitação Curso de capacitação : trabalho social em programas de habitação de interesse social / Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação . – 2. ed. Brasília: MCidades/SNH ; [Florianópolis] : NUTE/UFSC, 2014. disponível em: http://cidades.nute.ufsc.br/downloads/MCidades_bookweb.pdf Acessado em: 7 de junho 2018

BUTLER, J. Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. Vidas Precárias In Revista Contemporânea. Dôssie Diferenças (des)Igualdades, N.1, 2011. p. 13-33

CAMARGO, E. N. Casa, doce lar: o habitar doméstico percebido e vivenciado. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São paulo 2007

CASTRO, E. V. Os involuntários da Pátria. São Paulo: N-1, 2016

- CAIXA. Bem vindo à sua nova Morada – Guia do Proprietário. S/D. MIMEO
- CENTRO de Referência Técnico em Políticas Públicas (CREPOP). *Referência técnica para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS/SUAS / Conselho Federal de Psicologia (CFP)*. Brasília: CFP, 2007.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CÔMITE INVISÍVEL. Aos Nossos Amigos. 2015 Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/262783/AosNossosAmigos2014.pdf> Acessado em: 7 de junho de 2018
- COSTA, L. A.; FONSECA, T. M.G. O Personagem Conceitual e a Poética Ficcional: Uma Estratégia de escrita no Empirismo Transcendental. In: Criações Transversais com Gilles Deleuze: Artes, Saberes e Política. Curitiba., 2016.
- DELEUZE, G.; PARNET, C. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.1. São Paulo: Ed. 34, 1995
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é filosofia? São Paulo: Ed. 34, 2010
- FJP. Déficit habitacional no Brasil 2015/ Fundação João Pinheiro, Diretoria de Estatística e Informações. – Belo Horizonte : FJP, 2018.
- FRANCO, M. A emergência da vida para superar o anestesiamiento social frente à retirada de direitos: o momento pós-golpe pelo olhar de uma feminista, negra e favelada In: Tem saída? Ensaio críticos sobre o Brasil. Porto Alegre: Editora Zouk, 2017.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade Vol. 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1994
- FOUCAULT, M. O corpo utópico, as heterotopias. São paulo N-1 Edições 2013.
- GARCIA, M.A.(Coord.) Lula Presidente – Plano de Governo 2007 / 2010. S/D Disponível em: http://csbh.fpabramo.org.br/uploads/Programa_de_governo_2007-2010.pdf Acessado em 7 de junho de 2018.
- GASPAROTTO, G.P., GROSSI, P. K., VIEIRA M.S. O IDEÁRIO NEOLIBERAL: a submissão das políticas sociais aos interesses econômicos. Anais do XI Seminário Internacional de Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea 2014 Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8153/2/evento_006%20-%20Patr%C3%ADcia%20Krieger%20Grossi.pdf Acessado em: 7 de Junho de 2018.
- GAGNEBIN, J. M. . História e Narração em W. Benjamin. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- GAGNEBIN, J. M. Lembrar Escrever esquecer. São. Paulo: Editora. 34, 2009.
- GAGNEBIN, J. M. Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e Histdna -- Rio de Janeiro: Ed. Imago 1997

- GUATTARI, F. Félix Guattari entrevista Lula. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982
- GUIZZO, I. Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2008.
- KRAUSE et al., Minha casa minha vida, nosso crescimento: onde fica a Política habitacional? Rio de Janeiro: IPEA, 2013.
- LAROSSA, J. Tremores: Escritos sobre experiência Belo Horizonte: Autêntica 2016.
- LE CORBUSIER. A carta de Atenas São Paulo: Hucitec, 1993
- LEMOS, M. S. O índio virou pó de café? : A resistência dos coroados em Valença frente a expansão cafeeira no Vale do Paraíba (1788-1836) Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Instituto de filosofia e ciências Humanas 2004.
- LORDE, A. The Uses of Anger Woman Responding to Racism. National Woman's Studies Association Conference. Connecticut, 1981. Disponível em: <http://www.blackpast.org/1981-audre-lorde-uses-anger-women-responding-racism> Acessado em: 7 de Junho de 2018.
- LULA, L. Discurso. In Leia a íntegra do discurso do ex- presidente Lula antes de se entregar., São Paulo: Folhapress, 2018. Disponível em: <http://www.valor.com.br/politica/5437251/leia-integra-do-discurso-do-ex-presidente-lula-antes-de-se-entregar> Acessado em: 7 de Junho de 2018.
- MARICATO, E., O Ministério das Cidades e a política urbana no Brasil: quais as ações do Ministério desde sua criação, os problemas e desafios enfrentados. In: Revista AU - Arquitetura e Urbanismo, nº 156. São Paulo: PINI, março de 2007, pp. 64-65.
- MASSEY, D. B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- NEVES, C. A. B. Pensando o Contemporâneo no fio da navalha: entrelaces entre desejo e capital. In: *Lugar comum. Rede Universidade Nômade*. v.19/20, 2004, p.135-157.
- ONU. Habitat III. Minuta Zero da Nova agenda Urbana. United Nations Conference on Housing and Sustainable Urban Development. Quito, Outubro 2016
- PARNET, C. O ABECEDÁRIO DE GILLES DELEUZE. 1995
- PELBART, P. P. Vida Capital – Ensaio da Biopolítica. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003
- PIANA, MC. A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. disponível em: <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830389-02.pdf> acessado em: 7 de junho de 2018
- PIAÚÍ, L. Deixa o homem trabalhar. 2006. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4no5ck9uREI> Acessado em: 07 de junho 2018.

- POL-DROIT, R. Michel Foucault, Entrevistas. São Paulo: Graal, 2006
- RANCIÈRE, J. A Partilha do Sensível: Estética e Política. São Paulo: Editora 34, 2009
- RANCIÈRE, J. O Desmedido Momento. In Revista Serrote. Rio de Janeiro: IMS, 2018.
- ROCK, E. RACIONAIS MC's Periferia é periferia em qualquer lugar. Sobrevivendo ao inferno, 1997. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vfbujF5sXOM> acessado em 07 de junho de 2018.
- ROLNIK, R., IACOVINI, R. F. G., KLINTOWITZ D. Habitações em Municípios Paulistas: CONSTRUIR POLÍTICAS OU “RODAR” PROGRAMAS? R. B. ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS V.16, N.2, p.149-165, / NOVEMBRO 2014
- ROLNIK, R. A guerra dos Lugares: a colonização da terra e da moradia na área das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.
- SZYMBORSKA, W. Poemas. São Paulo : Companhia das Letras, 2011
- TEPERMAN, R. Paratodos, para os pobres, pra ninguém. In: Revista Serrote. Rio de Janeiro: IMS, 2017. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2017/05/paratodos-para-os-pobres-pra-ninguem-por-ricardo-teperman/> acessado em 7 de junho 2018
- SINGER, A. Do sonho Rooseveltiano ao pesadelo golpista. In: Revista Piauí, n. 140. São Paulo: OKN Group, 2018. Disponível em: www.piaui.folha.uol.com.br/materia/do-sonho-rooseveltiano-ao-pesadelo-golpista Acessado em: 07/06/2018
- VILELA, E. Corpos Inabitáveis. Errância, Filosofia e Memória In: Enrahonar 31, 2000 Disponível em: <http://desteceres.com/errancia.pdf> Acessado em 7 de Junho de 2018.
- VILELA, E. Silêncios Tangíveis. Corpo, resistência e testemunho nos espaços contemporâneos de abandono. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

Lista de Audio visual

Programa **Família é família**, 3ª temporada, tema: Amizade. Canal GNT.

Documentário **o Sentido da moradia** acessado em: <https://youtu.be/qJNPct6IJY8>

Vinheta publicitária do Programa Minha Casa Minha Vida disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TurwMvY0auo>

Denúncia de vazamento de esgoto: <https://www.youtube.com/watch?v=SHyfbz-eAmE>

Lista de reportagem

<http://www.local.jor.br/colunas/ler/2520/chinezinho-uma-chantagem-que-nao-tem-fim>;

<https://www.andrecorrea.com.br/projetos/desenvolvimento-economico/industria-zeus-investe-pesado-em-valenca-e-vai-crescer-mais>;

<http://www.local.jor.br/noticias/ler/6237/fabrica-anuncia-fim-de-atividade-em-valenca>

<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/O-pato-da-Fiesp-nao-tem-nada-de-inocente/4/35178>

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/protesto-contrasaida-de-dilma-fecha-pistas-da-avenida-paulista.html>

<http://g1.globo.com/politica/operacao-lava-jato/noticia/2016/05/em-gravacao-juca-sugere-pacto-para-deter-lava-jato-diz-jornal.html>

https://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/10/politica/1476125574_221053.html

<https://exame.abril.com.br/brasil/imoveis-do-programa-minha-casa-ficam-maiores/>

<https://theintercept.com/2018/03/23/maior-conjunto-minha-casa-minha-vida-desabando/>

<https://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/388861764/mpf-rj-firma-acordo-pela-realizacao-de-obras-em-estacao-de-esgoto-em-valenca-rj>;

<http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/07/esgoto-invade-moradias-financiadas-pelo-minha-casa-minha-vida-no-rs.html>

http://www.portalnews.com.br/_conteudo/2017/02/cidades/51380-depois-do-teto-agora-e-esgoto-que-cai-em-apartamento-do-mcmv.html

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/11/moradores-do-minha-casa-minha-vida-relatam-problemas-de-estrutura.html>